



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
MESTRADO EM PSICOLOGIA

ANA PAULA REZZO PIRES REINERT

**INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS: diálogos sobre animais coterapeutas,
bem-estar animal e clínica de orientação fenomenológica**

São Luís – MA

2020

ANA PAULA REZZO PIRES REINERT

**INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS: diálogos sobre animais coterapeutas,
bem-estar animal e clínica de orientação fenomenológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa: Psicologia Clínica e Avaliação Psicológica.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba.

São Luís – MA

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Rezzo Pires Reinert, Ana Paula.

INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS diálogos sobre animais coterapeutas, bem-estar animal e clínica de orientação fenomenológica : diálogos sobre animais coterapeutas, bem-estar animal e clínica de orientação fenomenológica / Ana Paula Rezzo Pires Reinert. - 2020. 133 p.

Orientador(a): Jean Marlos Pinheiro Borba.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2020.

1. Clínica Fenomenológica. 2. Fenomenologia. 3. Intervenção Assistida por Animais. I. Pinheiro Borba, Jean Marlos. II. Título.

ANA PAULA REZZO PIRES REINERT

**INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS: diálogos sobre animais coterapeutas,
bem-estar animal e clínica de orientação fenomenológica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa: Psicologia Clínica e Avaliação Psicológica.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba

Examinado em: 23/11/2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Orientador)

Prof. Dra. Maria Izabel Dias Marques – EE (Membro Externo)

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenele (UFMA)

Prof. Dra. Valéria Marques de Oliveira (PPGPPSI-UFRRJ)

Profa. Dra. Fernanda Peixoto Martins (IPA/UFRA)

São Luís – MA

2020

Dedico este trabalho aos meus anjinhos que eu nunca pude sentir em meus braços, mas estarão sempre no meu coração. Espero um dia nos encontrarmos no céu.

AGRADECIMENTOS

Acredito que há muitas pessoas que participaram de alguma forma na conclusão deste mestrado. Não há como agradecer especificamente a todos aqui, mas há algumas pessoas que gostaria de mencionar.

Meu agradecimento especial a Deus por ter proporcionado paciência, resiliência e fé durante a trajetória desse mestrado, me ajudando a transformar os obstáculos em ferramentas para me impulsionar a vencê-los.

A Gilso Reinert pela paciência, companheirismo, compreensão, ajuda, pelo incentivo e por não me deixar desistir.

A minha família, pais, irmãos e cunhadas que incentivaram, torceram e acreditaram em meu potencial. Agradeço em especial ao meu irmão, Rômulo Rezzo, por toda parceria ao longo de minha jornada como pesquisadora.

Aos meus amigos do “TEAM CLÍNICA” Bruna, Yuri, Samiris, Samilly, Anne e Raul, que foram verdadeiros parceiros e me acolheram e ajudaram muito na trajetória do mestrado.

Aos meus queridos Romulo Rezzo, Bruna Guimarães e Lidiane Collares pelo apoio na redação do trabalho, na leitura das versões, indicação de material e por todo suporte. Vocês foram essenciais para a finalização deste trabalho e jamais esquecerei, obrigada!

A Thayane Oliveira pelo suporte metodológico acerca da fenomenologia, além de se mostrar totalmente disponível em ajudar em meio as minhas dificuldades.

A todos os colegas que ingressaram no mestrado junto comigo pelas trocas de experiência, escutas e momentos de descontração durante esses meses de pós-graduação;

A Lídia Smith Espaço Terapêutico, na pessoa da Lídia que ofereceu suporte em tratamentos baseados na medicina chinesa, além disso, pela amizade, por ouvir minhas angústias, alegria, empatia, risos e pelas palavras sábias.

A meu amigo Vicente Martins Júnior, por suas aulas maravilhosas sobre fenomenologia que foram imprescindíveis na construção deste trabalho.

Ao orientador deste trabalho, Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba, que me apresentou o tema. Pelas indicações de leituras, críticas, por sua exigência e paciência.

Agradeço também aos meus pacientes que aceitaram ser atendidos com a presença de um coterapeuta não humano, me mostrando a importância desta pesquisa.

A todos que podiam ter me ajudado, mas que não o fizeram porque a partir disso, eu descobri que sou mais forte e mais determinada do que eu mesma imaginara.

Gratidão também aqueles, que por algum motivo, não estão mais ao meu lado, mas que sempre foram grades incentivadores e ainda torcem e acreditam em mim.

Gratidão a todos que contribuíram direta ou indiretamente para conclusão desse sonho chamado mestrado.

O percurso não foi fácil, mas com a ajuda destas pessoas e acima de tudo de Deus, cheguei ao fim de mais um ciclo. Gratidão!

“A compaixão pelos animais está intimamente ligada a bondade de caráter, e quem é cruel com os animais não pode ser um bom homem”.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O estudo realizado tem como objetivo central, realizar uma fenomenologia da literatura científica publicada de 2014 a 2019 que apresentem evidências terapêuticas e psicoterapêuticas da participação de animais não-humanos como coterapeutas, nas práticas de Intervenções Assistidas por Animais (IAA). Problematiza, também, o especismo e a objetificação do animal nas práticas acessadas evidenciando o binômio homem-animal em diferentes contextos de atuação profissional. O caminho metodológico utilizado compreendeu a atitude e o método fenomenológico da produção científica sobre IAAs. Foram selecionados e analisados fenomenologicamente 35 estudos, sendo feitas especificamente as etapas de *epoché* e redução eidética, segundo as categorias: tipo de intervenção, espécie coterapeuta, sujeitos do estudo, delineamento, fenômeno e referência ao bem-estar animal. A atitude e o método fenomenológico permitiram (des)cobrir e realizar a crítica de como são utilizadas as IAAs, dentre elas as Terapias Assistidas por Animais, assim como permitiu uma leitura crítica dos dados coletados. Dentre os resultados sistematizados e analisados fenomenologicamente destacam-se o significativo aumento nas publicações científicas sobre IAAs, prevalência de estudos com cães como coterapeutas e investigações realizadas por psicólogos. Ao final, foram apresentados benefícios, riscos, limites e sugestões de outras pesquisas no campo das IAAs. A partir deste estudo, que utilizou 35 artigos científicos das plataformas: *BVS*, *PePsic* e *Pubmed*, foi observado que o contato do homem com animal apresenta melhorias significativas no quadro geral do paciente. Os estudos revelam interesse maior por cães coterapeutas e o público infantil como sendo mais beneficiado nas interações homem-animal. Questões relacionadas à preocupação com bem-estar animais pouco ainda são pouco discutidas.

Palavras-chave: Intervenção Assistida por Animais. Clínica Fenomenológica. Fenomenologia.

ABSTRACT

The main objective of this study is a phenomenology of scientific literature published from 2014 to 2019, presenting therapeutic and psychotherapeutic evidence of the participation of non-human animals as co-therapists, in the practices of Animal Assisted Interventions (AAI). It also questions the speciesism and objectification of the animal in the practices accessed, showing the binomial man-animal in different contexts of professional practice. The methodological approach used was the phenomenological attitude and method of scientific production on AAIs. 35 studies were selected and analyzed phenomenologically, specifically the stages of *epoché* and eidetic reduction, according to the categories: type of intervention, co-therapist species, study subjects, design, phenomenon and reference to animal welfare. The phenomenological attitude and method allowed (dis)covering and criticizing how IAAs are used, including Animal Assisted Therapies, as well as allowing a critical reading of the collected data. Among the results systematized and analyzed phenomenologically, we highlight the significant increase in scientific publications on IAAs, the prevalence of studies with dogs as co-therapists and investigations carried out by psychologists. At the end, benefits, risks, limits and suggestions from other research in the field of IAAs were presented. From this study, which used 35 scientific articles from the platforms: *BVS*, *PePsic* and *Pubmed*, it was observed that the contact between man and animal shows significant improvements in the patient general condition. The studies reveal a greater interest in dog co-therapists and the child audience as being more benefited in human-animal interactions. Issues related to concern for animal welfare are still little discussed.

Keywords: Animal Assisted Intervention. Phenomenological Clinic. Phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos.....	64
FIGURA 2 – Redução eidética dos tipos de Intervenções Assistidas por Animais (IAAs).....	81
QUADRO 1 – Publicação dos artigos, ano e local de indexação, relacionados com Intervenções Assistidas por Animais, no período de 2014 a 2019.....	65
QUADRO 2 – Descrição simples e evidenciação do que foi coletado.....	75
GRÁFICO 1 – Evolução no número de estudos sobre IAA.....	71

LISTA DE SIGLAS

AAA	Atividade Assistida por animais
ANDE-BRASIL	Agência Nacional de Equoterapia
ARCA BRASIL	Associação Humanitária de Proteção ao Bem-Estar Animal
C-BARK	<i>Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire</i>
CFMV	Conselho Federal de Medicina Veterinária
CONCEA	Conselho Nacional de Experimentação Animal
EEA	Educação Assistida por Animais
GEBEA	Grupo de estudos em Bem-estar Animal da UEMA
GEPSIAA	Grupo de Pesquisas em Saúde e Intervenções Assistidas por Animais
IAAS	Intervenções Assistidas por Animais
IAHAIO	<i>International Association of Human-Animal Interaction Organization</i>
ICT	Instituto Cão Terapeuta
IHA	Interação Homem-animal
ONG	Organização Não Governamental
TAA	Terapias Assistidas por Animais
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UIPA	União Internacional Protetora dos Animais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Justificativa	18
1.1.1	<i>Redução eidética.....</i>	23
1.1.2	<i>Redução transcendental.....</i>	23
1.1.3	<i>Localização e seleção dos estudos sobre IAAS.....</i>	24
1.1.4	<i>CrITÉrios de inclusão.....</i>	25
1.1.5	<i>CrITÉrios de exclusão.....</i>	25
2	A RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL.....	27
2.1	O animal como facilitador do processo terapêutico.....	29
2.2	Animais coterapeutas.....	31
2.3	Seleção dos animais coterapeutas.....	33
2.4	Afeto catalisador.....	34
2.5	O especismo na relação homem-animal.....	37
2.6	Os animais e suas funções sociais.....	41
2.6.1	<i>Gatos.....</i>	41
2.6.2	<i>Cavalos.....</i>	42
2.6.3	<i>Golfinhos.....</i>	42
2.6.4	<i>Cães.....</i>	42
3	O BEM-ESTAR ANIMAL.....	44
4	AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS - IAAS.....	50
5	PSICOLOGIA E FENOMENOLOGIA.....	55
5.1	O psicólogo e a clínica na orientação fenomenológica	57
6	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	64
6.1	Análise fenomenológica da literatura.....	64
6.2	Coterapeutas participantes.....	71
6.3	Tipo de intervenção utilizada.....	72
6.4	Resultados obtidos com coterapeutas.....	72
6.5	Ciclo de vida dos participantes.....	73
6.6	Fenômenos emergentes.....	75
6.7	Métodos utilizados nas literaturas selecionadas.....	76
6.8	Área do profissional que conduziu o estudo.....	81
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83

REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	97
ANEXO A – <i>Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire – C-BARQ</i>.....	98
APÊNDICES.....	99
APÊNDICE A – Protocolo de pesquisa do artigo de Roma (2015).....	100
APÊNDICE B – Protocolo de pesquisa do artigo de Hetland, Bailey e Prince-Paul (2017).....	101
APÊNDICE C – Protocolo de pesquisa do artigo de Oliveira, Ichitani e Cunha (2016).....	102
APÊNDICE D – Protocolo de pesquisa do artigo de Swall <i>et al</i> (2016).....	103
APÊNDICE E – Protocolo de pesquisa do artigo de Kern-Godal <i>et al</i> (2016).....	104
APÊNDICE F – Protocolo de pesquisa do artigo de Araújo <i>et al</i> (2018).....	105
APÊNDICE G – Protocolo de pesquisa do artigo de Rigoni, Paiva e Souza (2017).....	106
APÊNDICE H – Protocolo de pesquisa do artigo de Oliveira e Cunha (2017).....	107
APÊNDICE I – Protocolo de pesquisa do artigo de Pereira <i>et al</i> (2017).....	108
APÊNDICE J – Protocolo de pesquisa de Tan e Simmonds (2017).....	109
APÊNDICE K – Protocolo de pesquisa de Swall <i>et al</i> (2017).....	110
APÊNDICE L – Protocolo de pesquisa do artigo de Cechetti <i>et al</i> (2016).....	111
APÊNDICE M – Protocolo de pesquisa do artigo de Moreira <i>et al</i> (2016).....	112
APÊNDICE N – Protocolo de pesquisa do artigo de Milhomem, Calefi e Marodin (2018).....	113
APÊNDICE O – Protocolo de pesquisa do artigo de Mello <i>et al</i> (2018).....	114
APÊNDICE P – Protocolo de pesquisa do artigo de Ferreira <i>et al</i> (2017).....	115
APÊNDICE Q – Protocolo de pesquisa do artigo de Paloski <i>et al</i> (2018).....	116
APÊNDICE R – Protocolo de pesquisa do artigo de Santos e Silva (2016).....	117
APÊNDICE S – Protocolo de pesquisa do artigo de Zamo e Trentini (2016).....	118
APÊNDICE T – Protocolo de pesquisa do artigo de Silva, Lima e Salles (2019).....	119
APÊNDICE U – Protocolo de pesquisa do artigo de Hediger, Meisser e Zinsstag (2019).....	120
APÊNDICE V – Protocolo de pesquisa do artigo de Yakimicki (2018).....	121
APÊNDICE W – Protocolo de pesquisa do artigo de Swall <i>et al</i> (2019).....	122

APÊNDICE X – Protocolo de pesquisa do artigo de Perez <i>et al</i> (2019).....	123
APÊNDICE Y – Protocolo de pesquisa do artigo de Machová <i>et al</i> (2019).....	124
APÊNDICE Z – Protocolo de pesquisa do artigo de Mutoh <i>et al</i> (2019).....	125
APÊNDICE AA – Protocolo de pesquisa do artigo de Hediger (2019).....	126
APÊNDICE AB – Protocolo de pesquisa do artigo de Wijker <i>et al</i> (2019).....	127
APÊNDICE AC – Protocolo de pesquisa do artigo de Karefjård e Nordgren (2018).....	128
APÊNDICE AD – Protocolo de pesquisa do artigo de Zafra-Tanaka (2019).....	129
APÊNDICE AE – Protocolo de pesquisa do artigo de Menna <i>et al</i> (2019).....	130
APÊNDICE AF – Protocolo de pesquisa do artigo de Jones, Rice e Cotton (2019).....	131
APÊNDICE AG – Protocolo de pesquisa do artigo de Ambrosi <i>et al</i> (2019).....	132
APÊNDICE AH – Protocolo de pesquisa do artigo de Hinic <i>et al</i> (2019).....	133

1 INTRODUÇÃO

Desde as antigas civilizações (a.C.), os animais têm tido muita importância na vida dos homens, pois, sempre foram vistos como seres poderosos que de alguma forma indicavam cuidados e zelo para com os humanos. Descendentes de lobos, os cães foram os primeiros animais a serem domesticados entre 10 mil e 20 mil anos atrás (DOTI, 2005). Por sua vez, acredita-se que os felinos tenham sido introduzidos pelos neolíticos. Nesse período, os gatos tinham a função de controlar a população de ratos que atacavam as plantações de cereais do Chipre e do Oriente Médio. Desse modo, é provável que sua domesticação tenha começado entre 12 e 14 mil anos atrás (FULBER, 2011).

As teorias apontam que os alguns lobos andavam atrás dos homens para se aproveitar dos restos de comida. Instintivamente, eles perceberam que ao lado das tribos teriam alimento fácil e passaram a dividir o mesmo território. Com os lobos por perto, os homens viram que estavam mais protegidos de ataques de outros animais e permitiram tal aproximação. Os cães que conhecemos são descendentes dos lobos, porém o que muita gente discute é como parte deles se aproximou e acabou sendo domesticado pelo homem. Com o tempo, os filhotes das gerações seguintes dos lobos já não eram capazes de caçar sozinho e tinham o homem como única fonte de alimentos. Foi aí que começou uma das amizades mais longas e sinceras do planeta: o cão e o homem. O cão precisa enxergar o homem como sendo o seu “macho alfa” e isso começou nessa época. Quanto mais o filhote percebe a presença do homem, mais ele entende como somos seus “líderes”. Portanto, um protetor e provedor de alimento, tudo na base da troca (ALBUQUERQUE; CIARI, 2016).

A criação de animais de estimação ou de companhia é uma característica universal nas sociedades humanas. O relacionamento entre homens e animais é uma entidade difícil que foi iniciada nos primórdios da história com a domesticação dos animais, a qual se mantém até hoje graças a sentimentos muito peculiares (FARACO, 2008). Além do apego e afeto, os animais de estimação desempenham inúmeros papéis, seja para o indivíduo no círculo familiar ou em contexto social mais amplo. Há uma conscientização sobre a importância da socialização dos animais domésticos, não só com membros das famílias, mas com outros animais.

Entre os muitos papéis representados pelos animais estão os mais óbvios e conhecidos, como: cão para caça, para guarda, pastores de rebanhos, no trabalho policial, guia de portadores de necessidades especiais. Além, ainda, de objetos de estudos e discussões (SERPELL *et al.*, 2013).

No campo da Psicologia temos a psicoterapia com Intervenções Assistidas por Animais, cujas sessões devem ser acompanhadas por um psicólogo devidamente habilitado. O vínculo afetivo que o paciente estabelece com o animal é o ponto inicial para o sucesso da terapia, pois favorece a comunicação com o terapeuta. Além disso, as atitudes com o animal durante a sessão podem desenvolver uma relação de maior confiança entre o paciente e o animal (RAMOS; PRADO; MANGABEIRA, 2016).

O uso de animais para o benefício humano data do período neolítico, quando a domesticação de animais como gato, cabras, ovelhas, entre outros foi iniciada. Ao longo da existência dos indivíduos, encontramos muitas referências sobre os benefícios dos animais não humanos para saúde dos animais humanos. Por exemplo, a utilização do cavalo como forma de terapia data de 400 a.C., período em que Hipócrates utilizou-se de um equino para reestruturar a saúde de seus pacientes (PLETSCH, 2013).

Um dos primeiros registros acerca da comunicação relativa aos benefícios da interação prazerosa com cães sobre a capacidade de interação social de crianças em contexto clínico foi feita em 1962, pelo psicólogo Boris Levinson, em um artigo intitulado *The dogs as co-therapist* (O cão como terapeuta). Desde então, profissionais de várias áreas têm utilizado animais em suas práticas ocupacionais, sejam elas terapêuticas, educacionais e recreativas (ROCHA; MUÑOZ; ROMA, 2016). No Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) introduziu no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, a utilização de animais como parte da terapia com os pacientes esquizofrênicos, observando, na ocasião, uma significativa melhora nas reações dos pacientes (RAMOS; PRADO; MANGABEIRA, 2016).

A relação da Psicologia com os animais sempre esteve presente desde o início da sua constituição enquanto ciência com finalidade didática, sobretudo nos laboratórios de psicologia experimental. Tornou-se uma tradição no Brasil o uso de ratos albinos em laboratório animal, operante para o ensino de análise experimental de comportamentos. Essa tradição foi demonstrada por Tomanari e Eckerman (2003).

A legislação de bem-estar animal no Brasil teve como ponto de partida o Decreto nº 24.645, de 10 julho de 1934, o qual estabelece medidas de proteção animal (BRASIL, 1934). A Constituição Federal de 1988, em seu artigo nº 225 dota o poder público de competência para proteger a fauna e a flora, vedando práticas que submetam os animais a crueldade (BRASIL, 1988).

Outrossim, cabe destacar que a atitude de tratar os animais não humanos como se fossem completamente inferiores aos humanos é designado como *especismo*. Esse termo foi proposto

pelo psicólogo britânico Richard Ryder, em 1970 e, posteriormente, popularizado pelo filósofo australiano Singer (1998, p. 25), o qual afirma que:

O especismo pode ser definido como qualquer forma de discriminação praticada pelos seres humanos contra outras espécies. Como o racismo ou o sexismo, o especismo é uma forma de preconceito que se baseia em aparências externas, físicas etc. A simples constatação de uma diferença é usada como um pretexto ou motivo para a não aplicação do princípio ético da igualdade, entendida como igual consideração de interesses... A crítica ao especismo é especialmente elucidativa para repensarmos atitudes nossas tão arraigadas como saborear a carne de um animal, um interesse muito pequeno quando comparado à vontade de viver daquele animal.

A busca por serviços em saúde mental vem se expandindo nos últimos dias, o que pode sugerir um aumento de pessoas desenvolvendo transtornos mentais comuns, tais como ansiedade, depressão e outras síndromes psiquiátricas, além de fatores sociais que podem desencadear desequilíbrio emocional.

Essas pessoas, geralmente, optam pela medicalização da existência, ou seja, uma busca inconsequente pelo imediatismo na amenização de seus sofrimentos. Nesse contexto, as Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) vêm se destacando, devido aos benefícios apresentados e por se tratar de relevantes aliadas nos referidos tratamentos, tendo em vista sua expansão. Em São Luís (MA), já são identificados profissionais da Psicologia, como o Psicólogo Jean Marlos Pinheiro Borba, orientador deste estudo, bem como os demais especialistas por ele orientados, a saber: Silvia Helena Cutrim Tavares e Rayana Lorena Viera de Sousa (com experiência de voluntariado no serviço de equoterapia da Polícia Militar do Maranhão – PMMA), Ma. Lidiane Collares, mestrando Felipe Fook Bastos e a autora desta pesquisa, os quais desenvolvem estudos nessa área. Há, também, estudos que foram desenvolvidos em nível de iniciação científica pelos discentes de graduação em Psicologia: Jonas Aguiar Alves Junior, Francislane Bonfim Freitas, Loyane Ellen Silva Gomes, Kaio Felipe Queiroz Silva, Karlesandra Ferreira da Cruz e pelo discente de Licenciatura em História, Marcelo Durans Silva.

A comprovação científica dos aspectos positivos do uso de animais para a saúde humana se multiplica rapidamente pelo mundo e vem mostrando eficácia, podendo servir, inclusive, como alternativa terapêutica à medicalização com ampla aplicabilidade, pois, atende em múltiplos espaços, tais como escolas, hospitais e instituições sociais. No entanto, é um desafio que persiste para distintos profissionais, o respeito pelas necessidades dos animais, assim como para os pacientes, sem violar a animalidade do animal não-humano, objetificando-os e naturalizando a prática, sem levar em consideração o seu bem-estar.

Minha preocupação gira em torno dos papéis que esses animais assumem na posição de objeto da ciência natural, como tem sido mantido ao longo da história, não os respeitando enquanto seres vivos, por sua vez dotados de capacidade empática. As Intervenções Assistidas por Animais, ainda não têm uma prática padronizada e nem todos os que as utilizam possuem conhecimento suficiente para este exercício, o qual pode gerar impactos negativos à saúde e ao bem-estar animal.

1.1 Justificativa

Durante toda minha vida, desde muito pequena tive uma relação estreita com os animais. Morávamos em uma casa grande e, por esse motivo, meu pai sempre tinha cachorros e afirmava que estes eram os melhores amigos do homem. Eu cresci nesse contexto, onde os animais conviviam muito próximos a nós. Em algumas situações, outras pessoas ofereciam os cachorros ainda filhotes para meu pai, ele aceitava e eu ficava responsável por cuidar deles, alimentando com mamadeira, dando banho e brincando.

O interesse pelo assunto surgiu no ingresso ao mestrado, cuja temática com a qual venho estreitando relações foi apresentada junto ao orientador da presente pesquisa. Embora minha proposta inicial de pesquisa fosse de ordem totalmente distinta, estudar e escrever sobre o benefício dos animais em nossas vidas traz para mim, atualmente, muita satisfação devido ao amor e respeito que estimo pelos animais, em especial por cachorros.

A partir do momento em que me foi apresentada essa temática, comecei a buscar por artigos, livros, participação em grupos de pesquisa realizados na UFMA e em eventos que abordassem esse assunto, bem como iniciei a identificação de artigos indexados que tratassem das Intervenções Assistidas por Animais.

Concomitantemente ao uso de animais em práticas experimentais, o século XX foi marcado tanto pelo crescimento do debate sobre o bem-estar animal quanto pelas questões relacionadas à ética em sua utilização com finalidades didático-científicas. Pautando-se em uma discussão ética, Singer (2010) pontua que o bem-estar de animais não humanos está atrelado à extensão do direito à vida e à ausência de maus-tratos, sofrimento e exploração deles.

Entre os muitos papéis representados pelos animais estão os mais óbvios e conhecidos como: cão para caça, para guarda, pastores de rebanhos, no trabalho policial, guia de pessoas com deficiência, dentre outros. Além disso, ainda se constituem objeto de distintos estudos e discussões (SERPELL *et al*, 2013).

Por ser tutora de três cadelas, minhas visitas aos consultórios veterinários e “*pets*” são constantes e, a partir dessa vivência, observo que estes espaços se transformaram em centros comerciais, trazendo embutidos em sua estrutura um grande arsenal de produtos, não só de brinquedos, roupas e alimentos, mas, também de filhotes de animais que foram retirados precocemente de perto de suas mães para serem comercializados como um item da loja.

Os animais não são vistos simplesmente como um objeto, vai muito além disso, pois são como entes da família. Há inúmeros casos em que estes são considerados como se fossem filhos, irmãos ou melhores amigos. Os animais oferecem companhia e amor sem as exigências dos seres humanos, além de aceitarem seus tutores sem nenhum julgamento. Esses saudáveis e estreitos relacionamentos criam vínculos fortes e duradouros que favorecem inúmeros benefícios mútuos (INÁCIA, 2018).

Esse tema é diariamente observado por meio dos benefícios pessoais que minhas cadelas me trazem. Sem dúvidas, a presença delas em casa torna o ambiente mais alegre. Partindo da minha vivência, posso assegurar que os animais de estimação fazem bem à nossa saúde como um todo. Em minha vida adulta tive experiências que comprovam esta afirmação, quando tive que mudar para uma cidade onde não residiam quaisquer familiares meus. Para minimizar a minha solidão, fui presenteada com uma cadela, a Merida, que me fazia companhia e passou a ir para onde eu fosse, em especial locais que aceitasse a presença de animais não humanos. Além dessa experiência, há aproximadamente um ano e meio depois, eu passei por um aborto espontâneo, na ocasião sofri muito e tive dificuldades para abandonar o luto. Posteriormente, fui presenteada com outra cadela, Ariel, que tem características comportamentais de energia, sociabilidade e ama brincar.

Em abril de 2019 encontrei uma cadela abandonada, cega de um dos olhos e com câncer de mama. Os olhos, infelizmente, não foram possíveis de salvar, mas o veterinário realizou uma cirurgia de mastectomia total, Bela está ótima e pertence à família.

Um das melhores sensações vivenciadas na rotina é o momento em que chego em casa e elas me recebem com amor. A alegria é contagiante para ambas as partes e independente dos acontecimentos do dia, por alguns minutos, essa felicidade me contagia e tenho uma sensação de bem-estar inexplicável.

Para tal, eu disponibilizo pelo menos um horário do dia para me dedicar e dar atenção exclusiva às minhas cadelas, além de passear diariamente com elas. Merida, Ariel e Bela são as cachorras que deixam a minha rotina e os problemas mais leves, pois é impossível estar na presença delas e não aproveitar todo o amor e companheirismo que as mesmas oferecem.

Não importa quantas horas ou minutos eu fique ausente de casa, ao retornar, a recepção é sempre com entusiasmo e felicidade por ambas as partes. Além disso, as minhas cadelas me acompanham para onde quer que eu vá. Estão próximas a mim, deitadas aos meus pés ou trazendo algum brinquedo na boca para que eu jogue. Sinto como se de alguma forma estive sendo vigiada e protegida por elas. Percebo que nessa relação existe benefícios mútuos, pois interajo com elas respeitando seu espaço, liberdade e tempo de querer ou não ficar comigo, sem tornar esse momento exaustivo para elas.

Diante disso, enxergo as Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) como um âmbito que possibilita a atuação clínica profissional, tendo em vista se tratar de uma prática que é pouco desenvolvida em São Luís (MA). Cabe destacar, também, que existe apenas um Grupo de Estudos e Pesquisa na Universidade Federal do Maranhão, o Grupo de Pesquisas em Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas por Animais (GEPPSIAA), coordenado pelo orientador deste trabalho e o Grupo de Estudos em Bem-Estar Animal (GEBEA) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Em face disso, na condição de pesquisadora, fica a reflexão sobre o nosso lugar *especista* e egoísta, visto a condição humana de nos acharmos superiores aos animais não humanos, esperando que eles apenas nos sirvam, visando apenas o benefício do homem sem levar em consideração o que eles sentem, necessitam e suportam. Pressuponho que a maioria das relações entre homem e animal são relações de objetificação, com o intuito benefícios particulares, resultando em uma pauta de que merece ser discutida e repensada.

Dessa forma, esta pesquisa se dedica a investigar o uso científico, não naturalista e experimental de animais. Não como objetos que venham a atender somente a necessidade do homem, mas colocá-los em uma posição de protagonistas, como coterapeutas, buscando por meio da literatura, se estes animais estão em situação de privação de liberdade, constrangimento ou qualquer procedimento que retire sua natureza. Além disso, busca realizar um levantamento bibliográfico acerca das Intervenções Assistidas por Animais e suas possíveis contribuições para a clínica de orientação fenomenológica husserliana, bem como tentar conscientizar a população sobre a importância dos animais em nossa vida.

A relevância deste estudo está em cooperar e contribuir de alguma forma com a comunidade científica para a ampliação, divulgação, aprimoramento e consolidação das práticas de Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) dentro da Psicologia e em outras áreas do conhecimento. Nessa busca, percebi a relevância desta pesquisa, sobretudo para a ciência psicológica, devido à escassez de publicações sobre a temática em língua portuguesa e pela ausência de pesquisas empreendidas por psicólogos.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo realizar um estudo fenomenológico de estudos que apresentem os efeitos terapêuticos e psicoterapêuticos dos animais como coterapeutas, problematizando a objetificação animal no contexto da clínica psicológica. Para alcançar o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram pensados:

- a) apresentar as Intervenções Assistidas por Animais e suas características;
- b) problematizar a naturalização das Intervenções Assistidas por Animais como técnica ou recurso;
- c) caracterizar a Psicologia Clínica de Orientação Fenomenológica;
- d) apresentar as possibilidades terapêuticas da interação homem – animal para a psicologia clínica de orientação fenomenológica.

O trabalho justifica-se pelo aumento expressivo de pessoas desenvolvendo transtornos mentais comuns como: ansiedade, depressão e outras síndromes psiquiátricas. Além de fatores sociais que podem desencadear desequilíbrios emocionais. Estas pessoas geralmente optam pela medicalização da existência, bem como uma busca inconsequente pelo imediatismo na amenização de seus sofrimentos.

Por outro lado, pesquisas revelam o aumento expressivo do interesse da população por animais. Em São Luís (MA), por exemplo, é possível perceber a expansão desse mercado de forma rápida e constante. Na atualidade, os consultórios veterinários se transformaram em centros comerciais, os quais trazem embutidos em sua estrutura um grande arsenal de produtos. Não só de objetos e comidas, mas, também de filhotes de animais que foram retirados precocemente de perto de suas mães para serem comercializados como um item da loja.

A comprovação científica dos aspectos positivos do uso de animais para a saúde humana se multiplica rapidamente pelo mundo e vem mostrando eficácia. Tal uso, pode servir como alternativa terapêutica à medicalização, visto sua ampla aplicabilidade, pois atende em múltiplos espaços, tais como escolas, hospitais e instituições sociais. No entanto, é um desafio para os distintos profissionais o respeito pelas necessidades dos animais, assim como para os pacientes, sem violar a animalidade do animal não-humano, os objetificando e naturalizando a prática, sem levar em consideração o seu bem-estar.

Minha preocupação gira em torno dos papéis que esses animais assumem na posição de objeto da ciência natural, como tem sido mantido ao longo da história, o desrespeito enquanto seres vivos, dotados de capacidade empática. As Intervenções Assistidas por Animais, ainda não têm uma prática padronizada, pois nem todos que as utilizam possuem conhecimento

suficiente para este exercício, ou seja, isto pode gerar impactos negativos na saúde e bem-estar animal.

Levando em conta o adoecimento mental da sociedade e o uso de intervenções assistidas por animais, com vistas a orientar o trabalho foi elaborado o seguinte questionamento: Como as Intervenções Assistidas por Animais podem surgir como uma alternativa ética no processo terapêutico, no caso desta pesquisa, explorando mais no contexto da clínica psicológica?

Com vistas a responder a referida questão, o percurso metodológico tomou como base a atitude e o método fenomenológico elaborado por Edmund Husserl (1859-1938) e “aplicado” às IAAs, conforme é descrito a seguir.

A fenomenologia é uma atitude e método de rigor que possibilita o acesso, a descrição, a compreensão e análise do fenômeno. O universo de pesquisa é composto por publicações que apresentam a Interação Homem-Animal (IHA) e as Intervenções Assistidas Animais (IAAs), bem como a Psicologia Clínica Fenomenológica.

Após concluído o levantamento, os dados foram organizados e lidos, a partir disso partiu-se para a elaboração de fichamentos-resumos, esquemas e quadros de análise, a fim de conhecer (conhecer não, alcançar os objetivos do projeto). A fenomenologia permitiu a sustentação teórico-metodológica para o processo, pois tem uma visão que propõe a suspensão de pré-conceitos e valores em função de um entendimento claro e objetivo dos fenômenos alvo do trabalho.

Nas análises conduzidas por Husserl, foi sublinhada que a característica decisiva da pesquisa fenomenológica é o estudo das vivências da consciência. A fenomenologia é, portanto, o estudo daquilo que se mostra, que afirma a importância dos fenômenos da consciência, os quais devem ser estudados em si mesmos, de maneira pura (BARBIERI, 2011).

No método fenomenológico de Husserl é obrigatório que ocorra a redução fenomenológica. Esta pode ser dividida em dois momentos, são eles:

- a) a redução eidética, que tem por objetivo compreender o fenômeno puro buscando identificá-lo em sua pureza, suspendendo as crenças individuais da vivência do mundo descrevendo o fenômeno;
- b) redução transcendental na qual consiste na vivência da essência (ALES BELLO, 2006).

1.1.1 Redução eidética

De acordo com Lévinas (1949/1999), o objeto possui uma visão ingênua pela qual a fenomenologia é capaz de desconstruir o fenômeno, evidenciando o objeto de estudo. A visão parcial do objeto o torna abstrato, pois ela é apenas um pedaço de uma idealização do mundo.

Contudo, para que tal envolvimento entre o pesquisador e o objeto de estudo seja condizente com uma pesquisa fenomenológica, segundo Husserl (1954/2012), é preciso adotar a *epoché*, também chamada de redução fenomenológica. É essencial sair da atitude natural e ir ao encontro da atitude fenomenológica.

A *epoché*, ou seja, colocar o mundo entre parênteses, não nega a existência do mundo natural, mas renuncia ao seu uso em um esvaziamento momentâneo de qualquer julgamento ou pré-conceito para que se estude o fenômeno tal qual ele se mostra a consciência intencional (HUSSERL, 1913/2006).

No primeiro momento da pesquisa fenomenológica, foi realizada a leitura por completo das obras selecionadas, as quais também puderam ser relidas quantas vezes o pesquisador considerou necessário com intuito de se apropriar das experiências coletadas, sem emissão de julgamentos ou busca de qualquer interpretação das pesquisas realizadas com IAAS, a fim de ser formado um substrato de experiências vividas e, a partir dele analisar suas contribuições mediante uma compreensão real do objeto, ou seja, obter *insights*, aspectos e compreensões do que o sujeito deseja falar (MARTINS; BICUDO, 1994).

1.1.2 Redução transcendental

O segundo momento da pesquisa fenomenológica, denominado por Husserl como redução transcendental, pode ser explicitado por meio da seguinte citação:

Um objeto individual não é meramente individual, um este aí!, que não se repete; sendo “em si mesmo” de tal e tal índole, ele possui sua especificidade, ele é composto de predicáveis essenciais que têm de lhe ser atribuídos (“enquanto ele é como é em si mesmo”), a fim de que outras determinações secundárias, relativas, lhe possam ser atribuídas” (HUSSERL1913/2006, p. 35).

As unidades de significados surgirão conforme a análise husserliana for aplicada, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado, uma vez que se tratará de uma análise psicológica espontaneamente percebida pelo pesquisador durante a leitura do texto, notando

mudanças de significado psicologicamente sensíveis para o sujeito, sem a presença dos fatos, portanto, apenas das essências.

Assim sendo, a partir do método fenomenológico, mais especificamente da redução transcendental, que se buscará compreender o conteúdo e as intenções presentes na literatura sobre a utilização de animais como coterapeutas. Na redução transcendental, irei me debruçar sobre as descrições das pesquisas coletadas, a fim de analisar as essências da forma como eu as percebo e as ressignifico no meu mundo vivido e, a partir daí, seja possível fazer uma articulação com o estudo teórico, com vistas a evidenciar as contribuições do meu estudo para a Psicologia de orientação fenomenológica.

Como pesquisadora é minha atribuição, enquanto utilizadora do método fenomenológico, valorizar minhas experiências diante do objeto. Essa experiência se dá por meio da intencionalidade, instante esse em que também é refletida a redução transcendental (LÉVINAS, 1949/1999).

A metodologia adotada é qualitativa-fenomenológica e a pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, documental e dados provenientes do meio virtual, por sua vez composto por bancos de dados como repositórios *on-line* de universidades, a saber: *Pepsic*, *Pubmed* e *BVS*. O acervo bibliográfico reúne publicações dos distintos pesquisadores, além de livros, periódicos e capítulos acessados em bibliotecas na cidade de São Luís (MA).

O método deste trabalho foi elaborado tendo como pressuposto as principais ideias de Husserl, fundador da fenomenologia, para realizar a análise das publicações encontradas e dos fenômenos que se tornam evidentes na utilização de animais como coterapeutas.

1.1.3 Localização e seleção dos estudos sobre IAAS

Realizei uma pesquisa de revisão sistemática de literatura, cujas buscas de artigos foram empreendidas nas seguintes bases de dados: *PePSIC*, *BVS Salud Bireme* e *Pubmed*. A primeira busca foi realizada com os descritores “fenomenologia” ou “fenomenológica” e “Husserl” ou “husserliano (a)”. Em uma segunda busca, foram utilizados os descritores: “terapia assistida por animais” ou “intervenção assistida por animais”, vale lembrar que dentro das bases de dados esses dois descritores foram considerados pela própria base como sinônimos, não alterando o resultado. Na base de dados internacional *Pubmed* utilizou-se o termo “*phenomenological*” “*animal therapy assisted*” e somente com o termo “*animal therapy assisted*”.

1.1.4 Critérios de Inclusão

Como critérios de inclusão foram considerados:

- a) Estudos de Intervenção Assistida por Animais (IAAs), independente do animal utilizado no estudo;
- b) Para estudos de intervenção assistida por animais, delimitou-se pesquisas realizadas nos anos de 2014 a 2019;
- c) Serão selecionados livros, artigos de periódicos, *homepages* e documentos pertencentes às bases eletrônicas de dados *PePSIC*, *BVS Salud Bireme* e *PubMed*;
- d) Publicações com as seguintes palavras-chave: “*animal terapy assisted*”; “*phenomenological*” e “*animal terapy assisted*”; “fenomenologia” ou “fenomenológica” e “Husserl” ou “husserliano(a)”; “terapia assistida por animais” ou “intervenção assistida por animais”.

1.1.5 Critérios de exclusão

Foram excluídos os estudos:

- a) Que utilizem objetos inanimados no lugar de animais vivos;
- b) Não envolvam a intervenção assistida com animais ou fenomenologia husserliana, sendo que tal exclusão foi realizada a partir da leitura dos resumos;
- c) Trabalhos em outros idiomas que não sejam os dos critérios de inclusão;
- d) Envolver intervenção assistida por animais publicações fora do período delimitado nos critérios de inclusão;
- e) Textos não disponíveis ao acesso via meio eletrônico.

Assim, as publicações que corresponderam aos critérios de inclusão foram organizadas em protocolos de pesquisa (ver os Apêndices A - AH). Neste constou: nome do autor/afiliação institucional, ano da publicação, título, fonte editorial, instituição, tipo de publicação, tipo de pesquisa, objetivo, palavras-chaves, sujeito da pesquisa, área da pesquisa, tipo de intervenção, se foram utilizados animais adestrados, se há informações sobre o bem-estar animal, resumo do método, o tipo de animal utilizado, o porte, quais as atividades realizadas, possíveis riscos e benefícios e o resultado obtido na pesquisa conforme a interpretação do autor.

Como ponto de partida para meu trabalho, trago uma breve apresentação do histórico das relações entre homem e animal, que precede qualquer prática terapêutica mediada por

animais. Também discorro sobre os animais como facilitadores do processo terapêutico, animais de terapia, afeto catalisador e exemplo de como estes animais são selecionados para este fim, a partir da experiência de uma ONG que realiza esses trabalhos em São Paulo (SP).

No capítulo seguinte, discuto sobre o bem-estar animal, aspectos éticos e o lugar da legislação no tratamento junto a animais não humanos.

No quarto capítulo, apresento as IAAS mediante um breve histórico dessa prática, destacando o marco dos primeiros registros e, em seguida, descrevo os aspectos técnicos referentes a IAA como tipos de intervenção e atividades desenvolvidas.

No quinto capítulo, faço uma interlocução entre a Fenomenologia e Psicologia Husserliana, bem como evidencio as contribuições das ideias de Husserl para a psicologia enquanto ciência.

No sexto capítulo, apresento a psicologia clínica de orientação fenomenológica, relacionando-a com os principais autores que discutem sobre o tema, o método fenomenológico na prática clínica, a atitude que este profissional deve assumir frente ao paciente fazendo um paralelo com outras teorias.

No capítulo seguinte, demonstro como obtive os artigos para desenvolver a pesquisa e o percurso metodológico, apresentando por meio de quadros os principais resultados encontrados, os artigos indexados e a base da qual eles foram retirados. Posteriormente, discuto os resultados obtidos após aplicar o método fenomenológico.

Ao final deste percurso, concluo me posicionado acerca dos resultados obtidos com críticas, sugestões, dificuldades para desenvolver a pesquisa e sugestões aos pesquisadores interessados nesta temática.

2 A RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL

Os animais não humanos acompanham o homem há muito tempo. Hoje, por meio de pesquisas, testes e atividades práticas, sabemos que o simples ato de acariciar um animal é capaz de promover benefícios à nossa saúde.

Nas mais remotas civilizações, registros históricos antigos identificam esse elo com os animais por meio da representação da afetividade e seus relacionamentos, os quais são retratados com muita propriedade, mediante símbolos e desenhos marcantes.

O primeiro vestígio concreto de um elo de emoção entre um humano e um animal, data de 12.000 anos. São restos fossilizados de uma mulher abraçada a um filhote de cão, encontrados no Oriente Médio. Destaca-se, assim, que a relação entre homens e animais tem uma longa história, iniciada desde os tempos primitivos. Existem registros de restos arqueológicos de cachorros-lobos que datam de aproximadamente 11-14 mil anos atrás, acredita-se que estes foram enterrados junto com seres humanos. Da mesma maneira, há apontamentos de restos de gatos na ilha mediterrânea de Chipre datados de 9.500 anos, sugerindo, assim, um forte vínculo afetivo entre homens e animais no período paleolítico (SERPELL *et al.*, 2013).

Estudos apontam para a relação homem-animal na pré-história. Foram encontrados sítios arqueológicos dessa época em que o animal doméstico era enterrado em posição de destaque ao lado do seu provável dono. Porém, as mudanças foram expressivamente percebidas com a utilização de cães para a função de guarda de propriedades, tração de carroças e trenós, bem como para acompanhar tropeiros e agricultores, além da condição de estimação (FULBER, 2011).

Essa interação com os animais apareceu, também, na mitologia, com deuses que tinham a composição de animais permutados com humanos, representando valores, proteção e esperança (DOTTI, 2014).

O homem sempre dependeu de interações com outras espécies para a sua sobrevivência, sendo que esta relação, *a priori*, era de predação, passando mais tarde para a de domesticação. Estas relações com outros animais tinham os mais variados objetivos, tais como: alimentação, vestes, proteção, caça, companhia, sexo, entre outros. Isso dependeria do contexto histórico em que essas relações fossem estudadas (SINGER, 2010).

Acreditava-se que a primeira ocorrência de domesticação de lobos fora registrada entre 10 mil e 20 mil anos. Índícios mais recentes, obtidos mediante estudos do DNA de cães e lobos, sugere uma data anterior para a primeira transformação de lobo em cão, mais de 100 mil anos.

Esses registros emergentes indicam que os lobos foram domesticados inúmeras vezes e não apenas uma e que os cães continuaram a cruzar com os lobos selvagens nesse processo de transformação.

Os animais, historicamente, têm desenvolvido um importante papel no tocante a relacionamento com pessoas, tanto por servirem de companhia quanto no estímulo e motivação de diferentes naturezas. Sendo assim, destaca-se que os animais são excelentes companhias, pois durante sua presença não discriminam ou segregam qualquer pessoa, além de serem livres de preconceitos (FULBER, 2011).

Ao longo dos anos, as relações entre homem e animal tornaram-se mais próximas e, por vezes, com vínculos mais fortes e tão importantes como as relações estabelecidas entre seres humanos. No cenário emergente, novos modelos familiares vêm se apresentando e nesta nova configuração denominada multiespécie (GAZZANA; SCHMIDT, 2015), os animais são considerados membros da família como um parente consanguíneo. A convivência do homem com animais de companhia, principalmente cães e gatos, vêm se tornando cada dia mais significativo atualmente.

A justificativa para esse estreitamento de laços, de acordo com Rocha, Muñoz e Roma (2016), ocorre devido à falta de suporte social e aumento da solidão, as quais são características bem comuns da vida em grandes centros urbanos, onde os relacionamentos interpessoais são frágeis e, assim, o homem pode encontrar no animal uma companhia em seu dia a dia, a ponto de ser tratado como membro da família.

No século XXI, o animal de estimação acaba sendo visto como um membro da família e é tratado como tal, participando inclusive da rotina, a qual desperta uma preocupação maior com seu bem-estar, estabelecendo-se um vínculo de afeto e apego entre seres humanos e animais, pois estes são considerados como parte da família (OLIVEIRA, 2006).

Os vínculos entre os animais não humanos e seus tutores vêm se tornando tão sólidos, que casais optam por não gerar filhos e ao invés disso, ter um animal. Tem sido interessante, também, a forma como pessoas enlutadas vêm se aproximando de animais para superar a perda do ente querido e várias outras formas que os humanos vêm buscando para aproximar o animal cada vez mais de seu convívio (GAZZANA; SCHMIDT, 2015).

O Dr. Dennis Turner, professor de Medicina Veterinária da Universidade de Zurique e presidente da *International Association of Human-Animal Interaction Organization* (IAHAIO) defende que “[...] a companhia de cães e gatos é essencial para qualidade de vida do homem”. O relacionamento entre humanos e animais de estimação, tem sido alvo de estudiosos do comportamento (SANTOS, 2016). A companhia dos animais beneficia não apenas pessoas com

deficiência ou indivíduos com doenças graves, mas, também o cidadão comum, seja qual for sua renda familiar (ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE PROTEÇÃO AO BEM-ESTAR ANIMAL, 2010, p. 1).

As investigações científicas sobre a temática se centram, notadamente, no fato de que os seres humanos desenvolveram com membros de outra espécie, uma forma de relação muito próxima a que estabelecem com indivíduos da própria espécie. O animal como membro familiar prevê a existência de uma relação interespecies e de uma família multiespécie composta por humanos e seus animais de estimação. Esses animais têm diferentes funções, que vai desde serem vistos como um amuleto, um troféu, um bem, dando certo *status* social e cuidadores para algumas pessoas até integrantes da família, tendo a mesma importância dos demais membros.

Nesse sentido, destaca-se que muitas vezes, os animais de estimação são vistos como entes tão próximos quanto os próprios filhos pelos humanos. Ressalta-se, contudo, que a relação homem-animal não deve substituir a relação homem-homem. O cão não pode substituir um filho ou marido, mas pode auxiliar no agir e no comportamento dos indivíduos em seus relacionamentos (GAZZANNA; SCHIMIT, 2015).

Os animais vêm desenvolvendo, ao longo dos anos, um importante papel no relacionamento com as pessoas, pois proporcionam bem-estar mediante sua companhia, estímulo e motivação. Além disso, são excelentes companhias, pois não emitem julgamento, segregam ou discriminam qualquer pessoa (SILVEIRA, 2015).

2.1 O animal como facilitador no processo terapêutico

Os animais vêm sendo indicados como auxiliares no tratamento de pacientes adultos e crianças com diversos tipos de diagnósticos. Estudos comprovam os benefícios frente às Intervenções Assistidas por Animais (IAAs).

Dotti (2014) relata que em 1944, nos Estados Unidos, a Cruz Vermelha promoveu um programa com animais visando saúde e bem-estar aos seus pacientes. Estes eram encorajados a interagirem com diferentes tipos de animal.

O auge da história da intervenção assistida por animais foi com Boris Levinson, em 1961, na cidade de Nova Iorque, que juntamente com Jingles, o seu cão, revolucionou a psicoterapia, restabelecendo a saúde mental de crianças com distúrbios emocionais (LAMPERT, 2014). Ou seja, Levinson utilizou Jingles como elemento motivador para as crianças mais resistentes à terapia. A contribuição de Levinson foi de veras importante, levando-o a ser considerado o precursor da intervenção assistida por animais (CAETANO, 2010).

A mídia romantiza as Intervenções Assistidas com Animais (IAAs), induzindo no imaginário das pessoas, apresentando uma narrativa mágica, em que o fato de conviver com animais de estimação é o suficiente para amenizar ou sanar o sofrimento psíquico. No entanto, tal comportamento pode levar o ser humano a irresponsável comercialização de animais e a banalização das IAAs, fato este que pode gerar uma consequência desastrosa: a “objetificação” do animal, ou seja, fazer deste apenas uma ferramenta terapêutica (FUCHS, 1987).

Nas últimas décadas, emergiu um notável interesse científico pelo estudo da relação homem-animal, com relativo respeito ao seu potencial terapêutico à saúde humana e à qualidade de vida (DORNELAS, K.; DORNELAS, O.; VIEIRA, 2015). A utilização de animais como parte integrante de um programa terapêutico foi registrada primeiramente no século IX, na Bélgica, onde pessoas com deficiência foram autorizados a cuidar de animais domésticos (DOTTI, 2014). Alguns séculos depois, mais precisamente em 1792, na Inglaterra, William Tuke fundou o *York Retreat*, uma instituição em que animais domésticos auxiliavam o tratamento de doentes mentais. Esse tratamento consistia em incentivar movimentos e comunicação. Em 1867, na Alemanha, foi fundado um domicílio para tratamento de epiléticos, no qual eram utilizados animais que auxiliavam no tratamento. Em 1944, em um hospital da Nova Iorque foram utilizados animais para auxiliar no tratamento de soldados da II Guerra Mundial que sofreram traumas psicológicos (LAMPERT, 2014).

Atualmente, nas sociedades consideradas mais desenvolvidas, os animais são utilizados de forma metódica em contextos terapêuticos e educativos. A modificação dessa relação tem tomado grandes proporções com o passar dos anos e tem sido cada vez mais efetiva. (LIMA; SOUSA, 2004).

Para a Delta Society (2020), qualquer que seja a intervenção com animais, esta deve ser feita sob a alçada de uma equipe multidisciplinar, não tendo apenas como pretensão a saúde e bem-estar humano, mas também a saúde e bem-estar animal. De acordo com Ramos, Prado e Mangabeira (2016), na Psicologia é possível atuar com animais, cujas sessões devem ser acompanhadas por um psicólogo devidamente habilitado, com formações, cursos e pesquisas, bem como esteja apto a desenvolver esse tipo de trabalho, visando o bem-estar animal. Pontua-se que, o vínculo afetivo que o paciente estabelece com o animal, ou em alguns casos, o animal estabelece com o humano, é o ponto inicial para o sucesso da terapia, pois favorece a comunicação com o terapeuta.

2.2 Animais coterapeutas

A médica psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999), a partir de sua prática, compreendeu que os efeitos causados pelo contato do animal com o paciente pouco tinham a ver com a condução do terapeuta e sim com a natureza do animal. Ela acreditava que os animais poderiam ser excelentes catalisadores e servir de referência para pacientes com dificuldades de socializar, oferecendo possibilidade de se conectar ao mundo exterior. Nise da Silveira foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes psiquiátricos e animais. Devido a essa observação, a psiquiatra começou a denominar os cães e gatos que circulavam pelo hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro no Rio de Janeiro de coterapeutas (SILVEIRA, 2015).

Nise da Silveira teve papel fundamental na disseminação das Terapias Assistidas por Animais (TAAs) no Brasil. A médica sobredita, percebeu que o contato entre os pacientes esquizofrênicos e os animais apresentavam diferenças comportamentais nos pacientes, acreditando que tais laços com os animais os estabilizavam. O potencial terapêutico do cão se deve ao fato de que o mesmo quase sempre está disposto a interagir com os seres humanos, considerando suas características e circunstâncias desta interação. Costuma se mostrar como uma fonte de apoio, lealdade e companheirismo, além de seu amor incondicional. Apesar de a literatura, em sua maioria, trazer o cão como o coterapeuta mais utilizado, este não é o único a participar das IAAs (RAMOS; PRADO; MANGABEIRA, 2016, p. 225).

A equoterapia, por exemplo, consiste em um tipo de intervenção mediada por cavalos, esta por sua vez é uma atividade bem consolidada no Brasil. Acrescenta-se que, a referida terminologia foi registrada pela Agência Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL). A ANDE-BRASIL é uma organização sem fins lucrativos e tem como missão “[...] oferecer a equoterapia como meio de reabilitação, de educação e de isenção social para melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência ou necessidades especiais [...]”. (SILVA, 2019).

Além dos cachorros e cavalos, existem terapias realizadas com répteis, anfíbios, serpenteantes, tartarugas, iguanas, sapos e rãs que participam das intervenções. No entanto, este trabalho não é muito recomendado devido à escassez de veterinários especializados para o cuidado desses animais, o que dificulta ainda mais a garantia do bem-estar deles (VASCONCELOS, 2016).

É importante frisar que o animal coterapeuta deve estar em condições de saúde e ter condições físicas, comportamentais e sociais para ingressar em um programa de tratamento ou reabilitação. Portanto, o psicoterapeuta e animal devem ter vínculo afetivo para que ambos conheçam os limites um do outro e possam saber quais possibilidades e limitações de cada

animal, com vistas a possibilitar um bom andamento da sessão (RAMOS; PRADO; MANGABEIRA, 2016).

O animal coterapeuta atua em conjunto com psicólogo ou outros profissionais da saúde, tais como médicos, fisioterapeutas, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, dentistas, dentre outros. O intuito dessa parceria não é de um substituir o outro, mas sim objetiva que o animal complemente os trabalhos terapêuticos desenvolvidos em diferentes demandas. É possível que ocorra o trabalho em grupo, ou seja, uma atuação multidisciplinar, independente da ordem e da necessidade dos referidos profissionais. Dessa maneira, o animal terapeuta entra em evidência como complemento para as terapias clássicas (GOMES, 2018).

Nessa assertiva, pontua-se que o ideal para as Intervenções Assistidas por Animais seria que esse tipo de intervenção ocorra com filhotes desde o desmame, para que desde cedo o animal seja apresentado a novos estímulos ambientais, pessoas e animais estranhos, na perspectiva de expô-los a experiências variadas, pois, dessa forma, diminuiriam as respostas de ansiedade ou medo e melhorariam os estímulos e reações (ROCHA, 2016). Infelizmente, para que isso ocorra, é necessário que os animais sejam retirados de seus habitats naturais cada vez mais cedo, ação que finda por torná-los um objeto para seu dono.

Ressalta-se que, há dentre uma parcela de pesquisadores, como os que foram citados anteriormente neste estudo, a preocupação sobre os riscos do animal ser apresentado a esses estímulos de forma incorreta, visto o que deveria ser feito por reforçadores como petiscos e afagos, acaba por ser feito de maneira intensa ou forçada, sem a observação e sensibilidade adequada para perceber se o animal está confortável ou não. A meu ver, essa atitude retira a naturalidade do animal, tornando-o um objeto treinado para atender as demandas do humano.

Estão cada vez mais difundidas e consolidadas as Terapias Assistidas com Animais (TAAs), sejam elas realizadas com cachorros, gatos, pássaros, cavalos, dentre outros. Os animais têm por função auxiliar no desenvolvimento e avanço dos pacientes em terapia. De modo que, a literatura científica mostra os benefícios dessa modalidade de atendimento. Animais coterapeutas abarcam uma gama de condições de saúde que podem ser beneficiadas por esse tipo de terapia, cuja adoção tem se crescido em hospitais, centros de reabilitação, asilos, clínicas particulares, dentre outros espaços (GOMES, 2018).

Sendo assim, a função do animal, nesse contexto, é de ser um facilitador para o trabalho do psicólogo, podendo este atuar nas diversas áreas da Psicologia. Nesse sentido, o animal irá auxiliar o terapeuta a ter acesso às mais variadas vivências do indivíduo e, assim, irão proporcionar uma facilitação do vínculo nessa tríade (animal-humano-terapeuta), ou seja, o animal como coterapeuta.

Sobre o uso de animais em contexto terapêutico, além da seleção, é importante avaliar qual papel será desempenhado pelo animal e quais os objetivos terapêuticos traçados nas sessões enquanto ele estiver participando das interações. Para garantir o bem-estar do animal é necessário que haja um local para que ele descanse, seja alimentado e faça suas necessidades fisiológicas (ROCHA, 2016).

Embora as evidências científicas estimulem a adoção de práticas terapêuticas que tenham animais como participantes, a literatura aponta alguns cuidados e critérios que devem ser utilizados para a seleção dos animais coterapeutas, cujas questões serão abordadas na próxima seção.

2.3 Seleção dos animais coterapeutas

De acordo com Serpell (2001), as práticas de Intervenções Assistidas com Animais consistem em interações recentes no Brasil. A seleção dos cães ocorre de acordo com a disponibilidade do tutor e não pela da motivação do animal em interagir com seres humanos, aos quais ele não está acostumado.

Nem todos os animais se adaptam às atividades de coterapia, mesmo aqueles que passam por treinamento. Submetê-los a tais atividades, mesmo sabendo que não se trata de um animal em potencial para esse tipo de procedimento, pode implicar em riscos para as pessoas envolvidas e prejudicar potencialmente os níveis de bem-estar do animal envolvido. Para que o animal coterapeuta tenha uma vida com qualidade, longa e feliz é importante que eles gostem de fazer parte das intervenções propostas, o que pode ser facilmente identificado por seu tutor por meio da demonstração de seus comportamentos (VASCONCELOS, 2016).

As condições físicas e emocionais dos coterapeutas são pontos-chave para garantir a segurança de todos os envolvidos. Considerando que as IAAS têm ocorrido em contextos cada vez mais heterogêneos, em espaços como hospitais, centro de recuperação para vício em álcool, substâncias psicoativas, presídios, consultórios médicos, odontológicos, dentre outros. Partindo dessa premissa, sem uma seleção criteriosa dos animais, acompanhamento de suas histórias de vida e temperamento, todos os participantes se tornam vulneráveis a diversos riscos. Assim sendo, os animais são mais que uma ferramenta terapêutica, logo eles precisam que suas necessidades sejam respeitadas (ROCHA, 2016).

Algumas organizações que atuam com IAAS no Brasil, ainda seguem os padrões norte-americanos para a seleção de animais, as quais são basicamente subjetivas e fundamentadas na

expertise do avaliador. Esse critério de seleção apresenta algumas falhas, devido à falta de padronização e treinamento prévio e seleção dos seres humanos (ROCHA, 2016).

O Instituto Cão Terapeuta (ICT) é uma Organização Não-Governamental (ONG) que realiza seus trabalhos em São Paulo, local em que tive o privilégio de realizar um curso e acompanhar visitas dos cães coterapeutas a determinadas instituições. Nesse tipo de trabalho, é utilizado um protocolo próprio, o qual foi devidamente adaptado por eles para o procedimento de seleção dos cães.

Entre os pré-requisitos utilizados pelo ICT, estão: não demonstrar agressividade (sob qualquer situação e de nenhum tipo), ter no mínimo 2 anos e no máximo 6 anos e 11 meses, ser castrado, estar vacinado, vermifugado e altamente sociável (com outros cães e pessoas desconhecidas), gostar muito de interagir com as pessoas (mesmo com desconhecidos), ativo (demonstrar interesse e disposição durante a atividade), confiante (saber lidar com estímulos variados, lugares diferentes, barulhos, grande número de pessoas, cheiros, elevadores, escadas, objetos etc.), não ter sensibilidade ao toque (gostar de ser acariciado e tolerar toques mais bruscos), permitir ser escovado e deixar limpar as patas, fazer as necessidades em local correto, não ter aversão a guias e coleiras, ser adestrado por meio de reforço positivo e atender aos comandos básicos (senta, deita, pata, fica e vem), atender o condutor quando solicitado (em qualquer ambiente e/ou situação) (INSTITUTO CÃO TERAPEUTA, 2019).

A falta de empatia que os animais humanos demonstram para com as demais espécies, dificulta a compreensão acerca da importância dos animais não humanos, visto que estes também experimentam as sensações, mesmo que de maneira diferente. Mas esse fato não é desculpa para que deixemos de fora de nossas preocupações no tocante ao bem-estar, a dor e o desconforto que esse controle exaustivo traz a eles. Quando se trata de indivíduos da espécie humana, o fato de não podermos estar no lugar do outro não exclui a necessidade de respeitar seus interesses, bem como não se pode desconsiderar os interesses dos animais simplesmente por não conseguirmos nos colocar em seu lugar, estar em sua pele, em sua consciência (SILVA, 2009).

Refletindo sobre esse aspecto, é notório que os parâmetros da Psicologia pautados nas ciências naturais prevalecem até hoje, pois exige adestramento de um animal para que este nos sirva. Ou seja, é o mesmo que condicionar um rato para tocar a barra, além de se caracterizar falta de respeito a sua espécie e, em consequência, a sua animalidade. Os animais, sejam humanos ou não, têm suas características próprias de cada espécie, não é adequado retirar tais características e tratá-los como robôs ou brinquedos prontos a atender comandos.

A avaliação dos cães coterapeutas é dividida em duas fases. Na primeira é aplicado um questionário, o *Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire (C-BARK)*, Anexo A, que em sua versão original é composto por 100 questões, mas o ICT realizou algumas adaptações e diminuiu o número de questões para suas avaliações. Nesse questionário é possível avaliar os medos, excessos de latidos, agressividades, entre outros fatores.

A segunda etapa, contempla a avaliação comportamental do animal, é realizada pelos adestradores do instituto, que por sua vez colocam o animal em um espaço físico com outras pessoas, animais e sons para avaliar as reações dos cães nessas situações. É importante frisar que o tutor do animal participa de todas as etapas da avaliação, bem como nas visitas com seus animais. Por ser um trabalho voluntário, os tutores são responsáveis pela saúde e bem-estar animal para que ele atenda aos requisitos exigidos.

Neste tópico apresentei como é feita a seleção em uma instituição específica, isso não significa que seja a única ou melhor forma de realizar tal procedimento com os animais para coterapia. É importante deixar claro que, apesar de ter se discutido essa forma de seleção, não existe um modelo universal de protocolo para todas as Intervenções Assistidas por Animais. Normalmente, as instituições vão adaptando as regras às suas próprias necessidades.

2.4 Afeto catalisador

A psiquiatra Nise da Silveira, na década de 1950, descreveu a importância de os pacientes contarem com a presença não invasiva de um coterapeuta, tendo-o ao seu lado como ponto de apoio seguro e organizando-se psiquicamente a partir dele (SILVEIRA, 2015).

Apesar da falta de apoio e hostilização por parte da administração, por suas ideias inovadoras, por seu desejo de desconstruir o modelo vigente de tratamentos agressivos e torturadores a psiquiatra sempre viu como importante a proximidade dos seres humanos doentes ou não, com os animais. Por esse motivo, Nise se apropriou dos cães e gatos como coterapeutas em terapias de paciente psicóticos, objetivando atrair atenção e afeto deles, e a partir dessa relação, estabelecer uma ponte com o mundo real.

Observei que os resultados terapêuticos das relações afetivas entre animais e o doente eram excelentes. Mas era difícil que essa ideia tivesse campo para se desenvolver. No Brasil, a aproximação entre doente e animal, infelizmente, ainda não era cultivada. A preocupação dos terapeutas, ao contrário, afastava o animal do doente, sob alegações inconscientes (SILVEIRA, 1998/2006, p. 29).

Em seu estudo Nise Silveira, percebeu a possibilidade de utilizar os animais no tratamento ao observar um paciente a quem delegara cuidados de uma cadela abandonada no hospital. Esse paciente, além de apresentar melhoras significativas em seu quadro, desenvolveu laços afetivos com o animal e se responsabilizou, desde então, por seus cuidados. Teve sensibilidade ao perceber como os pacientes esquizofrênicos se vinculavam aos cães que circulavam no hospital, no setor de Terapia Ocupacional. Na ocasião, enfatizou o papel dos animais como excelentes catalizadores, pois reúnem qualidades que os permitem ser aptos e se tornarem pontos de referência estáveis no mundo externo, facilitando a tomada de contato com a realidade (SILVEIRA, 2015).

Nise da Silveira desenvolveu o conceito de “afeto catalisador”, pois no período em que a psiquiatra observou a relação entre os animais e seus pacientes, ela percebeu a facilidade com que os esquizofrênicos se vinculavam aos animais e acreditava que dificilmente qualquer tratamento seria eficaz se o paciente não estabelecesse essas relações de afeto e confiança, seja com humanos ou com animais (BASTOS; BORBA, 2018).

De acordo com Serpell e Yuying (2003), as Terapias Assistidas por Animais (TAA) inserem animais não humanos no processo terapêutico, reconhecendo seu importante papel na execução delas, entendendo ainda sua atuação como ativa no auxílio de um conjunto diverso de atividades. Sugere, também, que os seres humanos desenvolvem sentimentos e comportamentos positivos enquanto estão interagindo e oferecendo cuidado a cães, porque essa relação gera um laço afetivo similar àquele desenvolvido na relação mãe e bebê, o apego.

A comunicação não-verbal, de acordo Serpell *et al.* (2013) e Silveira (2015), pode ser considerada ferramenta terapêutica dessa relação entre pessoas e bichos. Eles observam que as palavras ditas pelos humanos, muitas vezes, não condizem com o que a expressão corporal revela. E, de alguma forma, ainda que inconscientemente, essa mensagem dúbia é captada – o que influi de forma negativa nas relações, inclusive entre terapeuta e paciente. Por outro lado, a aproximação entre pessoas e animais ocorre de maneira direta, sem interferências de racionalização e intenções implícitas. Com isso, favorece a inclusão do animal no universo de fantasias infantis. A vivência propicia maior confiança em si e no ambiente, além de a associação dessa proximidade com experiências prazerosas. Analisando a prática clínica desses autores, é possível afirmar que o animal pode atuar como contato com o paciente (ALTHAUSEN, 2007).

A relação entre seres humanos e outros animais pode auxiliar na melhoria e na manutenção das funções de um indivíduo. Os cães são animais inteligentes, capazes de compreender gestos comunicativos humanos, além de serem muito sensíveis ao nosso estado

de atenção e nossas emoções. Aliado a isso, direcionam sua atenção, energia e afeto. Isso pode indicar, a nós humanos, que essas características fazem do cão doméstico um coterapeuta eficiente, pois quando acontece o seu manejo, de forma ética e cuidadosa, não causa danos físicos ou psicológicos a eles. Sendo assim, são sensíveis a nós e, assim, formamos laços positivos e profundos (ALBUQUERQUE; CIARI, 2016).

É nítido, o efeito catalisador que os animais provocam ao facilitar a interação social entre humanos. Mais ainda, os mesmos podem facultar aos indivíduos momentos de tranquilidade e alegria, uma vez que ajudam em partes a amenizar problemas, insatisfações ou sentimentos de solidão e tristeza, além de facilitarem o desabafo de quem padece, sem julgar ou criticar (CARLISLE 2015).

Apesar dos benefícios comprovados na relação homem animal, os seres humanos se acham superiores às outras espécies e não reconhecem os animais não humanos como detentores do direito de não serem submetidos a tratamento discriminatório quanto aos seus interesses, tendo em vista que o princípio básico da igualdade deve ressaltar as semelhanças entre os homens e os demais animais e não suas diferenças. O fato de estes poderem também sentir dor, medo e de sofrer como nós, nos aproxima dos demais animais e nos impõe o dever moral de levar consideração, tanto seu existir como indivíduos conscientes quanto seu sofrimento ou prazer (SILVA, 2009).

O Projeto de Lei da Câmara nº 27/2018 (BRASIL, 2018), o qual defende maior rigidez na proteção dos animais indica que estes são seres sencientes¹, que têm sentimentos e, portanto, sofrem e experimentam outras sensações. Pensando no respeito em relação aos animais não humanos, o especismo deve ser um aspecto importante na interação homem-animal.

2.5 O especismo na relação homem-animal

O antropocentrismo é caracterizado pela visão de que os interesses humanos estão acima de tudo, discriminando outras raças, sendo atribuída relevância ética somente aos humanos, sendo os direitos ou dignidades dos animais irrelevantes. Tal discriminação dá origem ao *especismo*. O termo especismo foi criado pelo cientista e psicólogo britânico Richard D. Ryder, na década de 1970, para designar a supremacia dos interesses humanos em detrimento dos não-humanos, apenas por pertencerem a espécies distintas (BUBLITZ, 2017).

¹ De acordo com o Dicionário Online de Português, senciente vem do latim *setiens entis* que significa “capaz de sentir ou perceber através dos sentidos”. Em outra forma, seres que possuem ou conseguem “receber impressões ou sensações” (SENCIENTE, 2020).

Por outro lado, o antropocentrismo está calcado na visão centralizada do homem em relação a todo universo. Defende que os animais humanos pertencem a uma categoria especial, ao desvincular o homem da natureza e das outras formas de vida, colocando-o no centro da própria ética, à medida que exclui a vida em todas suas formas, pois o homem se sente como se fosse senhor absoluto destas. Parte-se assim, do pressuposto que a vida humana possui um valor singular, e por isso, deve ser mais valorizada que as demais formas de vida, ao passo que as vidas não-humanas, ou seus estados, têm sua moral rebaixada e desvalorizada, sendo considerados nada mais que bens, propriedades ou recursos para a humanidade (BUBLITZ, 2017).

Singer (2010) defende que um número considerável dos seres humanos é especista², pois a maior parte são cruéis e insensíveis ao sofrimento dos animais não humanos. Se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para deixar de levar esse sofrimento em conta. Não importa a natureza do ser, o princípio da igualdade requer que seu sofrimento seja considerado da mesma maneira que de seus semelhantes, à medida em que comparações aproximadas possam ser feitas de qualquer outro ser, este autor declara:

Os racistas violam o princípio da igualdade a conferir mais peso aos interesses de membros de sua etnia quando há um conflito entre os próprios interesses e os daqueles que pertencem a outras etnias. Os sexistas violam o princípio da igualdade a favorecer os interesses do próprio sexo. Analogamente, os especistas permitem que os interesses de suas espécies se sobreponham aos interesses maiores de membros de outras espécies. O padrão é idêntico em todos os casos. (SINGER, 2010, p. 15).

Historicamente, os animais têm sido explorados pelos homens, que por sua vez os objetifica, como se não houvesse outra explicação para sua existência, que não fosse saciar os nossos variados desejos, necessidades ou caprichos humanos. De acordo com Souza *apud* Silva (2009, p. 51):

Máquinas vivas, alvos fáceis da vontade de destruição racional, objetos de exploração de todos os tipos, de tortura, de decoração e uso, sem falar em alimento sempre à mão, os animais experimentaram desde sempre todo tipo concebível de violência humana. Incapazes de argumentar senão com sua existência nua, expostos a todas as agruras por existirem sem poderem se contrapor a seres empenhados não apenas em reduzir obsessivamente a existência da realidade externa a uma função sua, mas em determinar absolutamente o valor de realidade do Outro que si mesmo exclusivamente a partir de categorias destiladas por seu próprio cérebro, algo mais desenvolvido em

² Sônia T. Felipe, no livro “Acertos abolicionistas: a vez dos animais – crítica à moralidade especista”, sugere dois conceitos para pensar especismo. Um é o *especismo elitista*. O outro é o *especismo seletivo*. O *especismo elitista* considera todos os animais inferiores aos humanos por aqueles não possuírem determinadas características que os humanos elegem como sendo parâmetro para superioridade, por exemplo, racionalidade, linguagem e alma. O *especismo seletivo* é a discriminação operada pelos humanos no interior dos animais, elegendo alguns como amados e protegidos, relegando outros à tortura e à morte.

suas funções cognitivas, os animais não-humanos ocuparam sempre o lugar de alvo predileto de uso violento-objetificador da vida pelos animais não humanos.

Susin e Zampieri (2015), descrevem que a forma como os humanos se relaciona com os não humanos, por meio do especismo, está dividida em cinco campos de concentração³, são eles: 1 – animais de estimação; 2 – entretenimento e jogos; 3 – instrumentos de educação e pesquisa; 4 – animal como utensílio; 5 – animais para o prato, onde em todas essas modalidades os animais, ou seus corpos e peles, tem a única função de atender as necessidades humanas.

Em uma perspectiva ética, Silva (2009) defende que nada justifica a diferença de tratamento para com os animais não-humanos. O que usam como único argumento é o fato de se tratar de seres pertencentes a uma outra espécie. A ética pressupõe que, ao efetuarmos julgamentos acerca de determinados comportamentos e valores, devemos levar em consideração todos os sujeitos envolvidos, isto porque o agir de forma ética implica não se considerar suas próprias escolhas e soluções que apenas nos favoreçam, ao contrário, devemos levar em conta o interesse de todos aqueles que são afetados por nossas decisões. Um determinado padrão ético para ser válido, deve respeitar o princípio básico da igualdade e vislumbrar a igual consideração de interesses, sem distinções baseadas em critérios como raça, classe social, religião, sexo ou qualquer outro. Ainda segundo Silva (2009, p. 53):

Se a ética é a busca do aprimoramento moral da espécie humana, tal aprimoramento do sujeito moral certamente não ocorrerá enquanto esse mesmo sujeito usar dois pesos e duas medidas para orientar-se nas decisões que toma; um, quando pesa os benefícios de sua ação voltada para dar maior conforto e bem-estar aos membros da própria espécie, outro, quando se trata de fazer uso de outros seres como se fossem meros objetos ou instrumentos colocados à sua disposição para que seus interesses e necessidades, ainda que mesquinhos, sejam satisfeitos. Não há moralidade alguma em tal incoerência, pois do mal causado a outrem não resulta o bem comum a ambos. A ética crítica coloca limites ao gozo humano, ao declarar que os demais seres não estão no mundo para saciar nosso ego, do mesmo modo como nenhum de nós aceita ser objeto para saciedade de gozo alheio. Nossos interesses e preferências têm tanto valor para nós quanto o têm para si interesses e preferências de qualquer ser capaz de os ter.

O princípio da igual consideração dos interesses exige que levemos em conta os interesses dos demais seres, ou seja, aqueles que tenham a mesma capacidade que nós de sentir e de sofrer, o que implica que precisamos levar em consideração o sofrimento de qualquer ser, em termos de igualdade com sofrimento semelhante, dentro dos limites de comparação

³ A analogia entre os campos de concentração e o holocausto humano impetrado pelo nazismo na Segunda Guerra Mundial e o holocausto diário de vários campos da relação dos homens com os animais é sugerida pelo escritor sul-africano, Prêmio Nobel de Literatura, J. M. Coetzee, em seu livro de ficção “A vida dos animais” [São Paulo: Companhia das Letras, 2002]. É apenas uma analogia, com força de expressão chocante, para dar o que pensar, mas é obvio que não se pode fazer comparações nessa matéria, nem comparar qualitativamente o holocausto humano com a morte, mesmo que em maior proporção, dos animais não humanos.

possíveis. Os seus interesses devem importar e ser atendidos, ainda que este ser não utilize a mesma linguagem que nós ou não atinja o mesmo grau de inteligência e raciocínio. Tal princípio, deve servir de base para o tratamento que dispensamos tanto aos humanos como aos demais animais (SUSIN; ZAMPIERI, 2015).

Ainda em tenra idade, quando não temos consciência de nossas atitudes e tampouco nos responsabilizamos por elas, somos por vezes obrigados a ingerir animais mortos sobre pretexto que fará bem a nossa saúde. Nessa mesma fase, algumas pessoas se permitem ter mais proximidade com algumas espécies de animais não humanos, desenvolvendo afinidade por alguns animais, normalmente os de pequeno porte como cachorros, gatos, coelhos, porco da índia, periquitos, peixes, enfim, a lista é inesgotável. No entanto, defendemos, amamos e cuidamos de determinada espécie e matamos e comemos outra. Vivemos em dubiedade, com atitudes conflitantes desde o início de nossa vida (SINGER, 2010).

De acordo com Levai (2004, p. 64):

Ratos (utilizados geralmente para investigar o sistema imunológico), coelhos (submetidos a testes cutâneos e ecúlares), gatos (que servem sobretudo de experiências cerebrais), cães (normalmente destinados a treinamento de cirurgias), rãs (usadas para testes de reação muscular), porcos (cuja pele frequentemente serve de modelo para estudo da cicatrização), cavalos (muito utilizados no campo da sorologia), pombos e peixes (que se destinam, em regra, aos estudos toxicológicos).

É possível que se viva a ilusão de que os animais utilizados para suprir nossas necessidades, seja de qual modalidade for, vivam livres em seu *habitat* natural, como acontecia nas antigas fazendas, onde os animais viviam em condições favoráveis para sua sobrevivência. Infelizmente a realidade observada nas produções industriais é o tratamento do animal simplesmente como mercadoria, sem nenhum respeito a sua acomodação, bem-estar, sentimentos e dor (SUSIN; ZAMPIERI, 2015).

A criação de animais na indústria reflete as condições as quais esses seres são submetidos, por vezes desprovida de preocupação, ou seja, não há qualquer interesse com seu bem-estar, pois são criados em espaços mínimos, instalações baratas e são alimentados com comidas de baixa qualidade. Nas granjas industriais, as galinhas não têm espaço sequer para mover seus membros ou se virar. As porcas usadas para reprodução são mantidas em celas com espaço mínimo onde elas permanecem imóveis (FRANCIONE, 2013).

Confesso que até antes de iniciar as pesquisas sobre especismo, eu vivia em um mundo paralelo em relação ao que de fato acontece com os animais. Nunca havia feito uma reflexão sobre a origem dos animais dos quais eu me alimentava, vestia e usava para outros fins. Após

esse encontro com a literatura antiespecista, passei um longo tempo refletindo sobre a necessidade de tanta crueldade e essa ponderação me fez mudar uma série de aspectos da minha vida, como por exemplo, a rejeição por utensílios que utilizem couros ou pele de animais não humanos.

Tendo em vista que esta pesquisa trata de animais coterapeutas, especismo entre outros assuntos, se faz necessário compreender sobre os animais e suas funções sociais, questão está a ser abordada na seção seguinte.

2.6 Os animais e suas funções sociais

O ser humano sempre viveu rodeado de animais, adaptando-se a estes e vice-versa, consoante as suas necessidades. Atualmente, diante das pesquisas que evidenciam o bem-estar que os animais trazem para o homem, mais do que nunca, os animais de companhia exercem função de extrema importância ajudando a preencher lacunas na sociedade. Vou listar os animais que a literatura apresenta com maior representatividade social e suas funções, inclusive os que atuam como coterapeutas.

Vale ressaltar, neste tópico, a importância de os animais só participarem de intervenções e interações após exame clínico com veterinário e ser atestado não possuir zoonoses.

2.6.1 Gatos

No antigo Egito, assim como os cães, os gatos eram reverenciados e assumiam encarnações da deusa Bastet, a qual simbolizava a maternidade. O gato tem uma trajetória de admiração por seu caráter e companheirismo, uma vez que tem um perfil mais independente, sociável em seu tempo e condições. Por esse motivo, é um dos animais escolhidos com maior frequência em tratamento com crianças, idosos e pacientes com problemas psíquicos (FULBER, 2011).

Nas IAAS os gatos devem ter ótimo temperamento, o que significa ser sociáveis e receptivos a presença e o toque humano, bem como de outros animais. Para tanto, a saúde deve estar preservada, com pelos bem escovados, unhas curtas e lixadas. Devem ter no mínimo um ano de vida e ao ser colocado em contato com humanos, fazer sempre sob supervisão e colocá-lo em cima de panos para, assim, minimizar os riscos de arranhões (DOTTI, 2014).

2.6.2 Cavalos

Este animal simboliza força, altivez, soberania e paixão. Refletimos no cavalo o desejo de ser livres e fortes. Os cavalos nos aproximam de nossas fraquezas, transformando-as. De acordo com Fulber (2011), a experiência de montar a cavalo e trabalhar com eles, leva um sentimento que podemos controlá-los.

A terapia com cavalos, mais conhecida como equoterapia, é intensamente desenvolvida por médicos, psicólogos e fisioterapeutas. Essa modalidade de terapia propõe que, pelo movimento cavalo, muitos músculos do corpo são estimulados, melhorando assim, o equilíbrio e a coordenação motora, dentre outros benefícios (DOTTI, 2014).

As atividades equoterápicas devem ser desenvolvidas por equipe multiprofissional com atuação interdisciplinar, as quais envolvam o maior número possível de áreas profissionais nos campos da saúde, educação e equitação. As sessões de equoterapia podem ser realizadas em grupo, porém o planejamento e o acompanhamento devem ser individualizados (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, 2016).

2.6.3 Golfinhos

Os golfinhos são animais inteligentes e diminuem o estresse na água. Por esse motivo, ter contato com esse tipo de animal e nadar com eles é considerado uma experiência mágica. Pesquisas recentes mostram que as ondas cerebrais diminuem após o nado com golfinhos (FULBER, 2011).

Infelizmente, grande parte desses animais vive em cativeiros e em espaços minúsculos. A esse aspecto, tem sido questionado por mim, que tive o privilégio de vivenciar essa experiência, ao visitar um parque aquático que permitia momentos de interação com os animais. Foi uma oportunidade que me deixou reflexiva, sobretudo acerca do espaço disponível para eles viverem e dos cuidados recebidos, se estes tinham suas necessidades atendidas.

2.6.4 Cães

Pesquisas já comprovam que o convívio com os cães estabelece benefícios emocionais para diferentes faixas etárias, classes sociais e condições de saúde. Os cães são os animais mais utilizados no cotidiano dos humanos e podem ser classificados, de acordo Dotti (2014) da seguinte forma: cães de serviço (animal treinado e individualmente utilizado por deficientes

que tenham limitação física); cães guia (mais utilizado por pessoas com deficiência visual, para ajudar a evitar obstáculos e evitar situações de risco); cães de alerta (treinados para chamar os serviços de emergência auxiliando pessoas com epilepsia, diabetes ou problemas psicológicos ou psiquiátricos); cães de resgate (auxiliam os bombeiros par resgate de pessoas e outros animais); cães para deficientes auditivos (capazes de acordar o proprietário com deficiência auditiva com um alarme, uma campainha ou diversos outros sons) e cães farejadores (auxiliam a polícia para encontrar pessoas desaparecidas, drogas, alimentos).

Fica claro o importante papel dos animais não humano no cotidiano dos animais humanos. Por esse motivo, é de extrema importância o respeito para com eles, levando em consideração sua animalidade, condições de bem-estar e saúde, para que possamos usufruir com qualidade, sem prejudicá-los, dos momentos e benefícios que eles nos proporcionam.

Na seção seguinte, apresento os estudos sobre bem-estar animal, destacando a relevância da necessidade de oferecer bem-estar aos animais, bem como algumas legislações relacionadas à temática.

3 O BEM-ESTAR ANIMAL

A comunidade científica considera o uso de animais imprescindível para o avanço da ciência, alegando que alguns fatos importantes como a composição de fármacos e a descoberta da origem e cura de determinadas doenças se devem a essa técnica. Dessa forma, à medida que os pesquisadores se utilizavam de animais para seus experimentos, os movimentos de proteção animal, que lutavam pela criação de legislação com objetivo que regulamentassem essa prática, ganhavam espaço no cenário mundial. No Brasil, em 1895, Wallace e Cochrane fundaram a União Internacional Protetora dos Animais (UIPA), considerada a primeira instituição protetora de animais não humanos no país. Desde então, outras entidades e associações com esse mesmo objetivo começaram a surgir, trazendo consigo mudanças significativas na legislação (SILVA, 2019).

Utilizar animais não-humanos para variados fins é uma discussão que vem ganhando representação mundial, principalmente no que se refere a dois grupos: aqueles que defendem o uso, e os dos que busca pela abolição de qualquer uso. No Brasil, leis que tinham por objetivo regulamentar a vivisseccção começaram a ser propostas apenas em 1995. Nesse período foi constituído o Projeto de Lei Arouca – Lei nº 11.794, de 8 de outubro de 2008 (BRASIL, 2008), sendo que fora a partir dessa Lei, foi criado o Conselho Nacional de Experimentação Animal (CONCEA), o qual visa credenciar instituições interessadas na utilização de animais não humanos para fins didáticos, além de fiscalizar o cumprimento de regras e regulamentos concernentes a mesma (GURGEL, 2013).

A Lei Arouca (BRASIL, 2008) pode ser considerada um marco no avanço da legislação brasileira, no que se refere à preocupação de regulamentar a utilização de animais em práticas didáticas ou científicas. Na verdade, a vigência da atual legislação para criação e utilização de animais voltadas a ensino e pesquisa impõe limites à prática, levando em consideração o máximo possível, a proteção dos animais, visto que preconiza o planejamento do experimento a fim de se utilizar o menor número possível de animais e evitar estresse, dor ou sofrimento desnecessários (GUIMARÃES; FREIRE; MENEZES, 2016).

A Lei Arouca determina que o animal deve passar por eutanásia, tanto no fim quanto em qualquer fase do experimento, caso seja submetido à intenso sofrimento. Aos que não precisarem ser sacrificados, é permitido que sejam doados a pessoas idôneas ou instituições de proteção animal. Essa lei preconiza, também, o uso de anestésias, sedação ou analgesia adequadas, proibindo o uso de relaxantes musculares como substituto destas (SILVA, 2019).

Em 1959, W. M. S Russel (1925-2006) e R. L Burch (1926-1996) publicaram o princípio dos “3Rs” – *Replace, Reduce e Refine* – com a pretensão de priorizar o bem-estar animal em toda experimentação. *Replace* diz respeito a substituição de animais, quando possível, por medidas alternativas, tais como vídeos, programas de computador, dados matemáticos e teste *in vitro*. Com o surgimento de novas possibilidades em termos científicos, é possível reduzir o número de mortes de animais em nome da ciência. O *Reduce* e o *Refine* se referem ao refinamento das técnicas que tentam reduzir a dor e sofrimento do animal não humano durante a pesquisa (SILVA, 2019).

Os pesquisadores do *Farm Animal Welfare Council* (Comitê de Bem-Estar Animal e de Fazenda), instituição que se dedica ao bem-estar animal, consideram que para que haja o bem-estar animal é necessário levar em consideração um conjunto de princípios essenciais para “cinco liberdades”, deveriam regular as práticas agrícolas e outras onde são explorados animais. De acordo com esses estudiosos, o ideal para o bem-estar dos animais seria respeitar as cinco liberdades a saber:

- a) liberdade de fome e sede;
- b) liberdade do desconforto;
- c) liberdade da dor ferimentos e doenças;
- d) liberdade para expressar o comportamento natural;
- e) liberdade do medo e da angústia.

As legislações de proteção animal que se apresentaram posteriormente ao ano de 1959 tiveram como inspiração o princípio dos “3Rs”. O *Farm Animal Welfare Council* aborda também os “3Rs”, que diz respeito aos animais utilizados para experimentação em laboratório. Estes são:

- a) redução do número de animais utilizados;
- b) substituição (*Replacement*, em inglês) por alternativas sem animais;
- c) refinamento, ou seja, alterando protocolos de experiências para diminuição de dor e sofrimento (AUTRAN, 2017).

Tanto as 5 liberdades quanto os “3 Rs”, são considerados critérios relevantes para o BEA (Bem-Estar Animal) e sua aplicação em diferentes setores da vida animal em relação ao homem. São tomadas, também, como base na União Europeia (Comunidade Europeia) para formulação de leis e regulamentações em especial no que diz respeito aos animais de produção (5 Liberdades). Animais de experimentação, tanto da União Europeia como de outros países – ex. conselhos de pesquisa de diferentes países – utilizam os “3 Rs” para embasar seus

regulamentos. Os “3 Rs” representam um reconhecimento explícito de que os animais só devem ser utilizados quando não há alternativas e que quando os pesquisadores realmente necessitam usar animais não humanos em experimentos, são moralmente obrigados a garantir o mínimo de sofrimento possível para este fim (FRANCIONE, 2013).

Essas condutas do bem-estar animal são apresentadas em nível federal e suas regulamentações de implantação, onde quem precisa usar animais em experimentos consulte um médico veterinário para planejar procedimentos dolorosos. Em seu Artigo 1º, institui o Código Federal de Bem-Estar Animal, estabelecendo diretrizes e normas para a garantia de atendimento aos princípios de bem-estar animal nas atividades de controle animal, experimentação animal e produção animal, por meio da otimização dos processos de desenvolvimento econômico e científico, com o aprimoramento das técnicas e investimentos que garantam maior eficiência, lucratividade e operacionalidade, controle e prevenção sanitário-ambientais, capacitação e preservação das condições de bem-estar do trabalhador, bem como o atendimento à legislação e recomendações nacionais e internacionais (BRASIL, 2017).

O bem-estar animal é uma ciência que leva em consideração as necessidades e os sentimentos dos animais, não somente na visão dos humanos, mas, sobretudo na visão dos próprios animais, a fim de que seja reservada sua qualidade de vida em primeiro plano, inclusive no ramo de experimento em animais. Salienta-se que, muito embora haja princípios que norteiam o experimento em animais e os transformem em experiências mais éticas, responsáveis e moralmente aceitas pelo público, o posicionamento que prevalece neste trabalho é o de que vida animal nenhuma deve ser minimizada e explorada ao bel-prazer humano, uma vez que possuem o mesmo valor (MALGUEIRO, 2020).

Um animal com alto grau de bem-estar é considerado aquele que tem boa saúde e que pode expressar seu comportamento naturalmente. O comportamento natural de um cão, por exemplo, inclui cavar, correr, uivar, de um porco, fuçar; o de um pássaro voar, ente muitos outros. A promoção do bem-estar animal anda de mãos dadas com a promoção do bem-estar humano e da sustentabilidade. É o chamado Bem-Estar Único, conceito ligado ao de Saúde Única, que fala da integração entre a saúde e o bem-estar dos animais, seres humanos e condições ambientais (CONGRESSO DE BIOÉTICA E BEM-ESTAR ANIMAL, 2008).

Devido ao especismo na relação animal humano para com animal não-humano, as pessoas deixam de levar em consideração que estes últimos são seres sencientes, capazes de sentir emoções como medo e felicidades. Isso pode ser em consequência da forma como o animal é visto pelo código civil brasileiro, no qual os estes são classificados como coisas (diz

coisa tudo aquilo que pode ser objeto de relações jurídicas). No caso como coisa corpórea/material, móvel e fungível. Esse pensamento justifica a discrepância no tratamento entre animais humanos e não humanos levando em consideração conta o princípio de igual consideração onde devemos tratar os interesses do nosso semelhante de modo semelhante.

A única exceção é se houver uma razão moralmente sólida que justifique conduta diferente desta. Para os animais humanos é garantido o direito de não ser propriedade alheia, mas por outro lado é permitido tratá-los os animais não humanos como meros recursos. Pensando nisso, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) lançou em 2013 uma campanha nacional sobre bem-estar animal, que por sua vez tinha por objetivo informar e conscientizar a população sobre o seu papel, tendo os médicos veterinários e zootecnistas como grandes aliados na promoção do bem-estar animal (FRANCIONE, 2013).

Existe uma notável inconsistência entre o que alguns cidadãos dizem e o que realmente fazem em relação aos animais. Essa diferença está no *status* dos animais como nossa propriedade. A condição dos animais como propriedade é antiga, tem nos acompanhando há milhares de anos. Uma possível causa para isso pode ser a evidência histórica de domesticação.

Há muitas confusões sobre o conceito de direitos, para o nosso objetivo, precisamos focar apenas um aspecto do conceito de direito que é comum a maioria das teorias que tratam sobre essa temática: um direito é um determinado modo de proteger interesses. O direito de não ser tratado como propriedade alheia é básico, pois diferente de quaisquer outros direitos que poderíamos ter, é uma pré-condição para a posse de interesse moralmente significativos (FRANCIONE, 2013). No Código Civil, art. 207, a relação de posse dos animais se equivale a posse de móvel e outros objetos sem vida (BRASIL, 2002). Isso dá o direito ao proprietário a posse exclusiva, como por exemplo, para ganho econômico, garantias ou empréstimos, podendo vender, dar, matar e destruir o animal.

A condição de propriedade dos animais torna sem sentido qualquer discurso que requeira sob o princípio de tratamento humanitário ou as leis do bem-estar animal. Se nós realmente quisermos levar a sério a rejeição, no que tange o sofrimento desnecessário dos animais, a única forma é aplicando aos animais o princípio da igual consideração, ou seja, devemos tratar semelhantes semelhantemente. Aplicar esse princípio aos animais não quer dizer que estejamos comprometidos com a posição de que os animais não humanos são o mesmo que os humanos, ou mesmo que eles são nossos iguais em todos os aspectos. Esse princípio reporta que se os humanos e os animais não tiverem um interesse semelhante, devemos tratar esse interesse dela ao menos que haja uma boa razão para agir contrariamente a isso. Sobre os

animais não humanos, eles são semelhantes a nós, em ao menos um aspecto, a saber: eles são sencientes e, como nós, têm interesse de não sofrer (FRANCIONE, 2013).

Com a discussão acerca do bem-estar animal, algumas leis que tratam da regulamentação dessa prática vêm sendo criadas. No Maranhão, a Lei nº 10412, de 05 de janeiro de 2016 (Lei Estadual de Proteção aos Animais), estabelece normas para a proteção, direito, defesa e preservação dos animais. Em seu Artigo 2º, dispõe os tipos de ações que são proibidas para com os animais não humanos, entre elas, as mais relacionadas com o bem-estar animal e com a utilização destes como recurso terapêutico, alguns parágrafos chamam atenção, a saber:

II – Manter animais em local desprovido de asseio ou que lhes impeçam a movimentação, o descanso ou os privem de ar e luminosidade; III - obrigar os animais a trabalhos excessivos ou superiores às suas forças e a todo ato que resulte em sofrimento para deles obter esforços que não se alcançaria senão com castigo; VI – vender ou expor à venda animais em áreas públicas sem a devida licença de autoridade competente (MARANHÃO, 2016).

Embora existam leis que regulamentem a proteção e bem-estar dos animais em âmbito federal e municipal, é possível afirmar que realmente estas protegem os interesses dos animais de modo a assegurar o que vem redigido em sua escrita? A resposta é não, pois a lei limita o nosso uso de animais na medida em que devemos usá-los com objetivos específicos, sendo assim insuficiente acerca do controle sobre condições de bem-estar e punição para os que praticam maus tratos, comercialização entre outras previstas em lei. Embora estas leis, supostamente, proibam o sofrimento desnecessário aos animais, infelizmente, elas não proporcionam a proteção necessária, pois os tribunais geralmente sustentam e defendem condutas onde o animal possa ser utilizado para benefícios dos humanos (FIELD-FISHER, 1964).

A objetificação dos animais não humanos se reflete nas Intervenções Assistidas por Animais quando a preocupação com cuidados e bem-estar são negligenciados em nome da ciência e os benefícios para o homem, bem como por nossa cultura especista deixamos de levar em conta aspectos extremamente necessários que assegurem o bem-estar do animal. Provavelmente isto se dá pelas próprias leis responsáveis por assegurar esses direitos para os não humanos que deixam algumas brechas para interpretações diversas.

Em 2019, o Projeto de Lei da Câmara nº 27/2018 (BRASIL, 2018), estabeleceu que os animais passaram a ter natureza jurídica *sui generis*, como sujeitos de direito despersonalizados, dos quais devem gozar e obter tutela jurisdicional em caso de violação, vedado o seu tratamento como coisa.

Em virtude da importância que o animal tem na vida do homem e dos possíveis benefícios dessa interação, é que existe uma intervenção na qual o animal é o protagonista do processo terapêutico, a qual denomina-se Intervenção Assistida por Animais (IAA) (SILVA, 2019).

4 AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS – IAAS

“Intervenções Assistidas por Animais” é um termo geral e amplo, utilizado para descrever diversas ações que envolvam a relação homem animal em atividades terapêuticas ou não, assim como faz referência a todo tipo de intervenção prestada a diferentes populações com o suporte de animais. Dentro das IAAs existem três modalidades principais, a saber: Atividade Assistida por Animais; Terapias Assistidas por Animais e Educação Assistida por Animais, de acordo com a (DELTA SOCIETY, 2020).

De acordo com a *International Association of Human-Animal Interaction Organization* no chamado “*IAHAIO White Paper*”, a Intervenção Assistida por Animais (IAA) é uma intervenção estruturada, orientada e intencionalmente incorpora animais com o propósito de obter benefícios terapêuticos para os seres humanos no âmbito da saúde, educação e em organizações sociais (como serviços sociais, por exemplo) (IAHAIO, 2014).

Historicamente é possível perceber que a relação de homens com animais é indissociável. Vários registros históricos demonstram que os animais têm sido, ao longo dos séculos, a maior e mais próxima companhia dos homens. Existem estudos científicos que têm focado seu interesse na contribuição que os animais oferecem ao processo de recuperação, tratamento, eliminação de fobias, enlutamento e perdas, auxílio no diagnóstico de doenças, facilitação no processo de aprendizagem, na ressocialização e diminuição do sofrimento humano (BORBA, 2015).

As atribuições de cura e diagnóstico aos animais são bem mais antigas do que parecem. Elas remontam a mitologia grega. Apolo, Deus do Sol e supremo, considerava os cães seres sagrados, atribuindo-lhes poderes curativos (BECKER; MORTON, 2003). Esse mesmo autor relata, ainda, a lenda do esculápio ou *Asklépios* em grego, filho de Apolo e Côronis, datada por volta de 700 a. C. Considerado um grande médico, desenvolveu diversos templos de cura, onde por lá passeavam cobras e cães que andavam pelo templo e lambiam as feridas dos pacientes.

O primeiro relato da participação de animais em tratamento de saúde na sociedade ocidental contemporânea, remonta ao final do século XVIII, na Inglaterra. O Retiro de York – instituição psiquiátrica que empregava métodos terapêuticos considerados mais humanos para a época – mantinha coelhos, gaivotas, falcões e aves domésticas nos pátios e jardins frequentados pelos pacientes. Essas criaturas eram geralmente muito familiares aos pacientes, pois acreditava-se que a relação entre eles ia além de um prazer inocente, à medida que despertavam sentimentos de sociabilidade e benevolência nos internos (ALTHAUSEN, 2007).

Um marco no contexto das IAAs foi registrado no consultório do americano Boris Levinson. Durante o atendimento de uma criança ele recebeu a visita inusitada de seu cachorro Jingles, em 1962. Levinson relata que na ocasião estava em seu consultório quando, então, uma família composta por pai, mãe e uma criança com deficiência intelectual chegou antes do horário marcado. Jingles correu em direção a criança, a qual não esboçou medo e nenhuma outra reação negativa no contato com o cão. O resultado disso foi que, a criança que estava introspectiva interagiu com o cão, que assistiu assim, ao seu processo psicoterápico (LEVINSON, 1997).

Durante a entrevista com os pais, a criança demonstrou interesse em voltar ao consultório para ver o cachorro. Os pais estavam muito aflitos, pois a mesma criança que reagiu de forma tão positiva com a presença do cão, já havia sido submetida a vários tratamentos sem obtenção de bons resultados e foi sugerido a família internação desta (LEVINSON, 1997). O contributo de Levinson foi de tal modo importante que foi considerado o precursor da Intervenção Assistida por Animais (CAETANO, 2010).

À medida que o interesse nesse tipo de intervenção aumentava, especialistas do Hospital Psiquiátrico da Universidade Estadual de Ohio, em 1970, recolheram pela primeira vez dados empíricos sobre o uso de animais em contexto terapêutico (TURNER, 2011). Anos mais tarde, em 1977, foi fundada a *Delta Society*, uma organização multidisciplinar sem fins lucrativos criada para promover a investigação da ligação homem-animal (LIMA; SOUSA, 2004). Todavia, foi nos primórdios do século XXI que essa intervenção foi alvo de maior atenção, com o surgimento de várias pesquisas experimentais que relatavam os benefícios trazidos pela intervenção assistida por animais (TURNER, 2011).

O segundo marco das IAAs é referente à sua presença no Brasil, tendo como pioneira no país a psiquiatra Nise da Silveira, na década de 1950, que era contra os tratamentos convencionais utilizados na época com os pacientes do Hospital Engenho de Dentro. Esse procedimento, no qual os pacientes eram submetidos é chamado lobotomia. Para tal procedimento era utilizado um picador de gelo que fazia uma perfuração atrás do olho para retirada de um pedaço do cérebro. Para a psiquiatra, era importante que o interno se expressasse, pois dessa forma seria possível compreender melhor os sintomas que apresentavam, aliado a isso foi iniciado a utilização de cães durante alguns anos de seu trabalho (SILVEIRA, 2015).

Um terapeuta pode desempenhar junto a um cidadão em sofrimento psíquico uma ação catalisadora, ou seja, que possibilite a reorganização psíquica, e de forma inibidora junto a outro indivíduo, uma vez que as vivências afetivas estão ligadas às projeções inconscientes inerentes às relações. Como a ênfase encontra-se nas relações afetivas, Nise da Silveira (1981; 1992;

1998/2006) propõe, também, que seja levado em consideração os vínculos estabelecidos com os animais, notadamente o cão, dada a sua constância. Assim, a presença de terapeutas (humanos e animais) nas atividades de terapia ocupacional está relacionada ao conceito de afeto catalisador (SILVEIRA, 2015).

Cronologicamente, Dra. Nise iniciou seus trabalhos com os animais primeiro que o Dr. Levinson, mas, apesar disso, e das cartas pelas quais eles se correspondiam entre si, ele é reconhecido internacionalmente como pioneiro nas Intervenções Assistidas por Animais (DOTTI, 2014).

O terceiro marco foi com o psiquiatra Michael J. McCulloch. O médico percebeu que alguns de seus pacientes levavam seus bichos para as consultas veterinárias, alegando que seus animais sofriam com sintomas, que na realidade, eram pertencentes ao próprio paciente. Depois desses fatos, Michael iniciou vários trabalhos que, por fim, culminaram na criação da *Delta Society* como já mencionado, uma associação que trabalha para expandir e legitima as IAAS (BASTOS; BORBA, 2018).

Todavia, somente entre as décadas de 80 e 90 começou o interesse por esse tipo de prática, dando início às pesquisas, à procura por profissionalização e, conseqüentemente, o surgimento de centros especializados. Em relação a terminologia utilizada, esta sofreu modificações no decorrer dos anos, como por exemplo Zooterapia, Pet Terapia, Terapia Facilitada por Animais, até chegar ao termo Intervenções Assistidas por Animais, que por sua vez é dividida em Atividade Assistida por Animais, Educação Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais (DOTTI, 2014).

A Atividade Assistida por Animais (AAA) tem um caráter lúdico e objetiva a melhoria da qualidade de vida e aumento do bem-estar dos indivíduos, tendo como base os benefícios da relação homem-animal. Essas atividades podem ser desenvolvidas com grupos em contexto institucional ou sob forma de visitas, modalidade muito comum em outros países. Nestas atividades os pacientes recebem a visita do animal e do seu guia humano, com intuito de proporcionar companhia, afeto, motivação para enfrentar as dificuldades diárias, bem como enriquecer o cotidiano de quem está internado ou a viver em uma instituição.

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é um método terapêutico que se baseia na troca positiva entre o homem e animal, mediante intervenções planejadas para atingir determinados objetivos. O animal é um coterapeuta, ou seja, se torna parte integrante e de imensa importância no referido processo. As terapias são, normalmente, conduzidas e desenvolvidas por profissionais da saúde e Ciências Humanas, com formação em Intervenção Assistida por Animais, os quais desenvolvem atividades dentro da área de atuação profissional. A Terapia

Assistida por Animais visa atingir os objetivos terapêuticos previamente planejados para aquela intervenção (DELTA SOCIETY, 2020).

A Educação Assistida por Animais (EAA) também é uma modalidade das Intervenções Assistidas por Animais. Borba (2017) elucida que consiste em uma tipologia de intervenção assistida por animais utilizada em contexto escolar educacional com crianças e adolescentes inseridos no sistema de ensino público ou privado, tanto em classes regulares quanto classes especiais.

Os cães, por sua vez, são os animais mais utilizados nas intervenções, justamente por apresentar uma afeição natural pelas pessoas, são mais sociáveis, de fácil adestramento, fazem o reconhecimento das emoções humanas e a formação do vínculo afetivo com os humanos que o cercam. O cão é um dos animais mais próximos dos humanos e, com o passar dos séculos, estes se adaptaram e aproximaram-se, pois ambos possuem a necessidade de se ligar a outro ser, ou seja, de proteger e ser protegido, esta relação de vínculo, oferece benefícios para ambas as partes (DOTTI, 2014).

Por se tratar de uma atividade que envolve animais e ser capaz de promover interação, a IAA pode parecer um trabalho de simples manuseio, que pode ser conduzido por qualquer pessoa, mas na verdade a realidade é totalmente oposta a isso. Na verdade, é um serviço complexo que exige observância de diversos fatores como por exemplo, o tipo de animal utilizado como coterapeuta. A pessoa que se disponibiliza em trabalhar com IAA precisa apresentar habilidades indispensáveis relacionadas ao domínio teórico sobre esse tipo de intervenção, comportamento animal, conhecer muito bem o animal coterapeuta, o paciente e a equipe multiprofissional envolvida neste contexto (SILVA, 2019).

O psicólogo que atua com IAAS precisa dispor de habilidades sociais para lidar com os outros atores envolvidos no processo, como o condutor do animal, a família do paciente, e ter versatilidade para atuar nos diferentes contextos em que a IAA é inserida, como hospitais, centros de recuperação para dependentes químicos, presídios, consultórios de médicos, dentistas, psicólogos, abrigos, entre outros (ROCHA, 2016).

A inserção do animal no *setting* psicoterapêutico acontece quando o paciente procura o psicoterapeuta já com a intenção de ter uma terapia assistida por animais ou quando o próprio profissional percebe que o trabalho com o animal coterapeuta é útil para o processo e sugere isso ao cliente. Nesse caso é preciso ter clareza se ele deseja realmente ou não participar desse tipo de intervenção ou se é algo que foi aceito por insistência do profissional, pois pode ser que o cliente não queira o animal em suas sessões e como consequência, o animal pode receber um

tratamento hostil por parte dele, o que pode ser estressante e violento para ambos (SILVA, 2019).

Essas terapias vêm se destacando não somente pelas comprovações científicas de sua eficácia, mas pelo crescente número de profissionais que executam terapias com animais coterapeutas. Posso destacar, brevemente, os trabalhos dos profissionais de referência Jean Marlos Pinheiro Borba (Psicólogo), Vanessa Breia (Psicóloga), Tatiane Ichitani (Psicóloga), Lidiane Colares da Silva (Psicóloga), Valéria Portugal (Graduada em Fisioterapia), Daniel Guerreiro (Psicólogo), entre muitos outros que se dispõem a ampliar nossos conhecimentos acerca das Intervenções Assistidas por Animais.

5 PSICOLOGIA E FENOMENOLOGIA

A fenomenologia nasceu na última década do século XIX, mesmo período em que começaram a aparecer os primeiros trabalhos de Edmund Husserl (1859-1938). Esse período foi marcado por um grande conflito entre os grandes sistemas filosóficos tradicionais. O pensamento positivista era o que dominava a ciência na época e tinha como sua marca principal o conhecimento objetivo, empírico e observável, que por sua vez excluía a subjetividade humana. As ciências naturais como a física, por exemplo, compreendiam seu objeto como o ser em si, como a observação empírica da realidade. A realidade no caso dessas ciências, guardaria todas as explicações dos fenômenos da natureza compreendidos na relação causa-efeito (HUSSERL, 1911/1965).

Husserl na época fez severas críticas às ciências que supervalorizam o conhecimento científico natural, bem como o naturalismo e a psicologia empírica (psicologia de orientação natural) eram os maiores alvos de sua preocupação. O naturalismo, regido por métodos indutivos e científicos, métodos estes que se distanciavam do conhecimento intuitivo. A psicologia, por sua vez buscava constituir-se como ciência se agarrando com as demais ciências naturais, naturalizando a consciência prendendo-a no sujeito (GOTO, 2008).

Edmund Husserl concebeu a fenomenologia como uma atitude e um método de rigor que objetiva ser um fundamento metodológico sobre a qual pode se uma psicologia cientificamente rigorosa. A ideia de uma Psicologia Fenomenológica vem ganhando cada vez mais espaço no meio acadêmico e profissional, à medida que se mostra promissora como uma concepção eficiente, tanto nos campos ora mencionados quanto em diferentes áreas do conhecimento. Husserl se preocupava tanto com a Psicologia, que outros estudiosos ao lerem suas obras, encontram esse termo sendo citado até mais do que a própria fenomenologia (GOTO, 2008).

O fundador da fenomenologia demonstrou uma preocupação genuína em esclarecer a relação entre Psicologia e Fenomenologia. Com esta inquietação, Husserl retoma um dos maiores problemas teórico-científicos e prático-científicos do seu tempo, a questão dos objetivos teóricos e dos métodos da psicologia (BARBIERI, 2011).

A Psicologia Fenomenológica começou no Brasil, aproximadamente na década de 70, como uma abordagem da psicologia sendo desenvolvida principalmente por psicólogos de orientação humanista. A publicação da tese em 1945, intitulada “O Método Fenomenológico na Psicologia”, do Dr. Nilton Campos foi um marco muito importante para que a fenomenologia aparecesse como método ou como recurso metodológico para a psicologia recém-nascida no

Brasil. Sobre a importância do conhecimento da Psicologia Fenomenológica, Goto (2008, p. 17) declara:

O conhecimento da psicologia fenomenológica representa, assim, uma necessidade imperiosa, porque somente ela nos permitirá conhecer os atos psíquicos em sua estrutura essencial e no modo de dar-se. Somente baseados em uma psicologia rigorosa poderemos arrancar a psiquiatria [psicologia] do empirismo que há séculos impede seu desenvolvimento como ciência autônoma.

Por meio da fenomenologia, Husserl (1911/1965) via a possibilidade de fazer da filosofia uma ciência rigorosa cujo método de investigação não estava subordinado a nenhuma suposição teórica, tendo em vista que as pressuposições inviabilizariam o contato direto com o fenômeno pesquisado. Sendo assim, em 1911 foi publicado o artigo “A filosofia como ciência de rigor” em que o filósofo e matemático Husserl (1911/1965) critica a psicologia explicativa por adotar o mesmo modelo de investigação das ciências naturais e propõe que a psicologia seja descritiva, tentando apreender intuitivamente os fenômenos tal qual se apresentam à consciência pura (SILVA, 2019).

Dessa forma, tomando como base uma psicologia fenomenológica é importante estarmos atentos ao caminho que Husserl percorreu para descrever a fenomenologia em sua relação com a Psicologia. Para que possamos compreender de forma genuína uma Psicologia Fenomenológica, temos que nos debruçar sobre a fenomenologia filosófica e compreendê-la em face da psicologia. Quando a psicologia procura outras metodologias, sobretudo aquelas que visam o modelo científico-natural, demonstra contrassenso de sua pretensa universalidade metodológica e de sua definição (HUSSERL 1911/1965).

Na prática, de acordo com Goto (2008), o grande desafio é que o próprio conceito de psicologia fenomenológica ainda não foi bem delimitado pelos brasileiros, bem como a maneira em que se compreende a relação entre a psicologia e a fenomenologia. Alguns psicólogos brasileiros que seguem orientação fenomenológica, sequer tiveram contato com as obras de Husserl, sobretudo no que se refere a esta união da psicologia com fenomenologia. Dessa maneira, para que se possa aplicar o método fenomenológico da forma como foi proposto por Husserl, é indispensável que se compreenda de que forma ele pode auxiliar em uma ciência tão complexa como a psicologia:

[...] ao mesmo tempo que em que surgiu esta fenomenologia filosófica, mas sem distinguir-se a princípio dela, surgiu uma nova disciplina psicológica paralela a ela, quanto ao método e ao conteúdo: a psicologia *a priori* pura ou psicologia fenomenológica. Esta psicologia com afã reformador, pretende ser o fundamento metódico sobre o qual pode por princípio erguer-se uma psicologia empírica cientificamente rigorosa (GOTO, 2008, p. 16).

De acordo Merleau-Ponty (1973), Husserl destaca a importância de investigar e pôr em prática aquilo que ele denominou como psicologia fenomenológica. Para ele, toda psicologia deve ser precedida de uma psicologia fenomenológica, por meio da qual, no contato com a nossa própria experiência, tenhamos condições de elaborar as noções fundamentais que a psicologia se serve a cada momento.

A Fenomenologia foca na vivência do sujeito justamente porque nega que a consciência seja um receptáculo que absorva de maneira indiferente os objetos do mundo, pelo contrário, a consciência movimenta-se intencionalmente para o objeto afim de dotá-lo de significado, desse modo ela é doadora de sentido. Na clínica, por meio da empatia, o terapeuta pode acompanhar a experiência do cliente, não vivenciando o que o outro sente, mas sentindo através do seu próprio corpo aquilo que o outro experiência (SILVA, 2019).

O termo “Clínica fenomenológica” é utilizado para se referir à descrição cuidadosa e exaustiva de sintomas, uma descrição abrangente, incluindo pacientes e não pacientes, tendo como objetivo a compilação exaustiva de dados que permitam ampla compreensão da doença e da respectiva situação que se apresenta no aqui agora. No próximo capítulo abordaremos essa temática de maneira mais específica.

5.1 O Psicólogo e a clínica na orientação fenomenológica

Historicamente, o desenvolvimento da Psicologia Clínica se deu em meados de 1850-1899, sendo voltada para o exame e tratamento de indivíduos que precisavam de um processo de adaptação ou ajustamento para viver em sociedade. Essa noção conduz, posteriormente, nos anos modernos 1900-1919, a Psicologia clínica ao focalizar na avaliação psicológica e em trabalhos de diagnósticos, com o desenvolvimento, por exemplo, dos testes psicológicos. Ao longo dos anos, surgiu a necessidade de inserir a discussão sobre a Psicologia Clínica junto à necessidade de entendê-la não focalizada nos tratamentos de problemas ou sintomas dos indivíduos num ambiente específico como o consultório, mas por meio da revisão das atividades envolvidas numa ação, escuta ou intervenção clínica, seja nas atividades de diagnóstico/avaliação, ensino, supervisão clínica, pesquisa, consulta, consultoria, áreas de prevenção (OLIVEIRA; BORBA, 2019).

Dissertar sobre Psicologia clínica sempre implica em buscar várias abordagens diferentes de pensar, como por exemplo, a Psicanálise, a Psicodinâmica, o Behaviorismo, Humanismo, entre outras. Nas escolas de pensamento mais influentes, tornou-se comum nomear seus fundadores como “pais” daquela abordagem teórica. Então, quando se fala em

Psicanálise lembra-se de Sigmund Freud (1856-1939), em Comportamentalismo – Burrhus F. Skinner (1902-1987), em Gestalt Terapia – Fritz Pearls (1873-1990), na Centrada na Pessoa – Carl Rogers (1902-1987). Então é necessário deixar claro quem é Edmund Husserl para a Fenomenologia e clarear também os caminhos percorridos para que interpretações e apropriações indevidas não sejam feitas da ideia de fenomenologia (BORBA, 2010).

Em geral quando se fala em clínica fenomenológica, os autores mais citados são: Martin Heidegger (1889-1976), Sören Ayabe Kierkegaard (1813-1855), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Martin Buber (1878-1899). Todavia, essa riqueza de olhares predomina no exercício da clínica fenomenológica no Brasil e também tem aberto espaço para os pesquisadores que buscam o retorno às coisas mesmas, ou seja, aos fundamentos do método fenomenológico de Edmund Husserl, que foi utilizado nesta pesquisa (BORBA; SILVA; OLIVEIRA, 2017).

Edmund Husserl não teve atuação clínica, devido a sua formação ser originária da matemática, mas seu interesse pela Filosofia e pela Psicologia o aproximou destas fortemente. No entanto, deixou um legado pouco estudado e reconhecido dos fundamentos da Fenomenologia dada sua relevância para a prática do psicólogo independente de sua abordagem teórica, epistemológica ou metodológica. Sendo assim, a Fenomenologia não se caracteriza por uma abordagem a ser aplicada à clínica, mas sim de uma atitude e um método que oferece rigor e uma escuta mais profunda para se chegar ao fenômeno puro em qualquer área do conhecimento (BORBA; SILVA; OLIVEIRA, 2017).

Para Husserl, o que é mais importante é a captura do fenômeno puro, ou melhor dizendo, daquilo tal como se mostra. Para ele, as características dos objetos em si eram irrelevantes. O que ele buscava era os significados, sentidos, como o objeto se mostra à consciência (HUSSERL, 1913/2006). Pensar fenomenologicamente é criar uma mudança na forma de ver o mundo, para que assim possamos superar a visão objetiva que predetermina os objetos. Na ciência natural, tudo parte e se constrói sobre a percepção sensível, externa e interna, enquanto na fenomenologia husserliana tudo se constrói sobre a visão das essências. Captar as essências das coisas é identificar o sentido delas. Logo a doutrina husserliana é puramente descritiva das essências e das configurações imanentes à consciência (BINSWANGER, 2013).

O pai da fenomenologia investiga a consciência, diferentemente de outros estudiosos da psicologia. Para ele, consciência é intencionalidade que se dirige ao objeto criando uma relação de dependência, pois não há sujeito sem objeto. É mediante a vivência, que o fenômeno é identificado. O homem é formado de complexidade e diante disto, é inexecuível aplicar nestes

um modelo método, positivista para seus estudos. É necessário que se utilize um método que leve em consideração os fatores para que o fenômeno possa de fato aparecer em sua essência.

Nessa perspectiva, Edmund Husserl apresenta a fenomenologia enquanto atitude intelectual e/ou método de trabalho e investigação. Diferente de outros métodos, na Fenomenologia o que mais interessa são as perguntas, não as respostas. Para Husserl, as ciências da natureza não têm nada a nos dizer, pois elas só tratam dos corpos e excluem a subjetividade, tentam transformar os fenômenos em racionalidade objetiva, retornando o ser para uma maneira medieval de existir (ALES BELLO, 2006).

Na perspectiva clínica de orientação fenomenológica o terapeuta irá trabalhar com os fenômenos e seus sentidos tal como surgem no setting terapêutico, sem o uso de interpretações *a priori* ou teorizações. A atitude de colocar entre parênteses todas as teorias explicativas da realidade e se deter ao que se manifesta, é o primeiro passo do método fenomenológico nomeado por *epoché*. Essa atitude significa abandonar todo o caráter positivista, dogmática e ingênua para captar a essência do conteúdo que o cliente está trazendo. Não é negar a realidade que interessa, como diz Binswanger (2013, p. 100), isso é se imiscuir dos significados das palavras ao invés de retirar juízos a partir de conceitos.

É importante frisar que na prática clínica de orientação fenomenológica, as perguntas direcionadas ao cliente se diferem um pouco de outros contextos clínicos, pois seu caráter não é investigativo e sim clarificador. Esta é estimulada por uma postura de questionamento reflexivo diante do mundo. Perguntas sobre as circunstâncias da história relatada que trazem respostas factuais levando em consideração espaço, tempo, datas, motivos e perguntas reflexivas. Vale ressaltar a importância de questionar os aspectos que dão sentido à sua vida, seus objetivos, levando o cliente a refletir não somente aos aspectos que o incomodam, mas sobretudo valorizar o que ele menos considera. Ainda que o psicoterapeuta não faça perguntas diretas, é essencial que seja dada uma oportunidade ao cliente de refletir sobre o que ele ouve (CARDOSO, 2018). Sobre a prática clínica esta autora destaca:

[...] a experiência clínica mostra que, muitas vezes, a ampliação da consciência que a pessoa tem de si promovida pelo diálogo terapêutico é suficiente para aumentar suas perspectivas para novas possibilidades, ou para o reconhecimento de aspectos já conhecidos, porém de um jeito novo. Esse processo, por si só, pode permitir a resignificação da experiência e a mudança da relação da pessoa consigo e com o mundo. (CARDOSO, 2018, p. 49).

Os fenômenos que se apresentam a nós, trazem em si mesmos elementos suficientes para a sua compreensão. Na fenomenologia husserliana, não precisamos comprovar teorias,

direcionamo-nos atentamente ao que se mostra diante de nós, buscando compreender o que é que se mostra e como se mostra. Para o psicólogo que se utiliza da fenomenologia em sua prática clínica, exige-se uma doação ao sentido oriundo da vivência, que são evidenciadas através de falas, choro, tristeza, alegria e silêncio. Nessa perspectiva, cabe então ao profissional de psicologia rigor e atenção em seu exercício profissional (BORBA, 2010).

Holanda (2014) destaca que a prática clínica não está vinculada à clássica concepção de psicoterapia, mas sim às práticas desenvolvidas por psicólogos. Práticas estas que resultam de seus embasamentos epistemológicos, teóricos, metodológicos e de suas vivências para compreensão do homem, de sua humanidade e de seus modos de ser e de estar no mundo, consigo mesmo e com os outros, não se podendo apenas migrar conceitos, acreditando ingenuamente que eles darão conta de compreender os fenômenos que ali surgem.

A utilização do método fenomenológico no âmbito da Psicologia requer uma mudança de postura, uma adaptação, especialmente na situação clínica, devido suas múltiplas facetas. O cliente é ativo no processo psicoterapêutico e ele é quem descreve espontaneamente aquilo que experiência e não do tema que seja particularmente mais importante para o psicoterapeuta (GIORGI, 2009).

Um dos princípios que remetem ao cuidado da fenomenologia, denominado *epoché* ou suspensão, é a atitude que se fundamenta na suspensão temporária dos *a priori*, o “colocar entre parênteses” daquilo que temos pré-estabelecido, nossas ideias acerca da compreensão do mundo e dos pré-conceitos diante dos fenômenos (HUSSERL, 1954/2012). Esse ato fundamental na fenomenologia contribui também para a prática da Psicologia Clínica, uma vez que é essencial ao exercício profissional do psicólogo compreender os fenômenos surgidos a partir do que é dito, sentido ou manifestado pela pessoa atendida e não pelas concepções de valor do psicólogo (OLIVEIRA; BORBA, 2019).

A redução ou *epoché* constitui-se como fundamento essencial à medida em que, ao conhecer a intencionalidade do sujeito, ela capacita o profissional a entender como a constituição dos atos e os fundamentos da experiência se apresentam, sem recorrer a técnicas engessadas ou encaixe do vivido que ocasionalmente concepções teóricas podem realizar. Trata-se de um exercício de distanciamento de tudo que é anterior à situação terapêutica, para que seja possível ao psicoterapeuta se conectar com a experiência de mundo descrita pelo cliente (CARDOSO, 2018). A redução então coopera com a clínica psicológica no que se refere a um retorno à experiência e dos fundamentos que a constitui. Nessa direção, a Psicologia clínica quando atenta a esse princípio tem a possibilidade de fomentar junto às pessoas um olhar de retorno às experiências em suas manifestações originárias e singulares (LIMA, 2011).

Finlay (2011) sugere que, para que o profissional consiga capturar a experiência vivida e o foco nos sentidos pessoais, é necessário conectar-se imediatamente com o mundo conforme o cliente experiência. Para que isso ocorra, se faz imperioso o estabelecimento de uma relação terapêutica acolhedora, com vistas a propiciar a expressão dos fenômenos da pessoa da melhor maneira, respeitando o tempo e o ritmo dela. O psicoterapeuta deve dar importância ao papel que assume diante do cliente, pois este se encontra ali expondo o que tem de mais precioso: sua intimidade, com todas os confortos e desconfortos que isto possa ocasionar.

O psicoterapeuta que assume uma atitude fenomenológica no processo terapêutico e abre-se para um mundo desvelado pelo cliente através de sua fala, os gestos e silêncio. O profissional estabelece uma relação com o cliente e o leva à compreensão que ele tem do fenômeno que emerge em sua consciência, auxiliando inclusive nessa ampliação do contato com suas experiências. A postura do terapeuta é essencial desde o acolhimento do cliente, ou seja, não se trata de uma técnica, mas uma forma de ser e se relacionar do psicoterapeuta para com a pessoa de seu cliente. Trabalhar fenomenologicamente na clínica psicológica é zelar pela qualidade da relação estabelecida entre psicoterapeuta e a pessoa do seu cliente. Esta postura envolve abertura, presença, acolhimento empático, foco no presente e favorecimento da descoberta das experiências da pessoa (CARDOSO, 2018).

A atitude fenomenológica em clínica tem uma postura diferente de algumas outras vertentes desta ciência, pois não busca cura para as patologias do cliente, pelo contrário, seu foco deve ser nos fenômenos humanos, nas vivências e experiências do cliente no “aqui e agora” da situação terapêutica. Isso requer a prática da redução fenomenológica, a qual implica pôr entre parênteses os valores e conhecimentos que podem interferir na escuta do relato do cliente, como quaisquer tipos de pré-julgamentos, sejam eles de ordem, cultural, histórica, científica, ideológica ou linguística. (CARDELLA, 2017, p. 110-111). Para este autor:

[...] reconhecer e acolher a própria vulnerabilidade possibilita que o terapeuta possibilita que o terapeuta se posicione aberto, capaz de viver a suspensão e o esvaziamento de si, sem defender-se de sofrimento do paciente, repetindo os desencontros vividos ou encontros não acontecidos. A capacidade de manter-se aberto é o que faz o terapeuta ser seu próprio instrumento.

A preocupação de Husserl, no tocante aos fundamentos do conhecimento e da razão também é relevante na discussão da psicologia clínica, pois no processo que se envereda a prática clínica, o profissional psicólogo deve desenvolver uma ação preocupada e atenta quanto aos fundamentos das verdades, atitudes e comportamentos trazidos pela pessoa atendida. A análise fenomenológica nos conduz para um olhar singular dos vividos, suspendendo visões

estanques pré-estabelecidas para captá-los na sua dinâmica própria (OLIVEIRA; BORBA, 2019).

Um dos maiores desafios do psicoterapeuta de orientação fenomenológica é se deslocar para o fundo da relação com seu cliente, de modo que o cliente seja a figura principal no processo terapêutico. Se o profissional trazer todo seu conhecimento, pré-conceitos, julgamentos, ele tira o cliente da posição central e o joga em uma posição, de não protagonista, mais distante, realçando seus preconceitos externos ao diálogo terapêutico. A postura do terapeuta é muito importante, mas, além disso, de acordo com Ales Bello (2004) existem três aspectos que são básicos: a observação (em resposta à pergunta (“o que é?”), a descrição (em resposta à pergunta “como é?”) e a compreensão (que permite o acesso aos sentidos da experiência).

Para Cardoso (2018, p. 33):

[...] aplicação do método fenomenológico ao estudo da pessoa como pessoa e sua existência resultou na descoberta que, somente por meio do diálogo) com outras pessoas como pessoas), os humanos se definem verdadeiramente. As pessoas existem apenas em constante relação umas com as outras.

De acordo com Young (2010), o psicoterapeuta pode oferecer ao cliente uma tentativa de ajudá-lo a se compreender de modo um pouco mais funcional, utilizando-se de várias formas para descrever o que está experienciando. A experiência clínica mostra, por muitas vezes, a ampliação da consciência a partir do diálogo com o terapeuta bem como da escuta que a pessoa atendida faz de si mesma. Esse diálogo é suficiente para ampliar suas perspectivas para novas possibilidades.

Neste ponto de vista, Feijoo (2000) sugere que o terapeuta convide o cliente a ampliar sua consciência quanto à sua liberdade, responsabilidade, ação e aceitação de riscos, mediante esse processo de fala e escuta. Propõe, ainda, que as falas do psicoterapeuta sejam exemplificadoras, exploradoras do cotidiano, inquisitivas, clarificadoras de emoções, refletoras de conteúdo não verbal, como o silêncio, que revelem situações conflituosas, adversativas ou paradoxais, provocativas e de aprofundamentos emocionais.

Observando todas essas considerações, se faz necessário elucidar que o processo terapêutico fundamentado na fenomenologia deve ser construído de cliente para cliente e não em série. Eu sugiro incluir: deve ser construído de cliente para cliente e não tomando como base experiências adquiridas, como se fosse um banco de experiências para serem consultadas

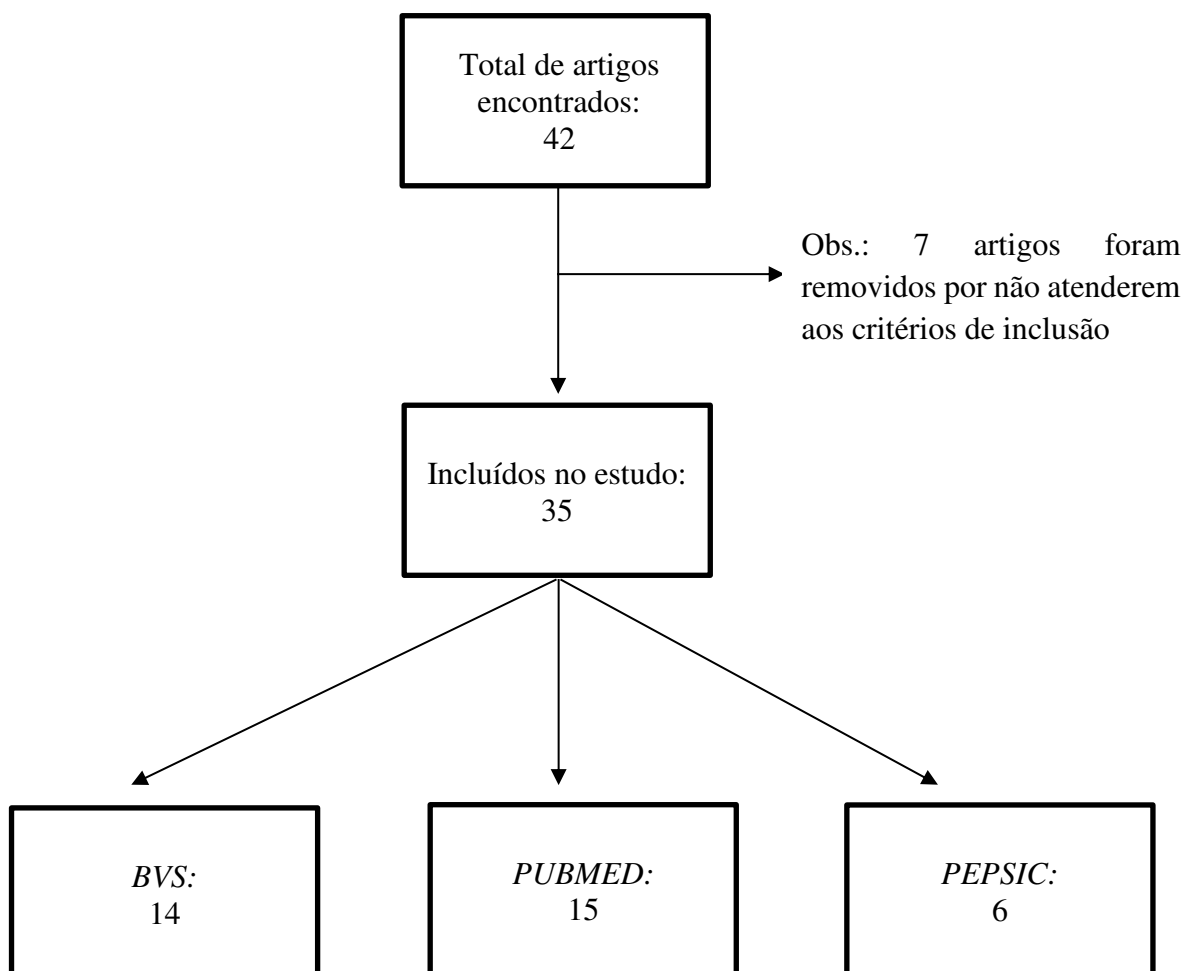
e servir de modelo, a fenomenologia enquanto atitude e método primam pela originalidade e pureza dos fenômenos acolhidos em situação clínica.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 Análise Fenomenológica da literatura

Após a realização de uma busca minuciosa nas bases de dados, obteve-se um total de 42 artigos, dos quais 35 atendiam aos critérios de inclusão, 8 foram excluídos por não atenderem a tais critérios. O maior número de artigos foi encontrado na *PUBMED* (n=15), seguido pela *BVS* (n=14) e *PEPSIC* (n=6), como mostra a Figura 1 e o Quadro 1.

Figura 1 – Fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos



Fonte: Pesquisa direta, 2020.

Quadro 1 – Publicação dos artigos, ano e local de indexação, relacionados com Intervenções Assistidas por Animais, no período de 2014 a 2019

(continua)

RESULTADOS	ANO	TÍTULO	INDEXADOR
Este estudo mostra como a presença do cão pode tornar o ambiente prazeroso.	2015	A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno do espectro autista	<i>BVS</i>
É possível apontar a AAA como facilitador da interação social, por contribuir nas condutas comunicativas.	2016	Atividade assistida por animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar	<i>BVS</i>
A terapia valida e contribuiu efetivamente para o enfrentamento, facilitando a adaptação ao ambiente hospitalar, reduzindo traumas e ansiedade da criança/ adolescente.	2016	Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros	<i>BVS</i>
Minimização de sentimentos como solidão, isolamento e estresse.	2016	Os projetos de terapia assistida por animais no estado de São Paulo	<i>Pepsic</i>
A presença do cão alivia o sofrimento, e por sua vez, cria um relacionamento especial entre manipulador de cães e o paciente.	2016	Bringing respite in the burden of illness- dog handler's experience of visiting older persons with dementia together with a therapy Dog	<i>Pubmed</i>
Os resultados apontam melhorias no equilíbrio, melhora na velocidade, distância do passo e simetria na marcha após o tratamento.	2016	Terapia assistida por animais como recurso fisioterapêutico para idosos institucionalizados	<i>BVS</i>

(continuação)

O estudo aponta benefícios físicos como, equilíbrio, amplitude de movimento e qualidade da marcha.	2016	Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia	<i>Pepsic</i>
Os cavalos serviram de facilitadores do auto constructo positivo e forneceram apoio emocional importante durante o tratamento de paciente com distúrbios de uso de substâncias.	2016	Contribution of the patient horse relationship to substance use disorder treatment: patients experiences	<i>BVS</i>
Enquanto o atual corpo de pesquisas sobre os efeitos positivos das interações entre humanos e animais continuam a crescer. Este estudo de caso fornece um exemplo promissor dos potenciais benefícios da intervenção assistida por animal (AAI) para pacientes em ventilação na UTI	2017	Animal assisted interations to alleviate psychological symptoms in patient's on mechanical ventilation	<i>BVS</i>
Os participantes na presença do animal ficam mais calmos, reduzindo sintomas como agressão e aumentaram sensação de bem-estar.	2017	Stepping out of the shadows of alzheimer's disease: A phenomenological hermneutic study of older people with alzeimer's disease caring for therapy dog	<i>BVS</i>
As respostas positivas da maioria das crianças atendidas resultaram em expressões de felicidade, sorrisos, minimização de estresses hospitalar.	2017	Interações lúdicas na atividade assistida por cães na pediatria	<i>BVS</i>

(continuação)

As sessões de montaria apresentam alterações significativas em jovens saudáveis, demonstrando que esta atividade apresenta benefícios em aspectos cardiovasculares da população estudada.	2017	Efeitos agudos e subagudos de uma sessão de montaria a cavalo sobre variáveis cardiovasculares	<i>BVS</i>
Aprimorou habilidades dos filhos com um geral bem-estar psicológico e emocional.	2017	Parent perceptions of psychosocial outcomes of equine-assisted interventions for children with autism spectrum disorder	<i>BVS</i>
Os resultados apontam benefícios quanto à comunicação verbal e não verbal dos idosos estudados.	2017	Efeitos da atividade assistida por animais nas condutas comunicativas de idosos: abordagem fonoaudiológica	<i>BVS</i>
Este estudo fornece um exemplo promissor dos benefícios potenciais das IAAS para pacientes com ventilação mecânica.	2017	<i>Animal assisted interactions to alleviate psychological symptoms in patients on mechanical ventilation</i>	<i>BVS</i>
Os resultados da pesquisa sobre a influência da equoterapia no equilíbrio postural de idosos.	2017	Efeito da equoterapia no equilíbrio de idosos: uma revisão sistemática com metanálise	<i>BVS</i>
Melhoras para realização das atividades de vida diárias relacionadas à autocuidados, mobilidade, locomoção, comunicação e cognição social.	2017	Análise qualitativa do efeito da equoterapia para crianças com paralisia cerebral	<i>Pepsic</i>
O cão pode ativar uma forma básica de socialização em pessoas com demência.	2018	Animal- assisted intervention and dementia: a systematic review	<i>Pubmed</i>

(continuação)

A prática da técnica apresentada no estudo mostra atuação relevante no estado de equilíbrio, relaxamento, desenvolvimento e na manutenção do tônus muscular.	2018	A influência da equoterapia no desenvolvimento global na paralisia cerebral; revisão de literatura	<i>Pepsic</i>
Melhoria na qualidade de vida em residentes de asilos com demência moderada e grave.	2018	Effects of dog-assisted intervention on quality of life in nursing home residents with dementia	<i>Pubmed</i>
Diminuição da ansiedade, aumento da autoeficácia e da capacidade de enfrentamento de problemas e estimulação do sistema nervoso simpático, sensação de bem-estar, aumento nos níveis de interação social.	2018	Efeitos da terapia assistida por animais na qualidade de vida dos idosos	<i>Pepsic</i>
A visita dos cães contribuiu para melhoria física e emocional dos pacientes.	2018	Visita terapêutica de cães a pacientes internados em uma unidade de cuidados paliativos	<i>BVS</i>
A terapia assistida por cães provou ser eficaz na redução de sintomas de depressão em idosos institucionalizados.	2018	Randomized controlled study on the effectiveness of animal-assisted therapy on depression, anxiety, and illness perception in institutionalized elderly	<i>Pubmed</i>
As interações com cães aliviam os sintomas associados ao fim da vida.	2019	<i>Dog handler's experiences of therapy dog's impact on life near death for persons with dementia</i>	<i>Pubmed</i>

(continuação)

Os estudos apontam necessidade de mais estudos abordando a saúde e bem estar dos animais participantes.	2019	<i>A one health research framework for animal - assisted interventions</i>	<i>Pubmed</i>
Aquisição de confiança, facilitando a habilidade para lidar com rupturas do vínculo.	2019	Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de winnicott	<i>Pepsic</i>
Os resultados implicaram que a visita do cão reduziu o estresse e sintomas de agorafobia e melhorou a consciência e a comunicação social em adultos com TEA.	2019	<i>Effects of dog assisted therapy for adults with autism spectrum disorder: an exploratory randomized controlled trial</i>	<i>Pubmed</i>
Os pacientes se beneficiaram das visitas regulares dos cães, demonstrando sinais de bom humor.	2019	<i>Effect animal-assisted therapy on patients in the department of long-term care: a pilot study</i>	<i>Pubmed</i>
Melhoria nas emoções verbais e não verbais na comunicação, humor, motivação e satisfação com o tratamento.	2019	<i>Effects of animal-assisted therapy on social behavior in patients with acquired brain injury: a randomized controlled trial</i>	<i>Pubmed</i>
Benefícios na redução de sofrimento psicológico como depressão, ansiedade, sintomas de trauma, doença mental ou dependência.	2019	<i>Incorporating animal- assisted therapy in mental health treatments for adolescents: a systematic review of canine assisted pscoterapy</i>	<i>Pubmed</i>
Melhoria na qualidade de vida do paciente.	2019	<i>Effects of dog- assisted Therapy in adults with dementia a systematic review and meta-analysis</i>	<i>Pubmed</i>

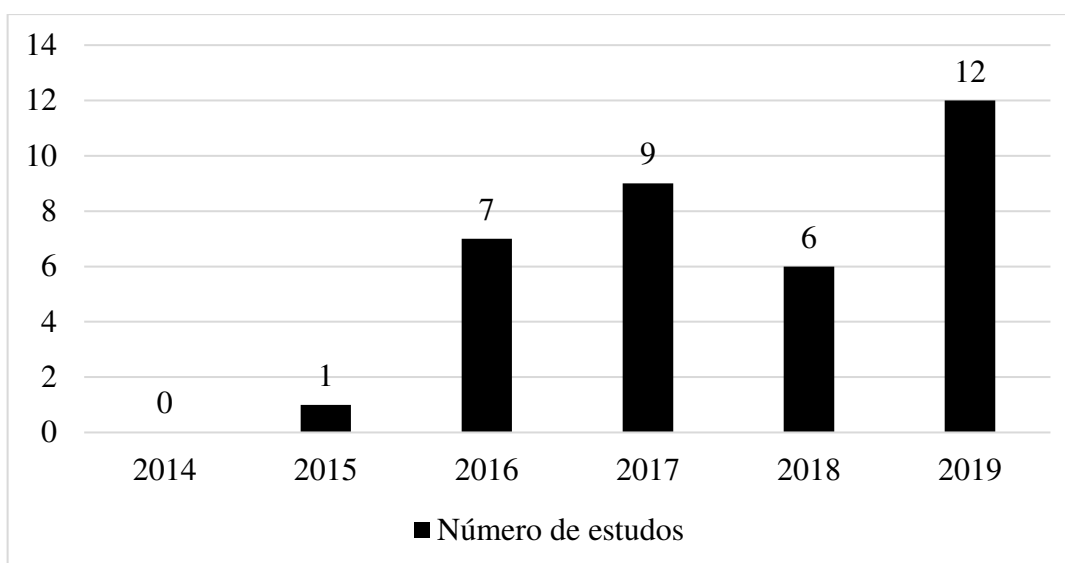
(conclusão)

Os resultados mostram a diminuição no nível de cortisol.	2019	<i>Efficacy of animal- assisted therapy adapted to reality orientation therapy: measurement of salivary cortisol</i>	Pubmed
O estudo comprovou que a hipoterapia tem um efeito benéfico na simetria da marcha em crianças com Paralisia Cerebral.	2019	<i>Effect of hippotherapy on gait symmetry in children with cerebral palsy: a pilot study</i>	Pubmed
A experiência da interação de crianças com o cão antes do exame de ressonância magnética teve efeito benéfico sobre o estado emocional dos pacientes, diminuindo os níveis de estresse e ansiedade.	2019	<i>Easing anxiety in preparation for pediatric magnetic resonance imaging: a pilot study using animal-assisted therapy</i>	Pubmed
Os resultados deste estudo acrescentam estratégias não farmacológicas para aumentar o bem estar das crianças e suas famílias no ambiente hospitalar.	2019	<i>The effect of a pet therapy and comparison intervention on anxiety in hospitalized children</i>	Pubmed

Fonte: Pesquisa direta, 2020.

O levantamento e a seleção dos artigos utilizados nesta pesquisa datam do período de 2014 (nenhum estudo), 2015 (apenas 1), 2016 (7 artigos), 2017 (9 artigos), 2018 (6 artigos) e 2019 (12 artigos). No recorte temporal trabalhado, a maior concentração de artigos válidos foi encontrada no ano de 2019, como pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Evolução no número de estudos sobre IAA



Fonte: Pesquisa direta, 2020.

Este trabalho de revisão de literatura mostra as evidências das intervenções assistidas por animais em diferentes contextos, investigando os aspectos psicológicos, emocionais, sociais ou cognitivos. Foi verificado que, com o passar dos anos, embora o número de publicações ainda seja discreto no Brasil, sobretudo no Maranhão, o interesse em pesquisas sobre as Intervenções Assistidas por Animais tem emergido no campo acadêmico. Isso demonstra a contemporaneidade da utilização de animais para auxiliar pessoas na busca por uma melhor qualidade de vida, sejam elas, enfermas ou não.

Em relação ao idioma predominante nas publicações, o idioma inglês prevaleceu discretamente em relação ao português.

6.2 Coterapeutas participantes

Entre os estudos selecionados para o estudo, houve predomínio de investigações com cães, seguidos por equinos.

O cão foi apontado como o principal animal para realização das IAAS dentro dos artigos incluídos nesta pesquisa. Esse fato pode ser devido a esse animal apresentar afeição natural pelas pessoas. Estudos demonstram, ainda, que os animais que podem ser tocados resultam em uma terapia mais efetiva. Além do cão, estudos com equinos foram identificados. Na seleção dos artigos, nenhum outro animal foi citado para Intervenção Assistida por Animais.

A presença do cão foi um facilitador das interações e promoveu estabelecimento e fortalecimento de vínculos interpessoais, benefícios na comunicação verbal e não verbal,

superação de sintomas, manifestos de linguagem oral e intensificação na gestualidade e afetividade dos assistidos, conforme Apêndice H (OLIVEIRA; CUNHA, 2017).

Sobre a visita de cães em ambiente hospitalar, esse tipo de intervenção foi capaz de revelar uma melhora significativa nas rotinas, contribuindo para a melhoria física e emocional dos pacientes, como mencionado nos Apêndices F, L, N, AC, AE e AG (MILHOMEM; CALEFI; MARODIN, 2018; KAREFJARD; NORDGREN, 2018; CECHETTI *et al*, 2016; ARAÚJO *et al*, 2018); AMBROSI *et al*, 2019; MENNA *et al*, 2019).

A equitação terapêutica se mostra como uma alternativa muito utilizada, conforme explicita os resultados. Como principais resultados, leva a um melhor processamento sensorial-motor com conseqüente aumento das experiências sensório-motoras regulares, melhora do equilíbrio postural, na consciência corporal, da marcha, manutenção do tônus muscular, confiança, ansiedade, e ajuda os indivíduos a melhorar comunicação, habilidades sociais o funcionamento cognitivo, físico, afetivo e social. Os resultados mais evidentes da equoterapia no âmbito psicológico envolveram a diminuição de ansiedade, sentimentos de segurança e ganhos em relacionamento social. Além desses aspectos, benefícios físicos como equilíbrio, amplitude de movimentos e qualidade da marcha mostram a eficácia do método terapêutico da equoterapia, como é possível observar nos Apêndices E, F, G, J, O, P, R, S, T, AF (KERN-GODAL *et al*, 2016; ZAMO; TRENTINI, 2016; SANTOS; SILVA, 2016; ARAÚJO *et al*, 2018; RIGONI; PAIVA; SOUSA, 2017; TAN; SIMMONDS, 2017; MELLO *et al*, 2018; FERREIRA *et al*, 2017; SILVA; LIMA; SALLES, 2019; JONES; RICE; COTTON, 2019).

6.3 Tipo de intervenção utilizada

O tipo de intervenção predominante foi a Terapia Assistida por Animais (TAA), por sua vez utilizada no enfrentamento de doenças e tratamento, muitas das vezes invasivos e que proporciona uma melhora na qualidade dos atendimentos oferecidos à população assegurando o direito de terem suas necessidades orgânicas e psicológicas reconhecidas e assistidas por meio de um olhar mais holístico e humanizado (Quadro 2).

6.4 Resultados obtidos com coterapeutas

A diminuição da ansiedade é um dos efeitos mais bem documentados em seres humanos como resultado da interação com animais, e a sua evidência encontra-se atualmente bem suportada na literatura por parâmetros fisiológicos. A diminuição dos comportamentos

negativos e estressantes relatados em diversas interações com animais nestes pacientes surgem como argumentos desse efeito, como demonstra os Apêndices, A, I, J, K, U, AC, AG e AH (ROMA, 2015; PEREIRA *et al*, 2017; TAN; SIMMONDS, 2017; SWALL *et al*, 2017; KAREFJARD; NORDGREN, 2018; AMBROSI *et al*, 2019; HEDIGER *et al*, 2019; HINIC *et al*, 2019).

Há estudos que, embora englobe questões físicas, se detiveram em avaliar aspectos emocionais, cognitivos ou sociais. Esses inquéritos foram realizados com participantes com as seguintes características: atraso do desenvolvimento, paralisia cerebral ou com deficiências não especificadas, como constam nos Apêndices F, O, P, R, S, T, AF (MELLO *et al*, 2018; FERREIRA *et al*, 2017; SANTOS; SILVA, 2016; ZAMO; TRENTINI, 2016; SILVA; LIMA; SALLES, 2019; ARAÚJO *et al*, 2018; JONES; RICE; COTTON, 2019).

6.5 Ciclo de vida dos participantes

Entre a bibliografia analisada, existiu uma predominância de estudos realizados com crianças, de acordo com o Quadro 2. As respostas positivas da maioria das crianças atendidas resultam em expressões de felicidade, sorrisos e minimização de estresse hospitalar. Os pais entenderam que as IAAs se constituem um momento de compartilhar carinho, as crianças se tornam mais comunicativas e descontraídas. As IAAs, dentro de instituições hospitalares, trazem resultados positivos para criança, pais, familiares e equipe de saúde, como mencionado nos Apêndices A, C, I e AH (ROMA, 2015; OLIVEIRA *et al*, 2016; PEREIRA *et al* 2017; HINIC *et al* 2019).

Sobre a percepção dos profissionais da equipe de enfermagem e responsáveis pelas crianças e adolescentes em tratamento oncológico, estes reforçam as recomendações que as IAAs podem ser aplicadas no contexto hospitalar, pois traz consigo um aspecto importante de humanização, podendo descontrair o clima tenso do ambiente hospitalar, melhorar as relações interpessoais e facilitar a comunicação entre pacientes e equipe de saúde, sugerindo que a terapia em questão pode se tornar uma tecnologia efetiva para promoção da saúde de crianças e adolescentes com câncer (MILHOMEM; CALEFI; MARODIN, 2018), como aponta o Apêndice N.

As mães descreveram o estado emocional das crianças e adolescentes, antes da visita do animal, neste contexto, o cão, onde expressavam sentimento como medo, estresse e desânimo. Os responsáveis comentaram que terapia contribui para o enfrentamento da criança/ adolescente

no ambiente hospitalar, reduzindo ansiedade, o trauma da hospitalização, além de favorecer a relação entre a equipe de saúde e usuário do serviço.

Também foi verificado os benefícios das IAAs em crianças que se preparam para realizar exame de ressonância ou que se encontram hospitalizadas, entre eles: alívio da tensão, diminuição dos níveis de ansiedade independentemente da idade, como pode ser observado nos Apêndices J e K (TAN; SIMMONDS, 2017; SWALL *et al*, 2017).

Entre crianças com queixas pedagógicas de agressividade, hiperatividade, isolamento com recusas a participar de atividades em grupo e brigas corporais, as IAAs surgem como um facilitador na interação social das crianças contribuindo nas condutas significativas, aumento da autoestima, melhorias no humor promovendo a superação das condições estigmatizadas diante do grupo, como pode ser observado no Apêndice C (OLIVEIRA; ICHITANI; CUNHA, 2016).

Estudos conduzidos com idosos aparecem com grande representatividade, com quadro demencial, conforme apresentado no Quadro 2. Sobre IAAs com idosos acometidos por demência e câncer, os resultados da interação demonstram que a interação dos animais com os idosos alivia o sofrimento e cria um relacionamento especial, não somente entre cão e paciente, mas também entre o tutor e paciente. A presença do cão atua como efeito calmante para os idosos com quadro demencial, pois traz alívio aos sintomas de fim de vida. Além disso, o cão pode ativar uma forma básica de socialização em seres humanos afetados com demência.

Os resultados das IAAs em pacientes com Alzheimer mostraram uma diminuição no nível de cortisol, bem como melhora nos sintomas depressivos, aumento na interação social e de interações verbais, além de indicar potencial de empoderamento relacionado ao tratamento, melhorando a marcha e o equilíbrio dos idosos, como demonstra o Apêndice AE (MENNA *et al*, 2019).

Entre jovens também, sejam eles saudáveis ou não, também é perceptível os efeitos gerados resultantes da interação homem- animal. Em uma sessão de montaria, o cavalo é capaz de gerar efeitos sobre o sistema cardiovascular de indivíduos jovens saudáveis. Os resultados permitem pensar em uma possível ampliação da visão clínica da equoterapia, para além das indicações tradicionais, de acordo com Apêndice G (RIGONI; PAIVA; SOUZA, 2017). Além disso, as IAAs em adultos reduzem o estresse, sintomas de agorafobia melhora a consciência e a comunicação social entre adultos sugerem que a interação com um animal parece proporcionar-lhes a noção de familiaridade, previsibilidade e segurança para lidar com qualquer situação nova e naturalmente estressante (WIJKER, 2019), Apêndice AB.

6.6 Fenômenos emergentes

Dentre os fenômenos que mais se manifestaram nos artigos, temos:

- a) Pacientes em tratamento de abuso de substâncias. Em tratamentos de pacientes com abusos de substâncias, as IAAs fornecem apoio emocional durante o período em que o usuário está em tratamento. O vínculo com o cavalo, tem efeito positivo, facilitando e fortalecendo a aliança entre paciente e terapeuta.
- b) Pacientes sob ventilação mecânica. Nos pacientes sob ventilação mecânica, as IAAs se apresentam como uma intervenção eficaz, útil e flexível que pode ser implementada em espaços como UTI, pois o animal reforça bem os mecanismos de bem-estar dos pacientes.
- c) Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em crianças com diagnóstico de Autismo que participam de interações com animais, foi observado melhoras no autoconceito, empoderamento, maior abertura destas crianças para novos desafios e conseqüentemente a capacidade de autorregulação e bem-estar. Sobre a influência da equoterapia no estabelecimento de vínculos afetivos de crianças com autismo, foi possível perceber aquisição de confiança e melhores condições para lidar com rupturas de vínculo. A interação de animais com crianças autistas é capaz, segundo os autores pesquisados, de gerar altruísmo e autoestima. O indivíduo parece ser capaz de agir como saudável no momento da interação. Os participantes ficam mais calmos na presença do animal, expressaram contentamento e quase adormeceram ao acariciar o pelo do animal. Percebeu-se com esse estudo que sintomas como agressão diminuiram dando espaço a uma sensação de bem-estar, facilitando a interação e desta forma melhorando comportamentos de empatia e carinho, como pode ser observado nos Apêndices A, J, T, AB (ROMA, 2015; TAN; SIMMONDS, 2017; SILVA; LIMA; SALLES, 2019; WIJKER *et al*, 2019).

As Intervenções Assistidas por Animais apresentam benefícios relevantes em pacientes com paralisia cerebral, conforme descrito no Quadro 2. Um estudo realizado com três crianças, de ambos os sexos, diagnosticadas com paralisia cerebral, que não faziam fisioterapia convencional e nem equoterapia, comprovou por meio de atividades como: elevar e sentar na sela, jogos lúdicos, manejo do cavalo, escovar seu pelo com vários tipos de escova para estimular conhecimento, texturas e temperaturas, que houve melhoras para realizar atividades diárias relacionadas à autocuidado, mobilidade, locomoção, comunicação e cognição social,

concluindo neste estudo, a eficácia da equoterapia no tratamento de crianças com paralisia cerebral, como pode ser observado no Apêndice O (MELLO *et al*, 2018).

Um estudo realizado com crianças com paralisia cerebral comprova ainda que a hipoterapia (terapia com cavalos) melhora a marcha e o equilíbrio destas crianças, Apêndice Z (MUTOH *et al*, 2019). As IAAs têm sido vistas como possibilidades de intervenção não medicamentosas. Nesse modelo de intervenção, as crianças desenvolvem repertório de habilidades sociais, estimulando-as a estabelecerem contato visual, aceitar aproximação física e respeitar limites; despertam ainda expressões de alegria e evitam expressões de rejeição, como relatado no Apêndice A (ROMA, 2015). Verificou-se, assim, por meio de análises de literaturas a eficácia da equoterapia no tratamento de diversos casos de crianças com paralisia cerebral. As práticas e técnicas apresentadas mostram resultados significativos no que se refere ao equilíbrio, relaxamento, desenvolvimento e manutenção do tônus muscular, promovendo melhoras da conscientização corporal, coordenação motora, auxílio na melhora da atenção, da autoconfiança e autoestima, levando a melhora no desenvolvimento global da criança, mencionado no Apêndice O (MELLO *et al* 2018).

Fatores associados ao bem-estar de pacientes com lesão cerebral adquirida, foram identificados em estudos realizados com adultos, como motivação e satisfação com o tratamento durante a sessão terapêutica. As IAAs aumentam os aspectos de competência social e habilidades de interação após lesão, como consta no Apêndice AA (HEIDIGER; THOMMEN; WAGNER; GAAB; HUND-GEORGIODIS, 2019).

6.7 Métodos utilizados nas literaturas selecionadas

No que diz respeito ao delineamento metodológico das pesquisas, houve o predomínio de estudos de revisão de literatura, conforme Quadro 2. Nos estudos dessa tipologia, os principais resultados apontam a importância das IAAs como possíveis substitutos para diferentes tipos de intervenção. Numerosos estudos destacam a influência significativa da relação homem-animal no bem-estar e saúde dos humanos e que as IAAs se mostram como um tratamento eficaz para distúrbios mentais, comportamentais e neurológicos em diferentes populações, possibilitando melhora na comunicação, autoestima e capacidade para assumir responsabilidades nas interações sociais.

Após as reduções realizadas, as evidências indicam que os estudos de revisão de literatura concluem que as IAAs podem ser benéficas na redução do sofrimento psicológico, incluindo quadros de depressão, ansiedade, sintomas de trauma, doença mental ou dependência

química. É de suma importância conscientizar a humanidade sobre a relevância de manter e perseverar em uma relação de cuidado e respeito entre seres humanos e animais. Estes resultados são encontrados preferencialmente nos estudos de Jones, Rice e Cotton (2019), Apêndice AF.

Quadro 2 – Descrição simples e evidência do que foi coletado

(continua)

AUTOR (ES) (ANO)	INTERVENÇÃO	COTERAPEUTA	SUJEITOS	BEM-ESTAR	ADESTRAMENTO	MÉTODO/ ÁREA	FENÔMENOS ESTUDADOS	RESULTADO
Roma (2015)	TAA.	Cão.	Crianças.	Sim.	Não descrito.	Experimental/ Psicologia.	TEA.	Os cães foram eficazes em despertar expressões de alegria nas crianças.
Hetland, Bailey e Prince-Paul (2017)	TAA.	Cão.	Pacientes sob ventilação mecânica.	Sim.	Não descrito.	Estudo de caso/ Enfermagem.	Não descrito.	A interação com animais favorece o bem-estar e benefícios para os pacientes.
Oliveira, Ichitani e Cunha (2016)	AAA.	Cão.	Crianças.	Não descrito.	Não descrito.	Estudo de caso/ Psicologia.	Queixas pedagógicas.	Alteração na convivência, humor, comportamento, redução dos episódios.
Swall <i>et al</i> (2016)	TAA.	Cão.	Idosos.	Não descrito.	Não descrito.	Hermenêutico Fenomenológico/ Ciências da Saúde.	Demência.	Alívio do sofrimento.
Kern-Godal <i>et al</i> (2016)	TAA.	Cavalo.	Não descritos.	Não descrito.	Não descrito.	Entrevistas semiestruturadas/ Psiquiatria.	Abuso de substâncias.	Apoio emocional.
Araújo <i>et al</i> (2018)	TAA.	Cavalo.	Idosos.	Não descrito.	Não descrito.	Revisão sistemática de literatura/ Neuropsicologia.	Psicomotricidade.	Efeito expressivo na melhora do equilíbrio postural de idosos.
Rigoni, Paiva e Sousa (2017)	TAA.	Cavalo.	Jovens.	Não descrito.	Não descrito.	Experimental.	Não descrito.	Melhoria em aspectos cardiovasculares de jovens saudáveis.

(continuação)

Oliveira, Ichitani e Cunha (2017)	AAA.	Cão.	Idosos.	Sim.	Sim.	Relato de experiência/ Fonoaudiologia.	Cuidados paliativos.	Benefícios quanto a comunicação verbal e não verbal, diminuição e superação de sintomas manifestos na linguagem.
Pereira <i>et al</i> (2017)	AAA.	Cão.	Crianças.	Sim.	Não descrito.	Estudo descritivo exploratório/ Enfermagem e Medicina Veterinária.	Crianças hospitalizadas.	Bem-estar e felicidade das crianças
Tan e Simmonds (2017)	TAA.	Cavalo.	Pais de crianças.	Não descrito.	Não descrito.	Entrevistas semiestruturadas/ Psicologia.	TEA.	Aprimoramento das habilidades em geral, bem-estar psicológico e emocional.
Swall <i>et al</i> (2017)	TAA.	Cão.	Pais de crianças.	Sim.	Não descrito.	Hermenêutico fenomenológico/ Ciências da saúde.	Alzheimer.	Redução de sintomas como agressão, aumento da sensação de bem-estar, melhoria na qualidade do sono.
Cechetti <i>et al</i> (2016)	TAA.	Cão.	Idosos.	Não descrito.	Não descrito.	Ensaio clínico não controlado/ Fisioterapia.	Não descrito.	Melhora no equilíbrio e velocidade.
Moreira <i>et al</i> (2016)	TAA.	Cão.	Pais de crianças e adolescentes.	Sim.	Sim.	Estudo qualitativo baseado na técnica de observação participante/ Enfermagem.	Não descrito.	Facilidade na adaptação ao ambiente hospitalar.

(continuação)

Milhomem, Calefi e Marodin(2018) (2018)	AAA.	Cão.	Idosos.	Sim.	Sim.	Relato de experiência/ Enfermagem.	Câncer.	Melhoria física e emocional dos pacientes.
Mello <i>et al</i> (2018)	TAA.	Cavalo.	Crianças.	Sim.	Não.	Revisão integrativa de literatura/ Fisioterapia.	Paralisia Cerebral.	Melhoras no equilíbrio, relaxamento, desenvolvimento e manutenção do tônus muscular.
Ferreira <i>et al</i> (2017)	TAA.	Cavalo.	Crianças.	Sim.	Não.	Estudo de caso/ Psicologia.	Paralisia Cerebral.	Melhora na realização das atividades diárias relacionadas à autocuidado.
Paloski <i>et al</i> 2018	TAA.	Cão.	Idosos.	Não descrito.	Não descrito.	Revisão sistemática/ Psicologia.	Não descrito.	Diminuição de ansiedade, capacidade de enfrentamento de problemas.
Santos e Silva (2016)	TAA.	Cão e Cavalo.	Misto.	Sim.	Não descrito.	Revisão de literatura/ Psicologia.	Não descrito.	Conscientização da humanidade sobre a relevância de se manter e preservar relações cuidadosas, respeitadas entre humanos e animais.
Zamo e Trentini (2016)	TAA.	Cavalo.	Crianças e adolescentes	Não descrito.	Não descrito.	Revisão sistemática/ Psicologia.	Não descrito.	Benefícios físicos como equilíbrio, amplitude de movimentos e qualidade da marcha.

(continuação)

Silva, Lima e Salles (2019)	TAA.	Cavalo.	Crianças.	Não descrito.	Não descrito.	Revisão de literatura/ Psicologia.	Autismo.	Aquisição de confiança, facilidade para lidar com rupturas e vínculo.
Hediger <i>et al</i> (2019)	AAA.	Não descritos.	Não se aplica.	Não descrito.	Sim.	Revisão de literatura/ Psicologia e Saúde pública.	Não descrito.	Melhoria no bem-estar físico, social e emocional.
Yakimicki <i>et al</i> (2018)	Não se aplica.	Não se aplica.	Idosos.	Não.	Não descrito.	Revisão de literatura/ Enfermagem.	Demência.	Existe consenso geral quanto à sua eficácia na melhoria do funcionamento social. Sugeriram que um cão pode ativar uma forma básica de socialização em seres humanos que ainda está ao alcance daqueles afetados por todos os níveis de demência.
Swall <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Treinadores de cães.	Não.	Não.	Entrevistas/ Enfermagem.	Não descrito.	Alívio dos sintomas associados ao fim da vida.
Perez <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Crianças.	Não.	Não.	Estudo piloto prospectivo/ Pediatria.	Não descrito.	Efeito benéfico sobre o estado emocional dos pacientes.
Machová <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Pacientes hospitalizados longa permanência.	Sim.	Não.	Experimental e de controle/ Medicina.	Não descrito.	Menor pressão sanguínea.

(continuação)

Mutoh <i>et al</i> (2019)	TAA.	Não descrito.	Crianças.	Não.	Não.	Quantitativo com análise transversal e longitudinal Pediatria.	Paralisia Cerebral.	Efeito benéfico na simetria da marcha das crianças.
Hediger <i>et al</i> (2019)	TAA.	Não descritos.	Não descrito.	Não.	Não.	Estudo randomizado/ Saúde pública.	Neurose de reabilitação estacionária.	Aumento das emoções verbais e não verbais, humor e motivação.
Wijker <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Adultos.	Não.	Sim.	Ensaio clínico randomizado/ Psicologia.	Transtorno do Espectro Autismo.	Redução das deficiências na capacidade de respostas sociais.
Karefjard e Nordgren (2018)	TAA.	Cão.	Idosos.	Não.	Sim.	Projeto de estudo Pré-teste/ Terapia Ocupacional.	Demência.	Efeitos positivos sobre qualidade de vida em asilos.
Zafra-Tanaka <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Idosos.	Sim.	Não descrito.	Metanálise/ Psiquiatria.	Demência.	Há pouca evidência científica sobre o efeito das IAAS na depressão, agitação, qualidade de vida e comprometimento cognitivo.
Menna <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Idosos.	Não.	Não descrito.	Estudo clínico de grupos pareados/ Medicina Veterinária.	Alzheimer.	Diminuição dos níveis de cortisol.

								(conclusão)
Jones, Rice e Cotton (2019)	TAA.	Cão e cavalo.	Crianças.	Não.	Não descrito.	Revisão sistemática de literatura/ Pediatria.	Transtornos de saúde mental.	Apresenta benefícios na redução do sofrimento psicológico, como depressão, ansiedade ou dependência.
Ambrosi <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Idosos.	Não.	Não.	Estudo randomizado controlado/ Psicologia.	Depressão e ansiedade.	Redução nos sintomas de depressão e facilita a interação social provocando respostas emocionais positivas
Hinic <i>et al</i> (2019)	TAA.	Cão.	Crianças.	Não.	Não.	Experimental/ Enfermagem.	Não descrito.	Diminuição de ansiedade e aumento de bem-estar para as crianças e famílias.

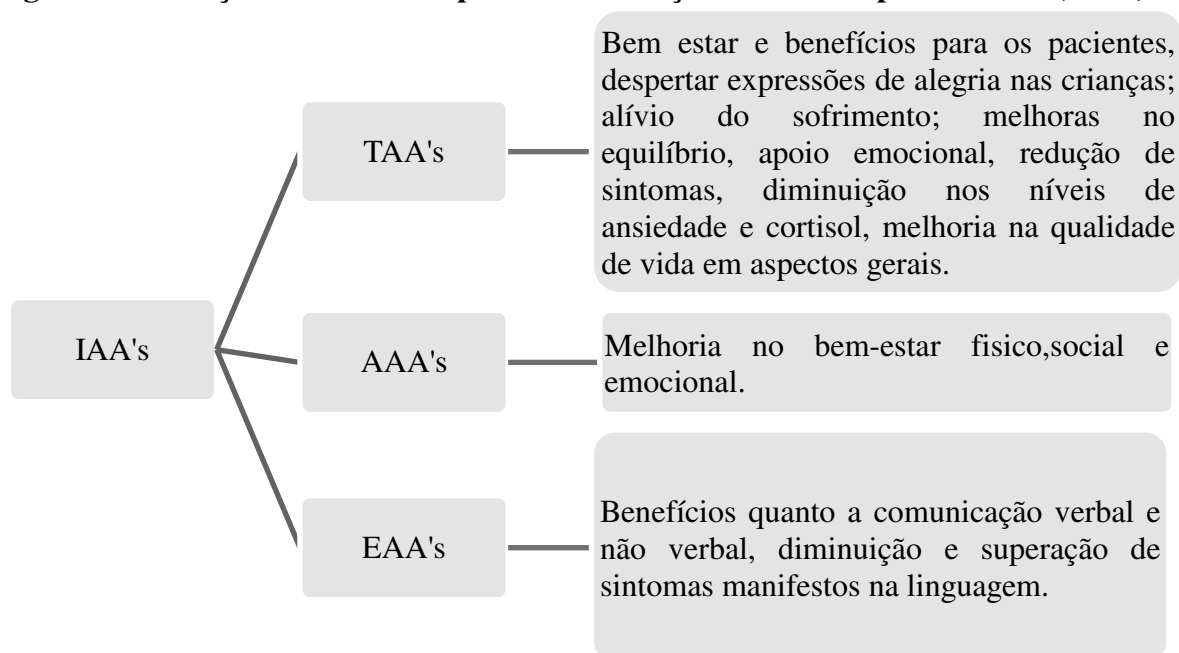
Fonte: Pesquisa direta, 2020.

6.8 Área do profissional que conduziu o estudo

Dos estudos analisados, as publicações realizadas por psicólogos se destacaram em relação as demais áreas do conhecimento. Os demais foram distribuídos nas áreas de Enfermagem, Fisioterapia, Pediatria, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Neuropsicologia, Antropologia, Medicina veterinária, Saúde pública e Psiquiatria. O curioso é que, embora a predominância do material encontrado seja da área de Psicologia, as Intervenções Assistidas por Animais englobam outras áreas do conhecimento, mostrando a heterogeneidade e abrangência das IAAs no mundo (Quadro 2).

Os resultados obtidos em comum dentro dos 3 modelos de intervenção assistida por animais abordados nesta pesquisa (EAA, TAA e AAA) indicam que os animais não-humanos apresentam inúmeros benefícios biopsicossociais a partir da interação com o homem. Esse resultado independe da espécie biológica do coterapeuta utilizada, como mostrado na Figura 2.

Figura 2 – Redução eidética dos tipos de Intervenções Assistidas por Animais (IAAs)



Fonte: Pesquisa direta, 2020.

As revisões de literatura apontam a necessidade de mais estudos abordando a saúde e o bem-estar dos animais participantes. Sugerem que pesquisas futuras podem se concentrar na redução de estresse, bem como no aprimoramento de indicadores positivos de bem-estar para

identificar condições que possam trazer benefícios aos animais participantes das intervenções, como consta no Apêndice U (HEDIGER; MEISSER; ZINSSTAG, 2019).

A partir do levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa, ficaram evidentes os benefícios globais adquiridos com a interação animal. Contudo, um fator me chama atenção enquanto pesquisadora: As IAAs não têm restrições? Podem ser utilizadas sem restrições com qualquer público? Apenas uma pequena parte do material expõe e dialoga acerca dos riscos e contraindicações deste tipo de intervenção. Existem contraindicações que precisam levadas em consideração, entre as principais destaco: alergia ao pelo do animal, subluxação de quadril no alinhamento postural, hipertensão arterial não controlada, medo, ansiedade na presença do animal, entre outros.

É importante destacar que os autores Yakimicki *et al* (2018) desconsideram qualquer risco diante dos inúmeros benefícios que a interação entre pacientes com quadro demências e animais apresentam. Outros artigos apontam riscos de infecções hospitalares, reações alérgicas, transmissão de doença ao paciente, insuficiência de amostras e estudos empíricos que comprovem a eficácia das intervenções, como apontam os Apêndices B, F, N, U e AH (HEIDEGER; MEISSER; ZINSSTAG, 2019; HETLAND; BAILEY; PRINCE-PAUL, 2017; MILHOMEM; CALEFI; MARONDIN, 2018; ARAÚJO *et al*, 2018; HINIC *et al*, 2019).

A essência comum aos estudos é a inclusão de um animal e seus benefícios. A descrição das principais características que influenciam os comportamentos dos animais (espécie, raça, idade, sexo, bem-estar e adestramento) são frequentemente ignoradas e não são encontradas diferenças baseadas no tipo de animal utilizado. A carência de estudos que comparem a eficácia de animais de diferentes espécies leva ainda ao desconhecimento das vantagens e desvantagens associadas a cada um (GARCIA, 2009).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura *pet* ganhou, nas últimas décadas, dimensão surpreendente. Animais de estimação assumiram papel de destaque nas famílias e se tornaram o foco de diversos serviços, já que o mercado percebeu esse movimento de um nicho com grande potencial de crescimento. Nesse contexto, surpreende que a adoção de animais em práticas terapêuticas seja tão pouco discutida.

A revisão da literatura científica atual demonstra as Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) têm sido descritas com efeitos positivos para diversas áreas da vida, nas várias abordagens existentes para as suas intervenções. Um aumento significativo da exibição de afeto positivo, redução dos níveis de cortisol, comportamento social verbal e não-verbal e diminuição dos comportamentos indesejados estão documentados para diferentes Intervenções Assistidas por Animais que comparam os resultados obtidos em diferentes grupos onde os benefícios encontrados para o público atingem resultados satisfatórios na presença de um animal.

Por meio deste estudo fenomenológico foi verificado que a maioria dos estudos no âmbito psicológico foi realizado com público infantil. O animal mais utilizado foi o cachorro, embora o cavalo apareça fortemente nas pesquisas.

O estudo apresentou algumas limitações, entre elas, saliento as dificuldades encontradas para organizar as informações dos artigos, pois muitos destes omitem informações essenciais como fenômenos que emergem público avaliado e animal coterapeuta na intervenção. Apesar disso, os estudos evidenciam resultados positivos da influência dos animais não humanos em socialização, comunicação e bem-estar de forma geral.

Como aspectos comuns à literatura estudada, que as IAAs podem ser aplicadas em várias faixas etárias, normalmente são priorizados os animais de raça definida (no caso dos cães), a presença do animal já traz consigo mudanças e torna o ambiente mais prazeroso e isto independe da raça ou porte do animal. Facilita ainda a interação dos pacientes e acompanhantes, além de redução de sintomas como estresse e ansiedade, proporcionando bem-estar para o humano.

É uma terapia indicada para auxiliar nas diversas situações clínicas, e em diferentes locais, tais como: hospitais, ambulatórios, casas de repouso, escolas, clínicas de fisioterapia e de reabilitação, pois proporciona benefícios emocionais e espirituais para pacientes. São utilizados todos os tipos de animais que possam entrar em contato com os humanos sem proporcionar-lhes perigo, por esse motivo, normalmente os animais coterapeutas são submetidos a treinamento de condicionamento afim de atenderem alguns comandos básicos.

Ao ler os artigos, percebi que algumas informações foram ocultadas como o tipo de intervenção, o animal utilizado e principalmente as atividades desenvolvidas e os objetivos. A falta de precisão e rigor científico na obtenção de tais como: estudos com amostras pequenas (em fenomenologia não há problema algum com quantidade, isso não faz parte da orientação dada); grupos de controle muitas vezes não aleatorizados e observações comportamentais; a motivação dos pais que leva a que relatem benefícios da intervenção antes de esta ser iniciada; o próprio entusiasmo da criança, quando se serve de seu próprio controle nos estudos que avaliam resultados com e sem o animal, pode influenciar pela expectativa e/ou desilusão em ter o animal presente.

Um fator que pode levantar questionamentos acerca das pesquisas, é o caráter voluntário da maioria dos intervenientes dos estudos. É possível que alguns dos participantes optem por não emitir comentários negativos acerca da experiência com coterapeutas não humanos por receio de prejudicar a pesquisa. Esta postura pode impactar nos resultados que pode não ser condizente com as vivências obtidas a partir desta interação. Apesar de oferecer benefícios, as interações com animais não humanos, assim como vários outros métodos terapêuticos, também apresentam riscos e contraindicações já apresentadas nesta pesquisa.

As IAAs se constituem um método ou um campo de estudos e atuação que vem se mostrando satisfatório e eficiente e que ainda tem muito a ser estudado para aperfeiçoar o tratamento. Para isto, é necessário que no Brasil, sobretudo no Maranhão, preconceitos sejam vencidos para que estas terapias sejam proporcionadas com melhor qualidade, visando o bem-estar do humano e do não humano.

Percebi foco nas IAAs desenvolvidas com cães e cavalos. Para um leitor com pouca profundidade no assunto, pode parecer que estas intervenções só acontecem com as duas espécies mencionadas, limitando uma área que oferece um universo imenso a ser explorado através de pesquisas que podem apontar outros animais como catalisadores terapêuticos.

As evidências mostram que o tipo de intervenção predominante foi a Terapia Assistida por Animais (TAA), mas conforme foi exposto na pesquisa, existem duas outras modalidades. Uma sugestão seria investir um pouco mais em pesquisas com Atividades Assistidas por Animais (AAA) e Educação Assistida por Animais (EAA), que também apresentam resultados positivos. É importante investir em mais pesquisas, grupos de estudo, sobretudo de campo onde é possível estar em contato com os fenômenos que se apresentam. O número de crianças em idade escolar diagnósticas com transtornos psiquiátricos/ neurológicos é bem expressivo. Digo isto porque trabalho em uma escola particular da grande São Luis e a partir desta vivência percebo que existe espaço par inserir as IAAS no contexto educacional. Além disso, temos

idosos institucionalizados que poderiam ser agraciados com visitas regulares de animais coterapeutas.

Os artigos utilizados para esta pesquisa demonstram expressivos estudos que utilizam com método as revisões de literatura. Eu particularmente senti falta de pesquisas de campo, onde podemos estar diante do fenômeno tal qual ele se mostra e a partir dessa experiência observar na prática os impactos das interações homem animal.

Acredito que as IAAs têm um grande potencial para expansão e exploração por parte dos psicólogos, sobretudo em São Luís (MA), onde este trabalho ainda vem se desenvolvendo lentamente. Contudo já é percebido o movimento em alguns grupos de estudos e pesquisas em pós-graduação em universidades federais e estaduais do Estado. O mais interessante é que esse modelo terapêutico pode ser utilizado na clínica em diferentes orientações teórico-metodológicas, como por exemplo, a fenomenologia. Sinto-me feliz por ter me aprofundado nesta temática, posto em prática e observado de perto os benefícios e os vínculos obtidos a partir desta interação.

Evidencio minha inquietação e insatisfação com a pouca preocupação apontada com os aspectos relacionados ao bem-estar animal, levando-me a compreender que, a partir das evidências coletadas nos artigos e capítulos analisados que há um predomínio de pensamento *especista* nestes estudos.

Ratifico que as IAAs dispõem de uma gama de possibilidades terapêuticas que podem ser explorados por psicólogos, independentemente do método utilizado, desde que haja uma conscientização da importância que os animais têm em nossas vidas, para que, desta forma, as necessidades dos não humanos sejam levadas em consideração e haja ganhos significativos para todos os envolvidos no processo terapêutico.

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou a ampliação do conhecimento sobre o tema e um entendimento melhor das possibilidades de contrapor a crítica ao especismo “uso” de animais não apenas para fins experimentais, de produção ou consumo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Natalia de Souza; CIARI, Monica Baptista. Cães e seres humanos: uma relação forte, complexa, duradoura e vantajosa. *In*: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma (org.). **Terapia assistida por animais**. Barueri: Manole, 2016. p. 01-22.

ALTHAUSEN, Sabine (ed.). Afeto que cura. **Revista Mente e Cérebro: Psicologia, Psicanálise e Neurociência**, São Paulo, ed. 169, p. 48-48, 2007.

AMBROSI, Caterina *et al.* Randomized controlled study on the effectiveness of animal-assisted therapy on depression, anxiety, and illness perception in institutionalized elderly. **Psychogeriatrics**, Tokyo, v. 19, n. 1, p. 55-64, jan. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30221438/>. Acesso em: 19 set. 2019.

ARAÚJO, Thaís Borges de *et al.* Efeito da equoterapia no equilíbrio de idosos: uma revisão sistemática com metanálise. **R. Bras. Cia. e Mov.**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 178-184, jul. 2018. Disponível em: bdtd.ucb.br/index.php/RBCM/article/download/6972/pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE PROTEÇÃO AO BEM-ESTAR ANIMAL. **Terapia com animais**: entrevista “animais são a cura do século XXI”. [S.l.]: Arcabrazil, 2010. Disponível em: <http://www.arcabrazil.org.br/animais/interacao/terapia2.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. **Equoterapia**. [S.l.]: ANDE-BRASIL, 2020. Disponível em: http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0. Acesso em: 20 ago. 2020.

AUTRAN, Andreia. Cinco liberdades. **Petvet Radar**, Belém, v. 3, n. 1, p. 01-02, 2017. Bimestral. Disponível em: <https://petvet.ufra.edu.br/images/radar/radarpetvet003.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BARBIERI, Josiane Beatriz Piccin. **Relação entre Psicologia e Fenomenologia a partir da obra “Psicologia e Fenomenologia” (1917) de Edmund Husserl**. 2011. 72 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.ontopsicologia.org.br/_arquivos/dissertacao_mestrado_psicologia_fenomenologia_husserl_ontopsicologia.pdf. Acesso em: 10 mai. 2019.

BASTOS, Felipe Fook; BORBA, Jean Marlos Pinheiro. **Acompanhamento terapêutico (AT), terapia assistida por animais (TAA) e psicologia fenomenológica**: diálogos para uma prática integrada sustentada pelo conceito de mundo da vida. 2018. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

BECKER, Marty; MORTON, Danelle. **O poder curativo dos bichos**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003. 322 p.

ALES BELLO, Ângela. **Fenomenologia e ciências humanas**. Bauru: EDUSC, 2004. 330 p.

ALES BELLO, Ângela. **Introdução à fenomenologia**. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2006. 106 p.

BINSWANGER, Ludwig. **Sobre Fenomenologia, sonho e existência**: escritos sobre Fenomenologia e Psicanálise. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. A fenomenologia em Husserl. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 2, n. 2, p. 90-111, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v2n2/a07.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2019.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Saúde da infância, medicalização da existência e as Intervenções Assistidas por Animais. *In*: DANTAS, Jurema B. (org). **A infância medicalizada**: discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida. Curitiba: CRV, 2015. p. 03-09.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Contribuições da Educação Assistida por Animais – EAA para a Psicologia da Educação: uma análise fenomenológica. **InterEspaço**: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade (Edição Especial – Diálogos Interdisciplinares em Psicologia da Educação), EDUFMA, São Luís, v. 3, n. 11, p. 188-203, 2017.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro; SILVA, Lidiane Verônica Collares da; OLIVEIRA, Thayanne Amaral. A escuta clínica e os fundamentos da Fenomenologia Husserliana. *In*: PIMENTEL, Adema *et al* (org.). **A escuta clínica na Amazônia**. Belém: EDUFPA/PPPG, 2017. p. 01-08.

BRASIL. **Decreto nº 24.645, de 10 de julho de 1934**. Estabelece medidas de proteção aos animais. Brasília, DF: Câmara dos deputados, [1934]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24645-10-julho-1934-516837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 jul. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília, DF: Presidência da República, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm. Acesso em: 27 mar. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.794, de 08 de outubro de 2008**. Regulamenta o inciso VII do § 1o do art. 225 da Constituição Federal, estabelecendo procedimentos para o uso científico de animais; revoga a Lei no 6.638, de 8 de maio de 1979; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11794.htm. Acesso em: 19 set. 2019.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 125, de 2017**. Institui o Código Federal de Bem-Estar Animal. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [2017]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=341067>. Acesso em: 27 jul. 2019.

BRASIL. **Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2018**. Acrescenta dispositivo à Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para dispor sobre a natureza jurídica dos animais não humanos. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [2018]. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/133167>. Acesso em: 27 jul. 2019.

BUBLITZ, Bárbara Grigorieff. **Do antropocentrismo à ética animal**. [S. l.]: Jusbrasil, 2017. Disponível em: <https://barbaragbublitz.jusbrasil.com.br/artigos/437212373/do-antropocentrismo-a-etica-animal>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CAETANO, E. **As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à Psicologia**. Manuscrito não publicado. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2010.

CARDOSO, Cláudia Lins (org.). Apontamentos sobre a utilização do método fenomenológico na psicoterapia. In: GIOVANETTI, José Paulo *et al* (org.). **Fenomenologia e Psicologia Clínica**. Belo Horizonte: Artesã, 2018. p. 33-52.

CARDELLA, Beatriz. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. Amparo: Gráfica Foca, 2017.

CARLISLE, Gretchen. The social skills and attachment to dogs of children with autism spectrum disorder. **Journal of Autism & Developmental Disorders**, [s.l.], v. 45, p. 1137-1145, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25308197/>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CECHETTI, Fernanda *et al*. Terapia Assistida por Animais como recurso fisioterapêutico para idosos institucionalizados. **Sci Med.**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 1-6, out. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317562470_Terapia_Assistida_por_Animais_como_recurso_fisioterapeutico_para_idosos_institucionalizados. Acesso em: 27 fev. 2020.

COETZEE, John Maxwell. **A vida dos animais**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 152 p.

CONGRESSO DE BIOÉTICA E BEM-ESTAR ANIMAL, 1.; SEMINÁRIO NACIONAL DE BIOSSEGURANÇA E BIOTECNOLOGIA ANIMAL, 1., 2008, Recife. **Anais [...]** Recife: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 2008. 174 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/108533692/Anais-Do-I-Congresso-de-Bioetica-e-Bem-Estar-Animal>. Acesso em: 27 fev. 2020.

DELTA SOCIETY. **Delta Therapy dogs**. Renton, WA: Delta Society, 2020. Disponível em: <https://www.deltasociety.com.au/about-us>. Acesso em: 20 fev. 2020.

DORNELAS, Kirilla; DORNELAS, Olivia; VIEIRA, Fernanda. **A Percepção dos Estudantes da Área da Saúde Sobre Relacionamento Homem - Animal e Terapia Assistida por Animais (TAA)**. Relato de pesquisa. [S.n.]: [s.l.], 2011.

DOTTI, Jerson. **Terapia e animais**. 2. ed. São Paulo: Livrus, 2014. 310 p.

FARACO, Ceres Berger. **Interação Humano-Cão: o social constituído pela relação interespecie**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/4831/1/000400810-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. São Paulo: Vetor, 2000. 194 p.

FELIPE, Sônia T. **Acertos abolicionistas: a vez dos animais – crítica à moralidade especista**. São José – SC: Ecoânima, 2014. 304 p.

FERREIRA, Jackeline Tuan Costa *et al.* Análise qualitativa do efeito da equoterapia para crianças com paralisia cerebral. **Cad. Pós-grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 62-68, jan. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v17n1/v17n1a07.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2019.

FIELD-FISHER, Thomas Gilbert. **Animals and the Law**. Londres: Universities Federation for animal Welfare, 1964, p. 19.

FINLAY, L. **Phenomenology for therapists: researching the lived world**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011. 312 p.

FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos Direitos dos Animais**. São Paulo: UNICAMP, 2013. 311 p.

FUCHS, Hannelore. **O animal em casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação**. 1987. 235 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1987. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-27042018-151119/publico/fuchs_v2.pdf. Acesso em: 25 mar. 2019.

FULBER, Sabrina. **Atividade e Terapia Assistida por Animais**. 2011. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária). – Instituto de Valorização da Vida (IVVA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52516/000851221.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jul. 2019.

GARCIA, Murilo Pereira. **Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães**. 2009. 362 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92255/266260.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GAZZANA, Cristina; SCHMIDT, Beatriz. Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespecie. *In*: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FSG, 3., 2015, Caxias do Sul. **Salão de Extensão e Mostra Científica**. Caxias do Sul: America Latina Educacional, 2015. p. 1001-1020.

GIORGI, Amedeo. **The descriptive Phenomenological Method in Psychology**: a modified husserliana approach. Pittsburg: Duquesne University Press, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318451180_The_Descriptive_Phenomenological_Psychological_Method. Acesso em: 20 fev. 2020.

GOMES, Diogo. **Acompanhante Terapêutico**: humanos ou animais como coterapeutas. [S.l.]: Afago Pet Terapia, 2018. Disponível em: http://afagopetterapia.com.br/acompanhante-terapeutico/#Animais_como_ATs. Acesso em: 02 mai. 2019.

GOTO, Tommy Akira. **Introdução a Psicologia Fenomenológica**: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008. 256 p.

GUIMARÃES, Mariana Vasconcelos; FREIRE, José Ednézio da Cruz; MENEZES, Lea Maria Bezerra de. Utilização de animais em pesquisas: breve revisão da legislação no Brasil. **Revista Bioética**, Fortaleza, v. 2, n. 24, p.217-224, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bioet/v24n2/1983-8034-bioet-24-2-0217.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

GURGEL, Ayala. **Ética e experimentação animal**. Rio Grande do Norte: Paus de Ferro, Grupo de Pesquisa em Filosofia, ciências e Semiárido, 2013. 219 p.

HEDIGER, Karin; MEISSER, Andrea; ZINSSTAG, Jakob. A one health research framework for animal-assisted interventions. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 16, n. 4, p. 640-646, fev. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6406415/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

HEDIGER, Karin *et al.* Effects of animal-assisted therapy on social behaviour in patients with acquired brain injury: a randomised controlled trial. **Scientific Reports**, Londres, v. 9, n. 1, p. 5831-5838, abr. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6456498/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

HETLAND, Breanna; BAILEY, Tanya; PRINCE-PAUL, Maryjo. Animal assisted interactions to alleviate psychological symptoms in patients on mechanical ventilation. **Hosp Palliat Nurs**, Philadelphia, v. 19, n. 6, p. 516-523, dez. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321679554_Animal-Assisted_Interactions_to_Alleviate_Psychological_Symptoms_in_Patients_Receiving_Mechanical_Ventilation. Acesso em: 10 jan. 2020.

HINIC, Katherine *et al.* The effect of a pet therapy and comparison intervention on anxiety in hospitalized children. **Journal of Pediatric Nursing**, Orlando, v. 46, n. 1, p. 55-61, jun. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30852256/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HOLANDA, Adriano Furtado. Atitude fenomenológica e prática clínica. In: HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia e Humanismo**: reflexões necessárias. Curitiba: Juruá, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A filosofia como ciência de rigor**. Prefácio de Joaquim de Carvalho. 2 ed. Atlântida: Coimbra, 1911/1965.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental:** uma introdução à filosofia fenomenológica. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1954/2012.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica:** introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 1913/2006.

IAHAIO. **The IAHAIO definitions for Animal Assisted Intervention and guidelines for wellness of animals involved in AAI.** Seattle: IAHAIO, 2014-2018. 13 p. Disponível em: https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2020/07/iahaio_wp_updated-2020-aa-adjust-1.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

INÁCIA, Euza. **O vínculo afetivo entre os seres humanos e os animais.** [S. l.]: JusBrasil, 2018. Disponível em: <https://euza1008.jusbrasil.com.br/artigos/533849753/o-vinculo-afetivo-entre-os-seres-humanos-e-os-animais>. Acesso em: 28 fev. 2019.

INSTITUTO CÃO TERAPEUTA (São Paulo). **Como ser voluntário.** [S. l.]: Instituto Cão Terapeuta, 2019. Disponível em: <<https://caoterapeuta.org.br/como-ser-voluntario/pre-requisitos/?v=19d3326f3137>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

JONES, Melanie G.; RICE, Simon M.; COTTON, Susan M. Incorporating animal-assisted therapy in mental health treatments for adolescents: A systematic review of canine assisted psychotherapy. **Plos One**, San Francisco, v. 14, n. 1, p. 1-27, jan. 2019. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0210761>. Acesso em: 12 fev. 2020.

HOLANDA, Adriano Furtado. (Orgs.). **Fenomenologia do cuidado e do cuidar:** perspectivas multidisciplinares. Curitiba: Juruá, 2011. p. 93-101.

KAREFJARD, Ann; NORDGREN, Lena. Effects of dog-assisted intervention on quality of life in nursing home residents with dementia. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, Oslo, v. 26, n. 6, p. 433-440, out. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29693512/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

KERN-GODAL, Ann *et al.* Contribution of the patient–horse relationship to substance use disorder treatment: patients’ experiences. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, Nova Iorque, v. 11, n. 1, p. 31636-31648, jan. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4904069/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

LAMPERT, M. **Benefícios da relação homem-animal.** Manuscrito não publicado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

LEVAI, Laerte Fernando. **Direito dos animais.** Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2004. 120 p.

LEVINSON, Boris M. **Pet Oriented Child Psychoterapy.** 2. ed, 1997. 242 p.

LÉVINAS, Emmanuel. Reflexões sobre a técnica fenomenológica. **Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger.** Lisboa: Instituto Piaget, 1949/1999. p. 135-149.

LIMA, Luís Augusto Normanha. A descrição, a redução e a interpretação na filosofia husserliana e suas utilizações no método fenomenológico. *In*: PEIXOTO, Adão José;

LIMA, Mariely; SOUSA, Liliana. A influência positiva dos animais de ajuda social. **Interacções**, [s.l.], v. 6, p. 156-177, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6730499-A-influencia-positiva-dos-animais-de-ajuda-social.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MACHOVÁ, Kristýna *et al.* Effect of animal-assisted therapy on patients in the department of long-term care: a pilot study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 16, n. 8, p. 1362-1372, abr. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31014022/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MALGUEIRO, Driele Lazzarini. **Proteção jurídica dos animais**. [S. l.]: Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/protecao-juridica-dos-animais-no-brasil.htm>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MARANHÃO. **Lei nº 10.412, de 05 de janeiro de 2016**. Institui alterações na Lei Estadual de Proteção aos Animais (Lei nº 10.169/2014) e dá outras providências. Maranhão: Gabinete do Governo do Estado, [2016]. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=315213>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A modalidade fenomenológica de conduzir pesquisa em psicologia. *In*: MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A modalidade fenomenológica de conduzir pesquisa em fenomenologia: fundamentos e recurso básicos**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1994. p. 90-110.

MELLO, Enilda Marta Carneiro de Lima *et al.* A influência da equoterapia no desenvolvimento global na paralisia cerebral: revisão da literatura. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 12-27, jul. 2018.

MENNA, Lucia Francesca *et al.* Efficacy of animal-assisted therapy adapted to reality orientation therapy: measurement of salivary cortisol. **Psychogeriatrics**, Tokyo, v. 10, n. 1, p. 01-03, fev. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30740833/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciência do homem e fenomenologia**. Saraiva: São Paulo, 1973. 80 p.

MILHOMEM, Alyne Coelho Moreira; CALEFI, Mariana Pereira Sayago Soares; MARODIN, Nayara Brea. Visita terapêutica de cães a pacientes internados em uma unidade de cuidados. **Com. Ciências Saúde**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 84-87, ago. 2018. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/ccs_artigos/v29_supl_visita_terapeutica.pdf. Acesso em: 13 mar. 2020.

MOREIRA, Rebeca Lima *et al.* Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1188-1194, nov./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1188.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

MUTOH, Tomoko *et al.* Effect of hippotherapy on gait symmetry in children with cerebral palsy: a pilot study. **Clinical and Experimental Pharmacology & Physiology**, Oxford, v. 46, n. 5, p. 506-509, mai. 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1440-1681.13076>. Acesso em: 12 fev. 2020.

OLIVEIRA, Thayane Cristina Amaral; BORBA, Jean Marlos Pinheiro. CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA. **Revista Nufen**, Belém, v. 3, n. 11, p. 154-169, set./dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v11n3/a10.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.

OLIVEIRA, Glícia Ribeiro de; ICHITANI, Tatiane; CUNHA, Maria Claudia. Atividade Assistida por Animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar. **Distúrb. Comum**. São Paulo, v. 28, n. 4, p. 759-763, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/28017>. Acesso em: 23 jun. 2019.

OLIVEIRA, Glícia Ribeiro de; CUNHA, Maria Claudia. Efeitos da Atividade Assistida por Animais nas condutas comunicativas de idosos: abordagem fonoaudiológica. **Distúrb. Comum**. São Paulo, v. 29, n. 4, p. 644-653, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/31910>. Acesso em: 23 jun. 2019.

OLIVEIRA, Samantha Brasil Calmon de. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia e Antropologia, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7294912-Universidade-federal-do-rio-de-janeiro-samantha-brasil-calmon-de-oliveira.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PALOSKI, Luis Henrique *et al.* Efeitos da terapia assistida por animais na qualidade de vida de idosos: uma revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 174-183, ago. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n2/v11n2a04.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PEREIRA, Viviane Ribeiro *et al.* Interação lúdica na atividade assistida por cães em pediatria. **Enferm. Foco**, [s.l.], v. 8, n. 1, 2017, p. 07-11. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/831/371>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PEREZ, Manuela *et al.* Easing anxiety in preparation for pediatric magnetic resonance imaging: a pilot study using animal-assisted therapy. **Pediatric Radiology**, Berlim, v. 49, n. 8, p. 1000-1009, jul. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31030334/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PLETSCH, P. **Terapia com animais**. Uruguaiana: Centro de Equoterapia de Uruguaiana General Fidelis, 2013. Disponível em: [http://www.equogenfidelis.org.br/files/artigos/TERAPIA COM ANIMAIS.pdf](http://www.equogenfidelis.org.br/files/artigos/TERAPIA%20COM%20ANIMAIS.pdf). Acesso em: 28 mai. 2019

RAMOS, Cristiane da Mota; PRADO, Silvana F.; MANGABEIRA, Victor. Psicoterapia e terapia assistida por animais. *In*: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma. **Terapia assistida por animais**. Barueri, SP: Manole, 2016. p. 225-233.

RIGONI, Denise de Barros; PAIVA, Luciana Laureano; SOUZA, Rubens Severo de. Efeitos agudos e subagudos de uma sessão de montaria a cavalo sobre variáveis cardiovasculares de indivíduos jovens e saudáveis. **Fisioter. Bras.**, São Carlos, v. 18, n. 3, p. 284-293, mar. 2017. Disponível:

https://www.researchgate.net/publication/329833234_Efeitos_agudos_e_subagudos_de_uma_sessao_de_montaria_a_cavalo_sobre_variaveis_cardiovasculares_de_individuos_jovens_e_saudaveis. Acesso em: 23 jan. 2020.

ROCHA, Carolina Faria Pires Gama. Comportamento Animal. *In*: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma (Org.). **Terapia Assistida por animais**. Barueri: Manole, 2016. p. 61-98.

ROCHA, Carolina Faria Pires Gama; MUÑOZ, Patricia de Oliveira Lima; ROMA, Renata Paula Silva. História do relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA. *In*: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma (Org.). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri: Manole, 2016. p. 45-59.

ROMA, Renata Paula da Silva. **A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno do espectro autista**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-10052016-150241/publico/roma_corrigida.pdf. Acesso em: 13 mai. 2019.

SANTOS, Amaliani Raquel Oliveira dos; SILVA, Cíntia de Jesus. Os projetos de terapia assistida por animais no estado de São Paulo. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 133-146, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v19n1/v19n1a09.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2019.

SENCIENTE: *In*: DICIONÁRIO Online de Português. [S.l.]: Dicio, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/senciente/>. Acesso em: 30 set. 2020.

SERPELL, James. Development and validation of a novel method for evaluating behavior and temperament in guide dogs. **Appl Anim Behav Sci**, [s.l.], v. 72, p. 347-364, 2001. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/11988269_Development_and_validation_of_a_novel_method_for_evaluating_behavior_and_temperament_in_guide_dogs. Acesso em: 02 ago. 2019.

SERPELL, James; YUYING, Hsu. Development and validation of a questionnaire for measuring behavior and temperament traits in pet dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, [s.l.], v. 223, n. 9, p. 1293-1300, dez. 2003. Disponível em: https://www.avma.org/sites/default/files/resources/javma_223_9_1293.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.

SERPELL, James *et al.* As perspectivas históricas e culturais dos seres humanos com animais de estimação. *In*: MCCARDLE, Peggy; MCCUNE, Sandra; GRIFFIN, James A. (org.). **Layla Esposito**: Lisa S. Freund. São Paulo: Papyrus, 2013. p. 27-40.

SILVA, Jucirene Oliveira Martins da. Especismo: Porque os animais não-humanos devem ter seus interesses considerados em igualdade de condições em que são considerados os

interesses semelhantes dos seres humanos. **Ethic@**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 51-62, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2009v8n1p51/18470>. Acesso em: 04 jul. 2019.

SILVA, Aline Soares Mazzeu da; LIMA, Fabiane Petean Soares de; SALLES, Rodrigo Jorge. Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 38, n. 95, p. 238-250, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v38n95/v38n95a11.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2020.

SILVA, Lidiane Verônica Collares da. **Diálogos entre a Intervenção Assistida por Animais e a psicopatologia fenomenológica**: possibilidades clínicas de intervenção em Psicologia. 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1992. 168 p.

SILVEIRA, Nise. **Gatos, a emoção de lidar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998/2006. 80 p.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015. 336 p.

SINGER, Peter. **Ética prática**. 2. ed. Trad. Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 399 p.

SINGER, Peter. **Libertação animal**: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 488 p.

SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. **A vida dos outros**: ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas, 2015. 320 p.

SWALL, Anna *et al.* 'Bringing respite in the burden of illness' – dog handlers' experience of visiting older persons with dementia together with a therapy dog. **Journal of Clinical Nursing**, Oxford St, v. 25, n. 15-16, p. 2223-2231, jun. 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jocn.13261>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SWALL, Anna *et al.* Stepping out of the shadows of Alzheimer's disease: a phenomenological hermeneutic study of older people with Alzheimer's disease caring for a therapy dog. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, Nova Iorque, v. 12, n. 1, p. 1347013-1347021, jan. 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5510223/>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SWALL, Anna *et al.* Dog handlers' experiences of therapy dogs' impact on life near death for persons with dementia. **International Journal of Palliative Nursing**, Londres, v. 25, n. 2, p. 65-71, fev. 2019. Disponível em: <https://www.magonlinelibrary.com/doi/pdf/10.12968/ijpn.2019.25.2.65>. Acesso em: 13 jul. 2019.

TAN, Vanessa Xue-ling; SIMMONDS, Janette Graetz. Parent perceptions of psychosocial outcomes of equine-assisted interventions for children with autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, Nova Iorque, v. 48, n. 3, p. 759-769, dez.

2017. Disponível em: <https://research.monash.edu/en/publications/parent-perceptions-of-psychosocial-outcomes-of-equine-assisted-in>. Acesso em: 15 jun. 2019.

TOMANARI, Gerson Yukio; ECKERMAN, David Alan. O rato Sniffy vai à escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 159-164, mai. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n2/a08v19n2.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

TURNER, Jocelyn. **Animal assisted therapy and autism intervention: a synthesis of the literature**. 2011. 83 f. Paper (Masters of Science in the field of Educational Psychology) - Department of Education, Southern Illinois University Carbondale, Illinois, 2011. Disponível em: https://opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1062&context=gs_rp. Acesso em: 8 jan. 2020.

VASCONCELOS, Angélica da Silva. O bem-estar do animal coterapeuta. *In*: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma (org.). **Terapia Assistida por animais**. Barueri: Manole, 2016. p. 150-177-

WHITWORTH, James D.; SCOTLAND-COOGAN, Diane; WHARTON, Tracy. Service dog training programs for veterans with PTSD: results of a pilot controlled study. **Social Work In Health Care**, Nova Iorque, v. 58, n. 4, p. 412-430, abr. 2019.

WIJKER, Carolien *et al.* Effects of dog assisted therapy for adults with autism spectrum disorder: an exploratory randomized controlled trial. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, Nova Iorque, v. 41, n. 1, p. 01-11, mar. 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-019-03971-9>. Acesso em: 13 jan. 2020.

YAKIMICKI, Michelle L. *et al.* Animal-assisted intervention and dementia: a systematic review. **Clinical Nursing Research**, Newbury Park, v. 28, n. 1, p. 09-29, jan. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29441797/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

YOUNG, Courteney. A phenomenological model in the practice of psychotherapy. **International Journal of Psychotherapy**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 36-53, 2010. Disponível em: http://www.courtenay-young.co.uk/courtenay/articles/Phenomenological_Psychotherapy.pdf. Acesso em: 14 mai. 2019.

ZAFRA-TANAKA, Jéssica Hanae *et al.* Effects of dog-assisted therapy in adults with dementia: a systematic review and meta-analysis. **Bmc Psychiatry**, Londres, v. 19, n. 1, p. 41-51, jan. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6345014/>. Acesso em: 02 ago. 2019.

ZAMO, Renata de Souza; TRENTINI, Clarissa Marcella. Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 81-97, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n3/v18n3a07.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

ANEXOS



Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire

Sobre o C-BARQ

O Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire (C-BARQ) é uma ferramenta de avaliação comportamental padronizada para donos / responsáveis, treinadores e profissionais de cães. Ele foi desenvolvido e validado por Yuying Hsu e James Serpell em 2003 e está disponível para conclusão por meio de um site online de acesso público desde 2005. No momento em que este artigo foi escrito, o banco de dados C-BARQ da Universidade da Pensilvânia agora contém avaliações comportamentais detalhadas para aproximadamente 50.000 cães de estimação compreendendo mais de 300 raças diferentes e cruzadas.

Embora às vezes descrito como uma forma de avaliação da personalidade canina, o C-BARQ foi originalmente projetado para medir a prevalência e a gravidade dos problemas comportamentais em cães de propriedade e de trabalho, e esse continua sendo seu valor e propósito primários. Problemas de comportamento são amplamente reconhecidos como a causa mais importante de morte prematura (por eutanásia) em cães de companhia, além de ser a principal razão pela qual os cães são entregues a abrigos de animais e grupos de resgate. Eles também contribuem para que os cães sejam negligenciados ou abandonados por seus donos e / ou sujeitos a técnicas de treinamento punitivas e geralmente desumanas. Entre os cães de trabalho, os problemas comportamentais são a razão mais comum pela qual os cães são liberados dos programas de treinamento.

Por que tantos cães desenvolvem problemas de comportamento é atualmente uma das principais questões no bem-estar canino. Como um método confiável e validado para medir o comportamento e problemas de comportamento em cães, o C-BARQ tem um papel crucial a desempenhar no tratamento dessa questão de vital importância.

O que o C-BARQ mede?

Quem pode usar o C-BARQ?

Endossos / Testemunhos

O C-BARQ é uma pesquisa destinada a proprietários / tutores e condutores de cães que fornece um conjunto de pontuações numéricas para as seguintes quatorze categorias diferentes de comportamento canino:

1. **Agressão dirigida por estranhos:** respostas ameaçadoras ou hostis a estranhos que se aproximam ou invadem o espaço pessoal, território ou área residencial do cão ou do dono.
2. **Agressão dirigida pelo proprietário:** Respostas ameaçadoras ou hostis ao proprietário ou outros membros da família quando desafiado, maltratado, encarado, pisado ou quando abordado enquanto estiver de posse de comida ou objetos.
3. **Agressão dirigida por cães:** respostas ameaçadoras ou hostis quando abordado por cães desconhecidos.
4. **Rivalidade entre cães:** Respostas ameaçadoras ou hostis a outros cães familiares na mesma casa.
5. **Medo dirigido por estranhos:** Respostas de medo ou cautela quando abordado por estranhos.
6. **Medo não social:** respostas **assustadoras** ou cautelosas a ruídos repentinos ou altos, tráfego e objetos e situações desconhecidos.
7. **Medo dirigido por cães:** reações de medo ou cautela quando abordado por cães desconhecidos.
8. **Comportamento relacionado à separação:** Vocalização e / ou destrutividade quando separado do proprietário, frequentemente acompanhada ou precedida por sinais comportamentais e autonômicos de ansiedade, incluindo inquietação, perda de apetite, tremores e salivação excessiva.
9. **Apego e busca de atenção:** Manter a proximidade com o proprietário ou outros membros da família, solicitar afeto ou atenção e demonstrar agitação quando o proprietário dá atenção a terceiros.
10. **Capacidade de treinamento: disposição** para atender o proprietário, obedecer a comandos simples, aprender rapidamente, buscar objetos, responder positivamente à correção e ignorar estímulos que distraiam.
11. **Perseguição:** Perseguir gatos, pássaros e / ou outros animais pequenos, se tiver oportunidade.
12. **Excitabilidade:** Exibindo fortes reações a eventos potencialmente excitantes ou estimulantes, como passeios ou viagens de carro, campainhas, chegada de visitantes e chegada do proprietário em casa; tem dificuldade em se estabelecer após tais eventos.
13. **Sensibilidade ao toque:** respostas temerosas ou cautelosas a procedimentos potencialmente dolorosos, incluindo banho, higiene, aparar as unhas e exames veterinários.
14. **Nível de energia:** Energético, “sempre em movimento” e / ou divertido.

Além disso, o C-BARQ fornece informações sobre a ocorrência de mais 22 problemas de comportamento diversos, que vão desde coprofagia até giro estereotípico / perseguição de cauda.

[Retorne à página principal](#) .

© 2020 [James A. Serpell](#) e a [Universidade da Pensilvânia](#) . Todos os direitos reservados.

Perguntas sobre este site? Preciso de ajuda? [Visite nosso formulário de contato](#) , [revise nossa política de privacidade](#) ou [leia nosso aviso e termos de uso](#) .

APÊNDICES

APÊNDICE A – Protocolo de pesquisa do artigo de Roma (2015)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno do espectro autista.	
Autor: Renata Paula da Silva Roma.	
Ano: 2015.	Fonte Editorial: Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo.
Instituição: Universidade de São Paulo.	
Tipo de Publicação: Dissertação.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Verificar o impacto laterais e frontais de cães e humanos nas expressões emocionais de alegria e rejeição de crianças com TEA.	
Palavras-chave: Cães; Transtorno do Espectro do Autismo; Terapia Assistida por Animais; Expressões Emocionais; Comportamento.	
Sujeitos da Pesquisa: 11 Crianças com TEA.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Não se aplica.
Método: Experimental com testes comportamentais através da observação de comportamento, considerando-se indicadores comportamentais pré-estabelecidos.	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Toque, comandos, atividades lúdicas entre as crianças e os cães.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Desenvolvimento do repertório de habilidades sociais das crianças de forma gradual, estimulando-as a estabelecer contato visual, aceitar aproximação física e respeitar limites, valorizando habilidades já adquiridas.	
Resultado: Os resultados deste estudo são de grande significância por demonstrar como o cão pode tornar o ambiente prazeroso. Em comparação com os humanos, os cães foram mais eficazes em despertar expressões de alegria e evitar expressões de rejeição.	

APÊNDICE B – Protocolo de pesquisa do artigo de Hetland, Bailey e Prince-Paul (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Animal Assisted Interactions to Alleviate Psychological Symptoms in Patients on Mechanical Ventilation.	
Autor: Breanna Hetland; Tanya Bailey; Maryjo Prince-Paul.	
Ano: 2017.	Fonte Editorial: J Hosp Palliat Nurs.
Instituição: Nebraska Medical Center.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Animal assisted interactions have been used in variety of inpatient settings to reduce symptom burden and promote overall well-being.	
Palavras-Chave: Autism spectrum disorder; Equine-assisted intervention; Equine-assisted therapy; Animal-assisted therapy; Psychosocial functioning.	
Sujeitos da Pesquisa: Pacientes sob ventilação mecânica.	
Área da Pesquisa: Enfermagem.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Não se aplica.	Bem-estar: Sim.
Método: Estudo de caso.	
Animais Coterapeutas: Cachorro.	Porte: Médio.
Atividades Desenvolvidas: Contato com o cachorro com visitas programadas.	
Possíveis Riscos: Devido à gravidade da doença associada à ventilação mecânica pacientes, preocupações físicas, como reações alérgicas, traumas físicos, como arranhões e lágrimas, bem como o risco de transmissão de doença zoonótica entre o animal eo paciente deve ser avaliado coletivamente pela equipe de saúde e pelo profissional da AAI.	
Possíveis Benefícios: A AAI é uma intervenção eficaz, útil e flexível que pode ser implementada na UTI com planejamento e supervisão de programas suficientes.	
Resultados: Enquanto o atual corpo de pesquisas sobre os efeitos positivos das interações entre humanos e animais continuam a crescer. Os mecanismos específicos para explicar e reforçar como um animal suporta o bem-estar humano permanecem uma hipótese que necessita de mais testes. Este estudo de caso fornece um exemplo promissor dos potenciais benefícios da intervenção assistida por animal (AAI) para pacientes em ventilação na UTI.	

APÊNDICE C – Protocolo de pesquisa do artigo de Oliveira, Ichitani e Cunha (2016)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Atividade Assistida por Animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar.	
Autor: Glícia Ribeiro de Oliveira; Tatiane Ichitani; Maria Claudia Cunha.	
Ano: 2016	Fonte Editorial: Distúrb. Comum.
Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Evolução positiva do sujeito na interação com os colegas.	
Palavras-Chave: Terapia Assistida por Animais; Comunicação; Relações Interpessoais	
Sujeitos da Pesquisa: Criança com queixas pedagógicas de agressividade, hiperatividade, os comportamentos frequentes de isolamento, brigas corporais e recusa em participar de atividades em grupo.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: EAA.	
Método: Estudo de caso.	
Animais Coterapeutas: Cachorro.	Porte: Pequeno.
Atividades Desenvolvidas: Foram propostas atividades motivacionais sobre concentração, paciência e persistência, como: solicitar comandos de obediência e ensinar novos comandos aos cães, brincadeiras com obstáculos, interagir com outros cães e cooperar com os colegas.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: AAA como um facilitador da interação social dessa criança, promovendo a superação da condição estigmatizada diante do grupo.	
Resultado: É possível apontar a AAA como um facilitador da interação social por contribuir nas condutas comunicativas do sujeito estudado, pois socializou com os colegas, liderou atividades e sentiu-se orgulhoso em conduzir alguns comandos com a cadela. Isso aumentou sua autoestima e promoveu a superação da condição estigmatizada diante do grupo. Houve alteração no ambiente social, na convivência, no humor e no comportamento do sujeito estudado, com redução dos episódios de discussões e brigas.	

APÊNDICE D – Protocolo de pesquisa do artigo de Swall *et al* (2016)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Bringing respite in the burden of illness – dog handlers’ experience of visiting older persons with dementia together with a therapy dog.	
Autores: Anna Swall; Britt Ebbeskog; Carina Lundh Hagelin; Ingegerd Fagerberg.	
Ano: 2016.	Fonte Editorial: Journal of Clinical Nursing.
Instituição: Department of Health Sciences, School of Health and Social Studies, Dalarna University.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: To illuminate meanings of the lived experiences of dog handlers’ when visiting older persons with dementia with their therapy dog.	
Palavras-Chave: Caring; Dementia; Dog Handlers; Person-Centredness; Phenomenological Hermeneutics; Therapy Dog; Well-Being.	
Sujeitos da Pesquisa: Domadores de cães em visitas de Internos de Centro de cuidados de pessoas com Demência.	
Área da Pesquisa: Ciências da saúde.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Data were collected from open-ended interviews with nine dog handlers, and the analysis conducted using the phenomenological hermeneutical method.	
Animais Coterapeutas: Cães.	Porte: Não informado.
Atividades Desenvolvidas: Visitas de internos com demência.	
Possíveis Riscos: Não identificados.	
Possíveis Benefícios: Melhora no sofrimento.	
Resultados: A presença do cão é uma parte de um ato de cuidar fornecida pelo manipulador. Esta parte do ato de cuidar alivia o sofrimento, que por sua vez cria um relacionamento especial entre o manipulador de cães e o paciente.	

APÊNDICE E – Protocolo de pesquisa do artigo de Kern-Godal *et al* (2016)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Contribution of the patient horse relationship to substance use disorder treatment: Patients' experiences.	
Autor: Ann Kern-Godal; Ida h. Brenna; Norunn kogstad; Espen A. Arnevik; Edle Ravndal.	
Ano: 2016.	Fonte Editorial: International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being.
Instituição: Oslo University Hospital.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Este artigo explora a própria experiência dos pacientes com SUD sobre seu relacionamento com o cavalo e suas percepções sobre sua contribuição para a terapia.	
Palavras-Chave: Substance Use Disorder; Addiction; Patient Perspective; Humanhorse Relationship; Therapeutic Relationship; Attachment; Qualitative.	
Sujeitos da Pesquisa: Pacientes em tratamento de distúrbios de abuso de substâncias.	
Área da Pesquisa: Psiquiatria.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Entrevistas semiestruturadas de oito pacientes para coletar informações sobre suas experiências com o HAT.	
Animais Coterapeutas: Cavalos.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Contato com o cavalo (toque, interação, comunicação) e montaria.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Equilíbrio emocional.	
Resultados: Os cavalos foram facilitadores de auto constructo positivo e forneceram apoio emocional importante durante o tratamento de paciente com distúrbios de abuso de substâncias. O paciente apresentou satisfação no domínio do animal, criando um efeito de relacionamento emocional. A relação positiva vivenciada com o cavalo também pode facilitar o fortalecimento da aliança com o terapeuta.	

APÊNDICE F – Protocolo de pesquisa do artigo de Araújo *et al* (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Efeito da equoterapia no equilíbrio de idosos: uma revisão sistemática com metanálise.	
Autor: Thaís Borges de Araújo; Juscelino C. Blasczyk; Yu Hua Feng; Ricardo Jacó Oliveira; Fernando Copetti; Marisete Peralta Safons.	
Ano: 2018.	Fonte Editorial: Revista brasileira de ciência e movimento.
Instituição: Universidade Federal de Brasília.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo e qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: ampliar a informação científica disponível sobre benefícios da equoterapia em idosos	
Palavras-Chave: Equoterapia; Idosos; Equilíbrio.	
Sujeitos da Pesquisa: Artigos que apontam os efeitos da equoterapia na melhora do equilíbrio postural em idosos.	
Área da Pesquisa: Neuropsicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Revisão sistemática de literatura com metanálise.	
Animais Coterapeutas: Cavalo.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Montaria.	
Possíveis Riscos: A escala PEDRO não deverá ser usada como uma medida da “validade” das conclusões de um estudo. É importante salientar que, estudos que revelem efeitos significativos do tratamento, e que obtenham pontuação elevada nesta escala não fornecem necessariamente, evidência de que o tratamento seja clinicamente útil.	
Possíveis Benefícios: Melhoria do equilíbrio e postura dos idosos.	
Resultado: Neste artigo de revisão, todos os resultados de pesquisas sobre a influência da equoterapia no equilíbrio postural de idosos foram positivos. A análise dos efeitos foi significativa, indicando que a equoterapia tem efeito expressivo na melhora do equilíbrio postural de idosos.	

APÊNDICE G – Protocolo de pesquisa do artigo de Rigoni, Paiva e Souza (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Efeitos agudos e subagudos de uma sessão de montaria a cavalo sobre variáveis cardiovasculares de indivíduos jovens e saudáveis.	
Autor: Denise de Barros Rigoni; Luciana Laureano Paiva; Rubens Severo de Souza.	
Ano: 2017.	Fonte Editorial: Fisioterapia Brasil.
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Verificar os efeitos agudos e subagudos de uma sessão de montaria a cavalo na frequência cardíaca (FC) e pressão arterial (PA).	
Palavras-Chave: Terapia Assistida por Cavalos; Fenômenos Fisiológicos Cardiovasculares; Pressão Arterial; Frequência Cardíaca; Exercício.	
Sujeitos da Pesquisa: 20 indivíduos jovens e saudáveis.	
Área da Pesquisa: Fisioterapia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Quantitativa experimental.	
Animais Coterapeutas: Cavalo.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Montaria.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: A montaria a cavalo é capaz de gerar efeitos sobre o sistema cardiovascular de indivíduos jovens saudáveis.	
Resultado: Uma sessão de montaria a cavalo ao passo e ao trote foi capaz de promover alterações significativas na FC e PA de indivíduos jovens saudáveis, demonstrando que essa atividade apresenta efeitos benéficos sob os aspectos cardiovasculares da população estudada. Os resultados permitem pensar em uma possível ampliação da visão clínica da Equoterapia para além das indicações tradicionais, após a realização de mais estudos com populações específicas dessa modalidade terapêutica.	

APÊNDICE H – Protocolo de pesquisa do artigo de Oliveira e Cunha (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Efeitos da Atividade Assistida por Animais nas condutas comunicativas de idosos: abordagem fonoaudiológica.	
Autor: Glícia Ribeiro de Oliveira; Maria Claudia Cunha.	
Ano: 2017.	Fonte Editorial: Distúrb Comum.
Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Pesquisa de natureza clínico-qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Descrever os efeitos da Atividade Assistida por Animais (AAA) nas condutas comunicativas de idosos.	
Palavras-Chave: Fonoaudiologia; Terapia Assistida por Animais; Cães; Idoso; Comunicação.	
Sujeitos da Pesquisa: 09 idosos, de ambos os sexos.	
Área da Pesquisa: Fonoaudiologia.	
Tipos de Intervenção: AAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Sim.
Método: Relato de experiência acerca da implantação das visitas terapêuticas de cães a pacientes internados em cuidados paliativos.	
Animais Coterapeutas: Cães.	Porte: Pequeno.
Atividades Desenvolvidas: Interação, contato físico e alimentação do animal.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: A presença do cão foi um facilitador das interações e promoveu o estabelecimento/fortalecimento dos vínculos interpessoais quanto à ocorrência e a caracterização da atividade dialógica, ocorrência e caracterização de condutas não verbais e das condutas psicossociais dos idosos.	
Resultado: Resultados apontaram os benefícios quanto à comunicação verbal e não verbal dos sujeitos estudados: na dinâmica grupal e no desempenho individual da totalidade dos casos. Pelo constatado, no grupo de idosos estudados, é possível afirmar que a presença do cão foi um facilitador das interações e promoveu o estabelecimento/fortalecimento dos vínculos interpessoais, permeados pela dialogia. Os resultados de pesquisas sugerem os benefícios da AAA quanto à comunicação, tanto na diminuição/superação dos sintomas manifestos na linguagem oral e/ou gráfica, intensificação na gestualidade e afetividade dos assistidos.	

APÊNDICE I – Protocolo de pesquisa do artigo de Pereira *et al* (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Interação Lúdica na Atividade Assistida por cães na pediatria.	
Autor: Viviane Ribeiro Pereira; Márcia de Oliveira Nobre; Sabrina Capella; Ana Claudia Garcia Vieira.	
Ano: 2017.	Fonte Editorial: Enfermagem em Foco.
Instituição: Universidade Federal de Pelotas (Hospital Escola).	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Verificar a interação lúdica entre crianças e cães nas Atividades Assistidas por Animais tendo como foco a análise das reações dos comportamentos durante as atividades.	
Palavras-Chave: Atividade Assistida por Animais; Criança hospitalizada; Enfermagem pediátrica.	
Sujeitos da Pesquisa: 14 crianças internadas na pediatria de um hospital universitário. O estudo também contemplou a percepção e avaliação dos pais em relação as reações e relações dos filhos frente a IAAS.	
Área da Pesquisa: Enfermagem e Medicina Veterinária.	
Tipos de Intervenção: AAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Sim.
Método: Estudo descritivo exploratório de caráter transversal.	
Animais Coterapeutas: Cães.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: toques, carícias e recreação.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Promoção de bem-estar, redução da tensão, interação entre crianças e cães.	
Resultado: As respostas positivas da maioria das crianças atendidas resultaram em expressões de felicidade, sorrisos, minimização do estresse hospitalar. Os pais descreveram esta atividade como uma estratégia para o bem-estar e a felicidade dos filhos. Os pais entenderam a IAA como momento de compartilhar carinho. As crianças se tornaram mais comunicativas, proporcionou descontração. Os resultados foram percebidos na equipe de saúde, pois os profissionais estavam mais motivados e engajados demonstrando trabalho mais colaborativo. As IAAS neste hospital trouxeram resultados positivos para a criança, pais e familiares e equipe de saúde.	

APÊNDICE J – Protocolo de pesquisa de Tan e Simmonds (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Parent Perceptions of Psychosocial Outcomes of Equine-Assisted Interventions for Children with Autism Spectrum Disorder.	
Autor: Vanessa Xue-Ling Tan; Janette Graetz Simmonds.	
Ano: 2017	Fonte Editorial: Journal of Autism and Developmental Disorders
Instituição: University, Melbourne, VIC, Australia.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Objetivo geral de melhorar a qualidade de vida do indivíduo.	
Palavras-Chave: Autism spectrum disorder; Equine-assisted intervention; Equine-assisted therapy; Animal-assisted therapy; Psychosocial functioning.	
Sujeitos da Pesquisa: Pais de crianças menores de 18 anos que foram diagnosticadas com TEA.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas e os dados da transcrição foram analisados por meio de análise fenomenológica interpretativa.	
Animais Coterapeutas: Cavalos	Porte: Não se aplica
Atividades Desenvolvidas: Contato com o cavalo (toque, interação, comunicação) e montaria.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: autoconceito melhorado da criança e bem-estar emocional, melhor capacidade de autorregulação da criança, benefícios para a criança e (4) resultados inesperados.	
Resultados: As percepções dos pais sobre como a EAI aprimorou as habilidades de seus filhos geral bem-estar psicológico e emocional; as contas dos pais frequentemente envolviam escições de seus o senso de orgulho, empoderamento e maior abertura das crianças para desafios: Eu diria que a confiança em saber que ela pode lidar com esse enorme animal é de grande benefício para a criança.	

APÊNDICE K – Protocolo de pesquisa de Swall *et al* (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Stepping out of the shadows of Alzheimer’s disease: a phenomenological hermeneutic study of older people with Alzheimer’s disease caring for a therapy dog.	
Autor: Anna Swall; Britt Ebbeskog; Carina Lundh Hagelin; Ingegerd Fagerberg.	
Ano: 2017.	Fonte Editorial: Journal of Autism and Developmental Disorders.
Instituição: International journal of qualitative studies on health and well-being.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Melhorar a qualidade de vida do indivíduo;	
Palavras-Chave: Alzheimer’s disease; Caring; Animal-Assisted Therapy; Person-Centredness; Phenomenological Hermeneutics; Life World.	
Sujeitos da Pesquisa: Idosos com Alzheimer.	
Área da Pesquisa: Pais de crianças menores de 18 anos que foram diagnosticadas com TEA.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: -	Bem-estar: Sim.
Método: Hermenêutico fenomenológico.	
Animais Coterapeutas: Cachorro.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Contato com o cavalo (toque, interação, comunicação) e montaria.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Empatia e altruísmo pode ser um senso de autoestima, de sendo necessário, e de ser significativo.	
Resultados: O indivíduo parece ser capaz de agir como um saudável ser humano naquele momento com o cão, com os sintomas da doença. Os participantes na presença do animal ficam mais calmos e expressaram contentamento e quase adormeceram ao acariciar o pêlo do cachorro. Percebeu-se com este estudo que quando as pessoas com demência receberam estimulação tátil para as mãos e braços de cuidadores, eles relaxaram e adormeceram. Isso, por sua vez, reduziu sintomas como agressão e aumentaram sua sensação de bem-estar, e ficou mais fácil interagir melhorando a sua qualidade de vida e as suas interação com os outros. Neste estudo, outros comportamentos como empatia e carinho que eram demonstrado através de expressões de sentimentos de alegria e ternura foram notadas.	

APÊNDICE L – Protocolo de pesquisa do artigo de Cechetti *et al* (2016).

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Terapia Assistida por Animais como recurso fisioterapêutico para idosos institucionalizados.	
Autor: Fernanda Cechetti; Aline de Souza Pagnussat; Karenina Elisa Marin; Priscila Bertuol; Flávia Zambom Toderó; Suelen Antônia de Oliveira Ballardim.	
Ano: 2016.	Fonte Editorial: Scientia Medica.
Instituição: Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Avaliar os efeitos da Terapia Assistida por Animais em relação à marcha e ao equilíbrio em idosos institucionalizados.	
Palavras-Chave: Terapia Assistida por Animais; Idosos; Institucionalização; Fisioterapia.	
Sujeitos da Pesquisa: Idosos institucionalizados.	
Área da Pesquisa: Fisioterapia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Ensaio clínico não controlado, do tipo antes e depois.	
Animais Coterapeutas: Cachorro.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Os exercícios com os cães incluíram: arremessar uma bola ao cão; deambular com o cão por diferentes terrenos e ultrapassando diversos obstáculos; com o paciente sentado, estender os joelhos para que o animal consiga passar por baixo de suas pernas, sem apoiar-se quando possível; em pé apoiado na parede, flexionar o joelho a 90° para que o animal possa passar por baixo de sua perna, e logo após flexionar a outra perna e acariciar o animal com o animal posicionado atrás; e realizar exercício de senta-levanta, imitando o cão à sua frente, sendo que o comando era dado pelo adestrador através de sinais.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Uma melhora significativa em ambos os parâmetros avaliados, sugerindo resultados relevantes após aplicação da Terapia Assistida por Animais em relação à marcha e ao equilíbrio de idosos institucionalizados.	
Resultado: Pela Escala de Equilíbrio de Berg, a maioria dos indivíduos mostrou aumento da pontuação no teste pós-intervenção, demonstrando melhora no equilíbrio. A análise dos escores do teste de Tinetti indicou melhora na velocidade, distância do passo e simetria da marcha após o tratamento.	

APÊNDICE M – Protocolo de pesquisa do artigo de Moreira *et al* (2016)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros.	
Autor: Rebeca Lima Moreira; Fabiane do Amaral Gubert; Leidiane Minervina Moraes de Sabino; Jéssica Lima Benevides; Marcela Ariadne Braga Gomes Tomé; Mariana Cavalcante Martins; Mychelangela de Assis Brito.	
Ano: 2016.	Fonte Editorial: Revista Brasileira de Enfermagem.
Instituição: Universidade Federal do Ceará, Departamento de Enfermagem.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Aprender a percepção de profissionais da equipe de enfermagem e responsáveis por crianças e adolescentes com câncer acerca da Terapia Assistida com Cães.	
Palavras-Chave: Enfermagem Pediátrica; Terapia Assistida por Animais; Oncologia; Adolescente Hospitalizado; Institutos de Câncer.	
Sujeitos da Pesquisa: Profissionais de Enfermagem e responsáveis pelos pacientes.	
Área da Pesquisa: Enfermagem.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Não.
Método: Estudo qualitativo baseado na técnica de observação participante.	
Animais Coterapeutas: Cães.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: A presença do cão foi adaptada a rotina da unidade. Sendo assim, o cão visitava o serviço em períodos fixos, pré-agendados com a coordenação do hospital. As crianças e adolescentes que podiam se locomover, iam ao encontro do cão para conversar, acariciar, brincar e tirar fotos. A mesma rotina, quando possível, foi realizada junto as crianças que aguardam procedimento.	
Possíveis Riscos: Não apresentou devido o controle da CCIH do hospital.	
Possíveis Benefícios: As percepções dos participantes reforçam recomendações que podem ser aplicadas no contexto hospitalar e evidencia que a terapia em questão pode tornar-se uma tecnologia efetiva para promoção da saúde de crianças e adolescentes com câncer.	
Resultado: As mães descreveram o estado emocional das crianças e adolescentes, antes da visita do cão, expressando sentimentos como medo, estresse e desânimo. Os responsáveis comentaram que a terapia é válida e contribui efetivamente para o enfrentamento da criança/adolescente no ambiente hospitalar e que a TAA favorece a relação entre a equipe de saúde e usuário do hospital, na medida em que os profissionais também apresentam satisfação quando próximos ao cão, o que influencia um cuidado diferenciado. Segundo opinião de responsáveis/familiares e profissionais da equipe de enfermagem, facilitando a adaptação ao ambiente hospitalar e reduzindo a ansiedade e o trauma da hospitalização.	

APÊNDICE N – Protocolo de pesquisa do artigo de Milhomem, Calefi e Marodin (2018)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Visita terapêutica de cães a pacientes internados em uma unidade de cuidados paliativos.	
Autor: Alyne Coelho Moreira Milhomem; Mariana Pereira Sayago Soares Calefi; Nayara Brea Marodin.	
Ano: 2018.	Fonte Editorial: Com. Ciências Saúde.
Instituição: Hospital de apoio de Brasília (HAB).	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Relatar a implantação das atividades assistidas por animais em Unidade de Cuidados Paliativos.	
Palavras-Chaves: Terapia Assistida por Animais; Assistência hospitalar; Infecção hospitalar; Controle de infecções; Cuidados paliativos.	
Sujeitos da Pesquisa: Pacientes em cuidados paliativos geriátricos e oncológicos.	
Área da Pesquisa: Enfermagem, Educação Física e Medicina Veterinária.	
Tipos de Intervenção: AAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Sim.
Método: Relato de experiência acerca da implantação das visitas terapêuticas de cães a pacientes internados em cuidados paliativos.	
Animais Coterapeutas: Cães.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: As visitas têm caráter lúdico, no leito ou junto a cadeira de rodas e ocorrem quinzenalmente. Os cães são colocados sobre um tecido não tecido ou material similar para proteger a superfície de contato entre o cão e o paciente.	
Possíveis Riscos: Infecções.	
Possíveis Benefícios: Tornar a internação menos traumática e mais acolhedora.	
Resultado: O ambiente hospitalar mais descontraído, a visita dos cães terapeutas mudou, de forma significativa a rotina da Unidade de Cuidados Paliativos, contribuindo para a melhoria física e emocional dos pacientes. Houve relatos de pacientes, acompanhantes e funcionários favoráveis à continuação do projeto.	

APÊNDICE O – Protocolo de pesquisa do artigo de Mello *et al* (2018)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: A influência da equoterapia no desenvolvimento global na paralisia cerebral: revisão da literatura.	
Autores: Enilda Marta Carneiro de Lima Mello; Gabriella Lourenço dos Santos Silva; Rafaella Zveiter Trigueiro; Ana Leticia de Souza Oliveira.	
Ano: 2018	Fonte Editorial: Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento.
Instituição: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Revisão integrativa da literatura.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Verificar o efeito da equoterapia no equilíbrio global em crianças com paralisia cerebral, com base em artigos, livros e <i>sites</i> .	
Palavras-Chave: Terapia Assistida por Cavalos; Reabilitação; Fisioterapia; Equilíbrio postural.	
Sujeitos da Pesquisa: Crianças com paralisia cerebral.	
Área da Pesquisa: Fisioterapia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Não.
Público Pesquisado: Crianças com Paralisia Cerebral.	
Método: Revisão integrativa com base em coleta de dados realizados a partir de fontes secundárias por meio de levantamento bibliográfico.	
Animais Coterapeutas: Cavalo.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Montaria.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: A busca por obter benefícios físicos e/ou psíquicos no tratamento de pessoas que apresentam deficiências.	
Resultados: Foi verificado por meio de análises de literaturas encontradas, a eficácia da equoterapia no tratamento de diversos casos de crianças com paralisia cerebral. A prática da técnica apresentada no estudo mostra atuação relevante no estado de equilíbrio, relaxamento, desenvolvimento e na manutenção do tônus muscular, promovendo melhora da conscientização corporal, da coordenação motora, do auxílio na melhora da atenção, da autoconfiança e da autoestima, levando à melhora do desenvolvimento global da criança com paralisia cerebral.	

APÊNDICE P – Protocolo de pesquisa do artigo de Ferreira *et al* (2017)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Análise qualitativa do efeito da equoterapia para crianças com paralisia cerebral.	
Autor: Jackeline Tuan Costa Ferreira; Diego Lorenzi de Carvalho; Flávia Cristina Carbonero; Denise Campos.	
Ano: 2017	Fonte Editorial: Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento.
Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Demonstrar a partir dos atendimentos individuais uma melhora na Medida de Independência Funcional (MIF).	
Palavras-Chave: Equoterapia; Terapia Assistida Por Cavalos; Paralisia Cerebral.	
Sujeitos da Pesquisa: Crianças com paralisia cerebral.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Não.
Público Pesquisado: Tratou-se de um estudo de caso de três crianças. Foram incluídas crianças de ambos os sexos, com diagnóstico de PC, que não faziam equoterapia nem a fisioterapia convencional.	
Método: Tratou-se de um estudo de caso de três crianças. Foram incluídas crianças de ambos os sexos, com diagnóstico de PC, que não faziam equoterapia nem a fisioterapia convencional.	
Animais Coterapeutas: Cavalo	Porte: Grande
Atividades Desenvolvidas: O protocolo de exercícios incluía: elevar e sentar na sela para fortalecimento de membros inferiores; jogos lúdicos, exercitando a memória, atenção, e fazendo uma boa socialização com os terapeutas. Também métodos de manejo do cavalo, que não necessariamente precisava estar montado como: escovar os pelos do cavalo com vários tipos de escovas, para estimular o conhecimento de texturas e temperaturas.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Houve melhora para realização das atividades de vida diárias relacionadas à autocuidados, mobilidade, locomoção, comunicação e cognição social.	
Resultados: Concluiu-se, neste estudo, que a equoterapia foi eficaz no tratamento das crianças com PC. Após o tratamento, as três crianças apresentaram melhora para realização das atividades de vida diárias relacionadas à autocuidados, mobilidade, locomoção, comunicação e cognição social.	

APÊNDICE Q – Protocolo de pesquisa do artigo de Paloski *et al* (2018)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Efeitos da Terapia Assistida por Animais na qualidade de vida dos idosos.	
Autor: Luís Henrique Paloski; Karina Laux Schutz; Valéria Gonzatti; Elizabeth Luz Moreira dos Santos; Irani Iracema de Lima Argimon; Tatiana Quarti Irigaray.	
Ano: 2018.	Fonte Editorial: Contextos Clínicos.
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Investigar os efeitos da Terapia Assistida por Animais (TAA) na qualidade de vida em idosos.	
Palavras-Chaves: Terapia Assistida por Animais; Qualidade de vida; Idosos.	
Sujeitos da Pesquisa: Estudos de TAA com idosos.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Não se aplica.	Bem-estar: Não se aplica.
Público Pesquisado: Artigos que tratam de TAA idosos.	
Método: Revisão sistemática.	
Animais Coterapeutas: Cães.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Acariciar e conversar com os cães.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Melhoria na qualidade de vida dos idosos.	
Resultados: Diminuição da ansiedade, aumento da autoeficácia e da capacidade de enfrentamento de problemas e estimulação do sistema nervoso simpático, o que levaria ao aumento da endorfina, levando a sensação de bem-estar, aumento nos níveis de interação social.	

APÊNDICE R – Protocolo de pesquisa do artigo de Santos e Silva (2016)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Os projetos de terapia assistida por animais no Estado de São Paulo.	
Autor: Amaliani Raquel Oliveira dos Santos; Cíntia de Jesus Silva.	
Ano: 2016.	Fonte Editorial: Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar.
Instituição: União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: A coleta de dados foi realizada por meio dos projetos paulistas de TAA divulgados em sites eletrônicos, canais de televisão, revistas e jornais impressos.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Identificar os projetos de TAA existentes no estado de São Paulo e caracterizá-los em relação ao público-alvo atendido, aos coterapeutas utilizados e às propostas apresentadas.	
Palavras-Chave: Terapia Assistida por Animais; São Paulo; Projetos.	
Sujeitos da Pesquisa: Público atendido.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Sim.	Bem-estar: Não se aplica.
Público Pesquisado: Projetos de IAA desenvolvidos no Estado de São Paulo.	
Método: Projetos paulistas de TAA divulgados em sites eletrônicos, canais de televisão, revistas e jornais impressos.	
Animais Coterapeutas: Cão e Cavalo.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Habilidades voltadas ao desenvolvimento biopsicossocial.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Minimização dos sentimentos apresentados pela sociedade contemporânea como a solidão, o isolamento e o estresse.	
Resultados: Foram encontrados 29 projetos de TAA em São Paulo, onde as intervenções variam com o público atendido e objetivos traçados em cada atendimento. Ao perceber os benefícios promovidos pela TAA, foi levantada a importância de conscientizar a humanidade sobre a relevância de se manter e preservar uma relação cuidadosa, respeitosa e adequada entre o ser humano e os animais. Foi observado a necessidade e a importância da terapia assistida por animais ser mais dinamizada para que os seus benefícios alcancem e auxiliem todos os pacientes que sofrem em decorrência de sua condição física e/ou psíquica.	

APÊNDICE S – Protocolo de pesquisa do artigo de Zamo e Trentini (2016)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia.	
Autor: Renata de Souza Zamo; Clarissa Marceli Trentini.	
Ano: 2016	Fonte Editorial: Revista Psicologia Teoria e prática.
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Revisão de literatura.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Investigar as pesquisas empíricas em equoterapia publicadas entre 2004 e 2014.	
Palavras-Chave: Terapia Assistida por Animais; São Paulo; Projetos.	
Sujeitos da Pesquisa: Crianças e adolescentes.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Não se aplica.	Bem-estar: Não se aplica.
Público Pesquisado: 20 estudos empíricos, e a grande maioria deles foi realizado com crianças e adolescentes.	
Método: Estudo de revisão sistemática de pesquisas empíricas.	
Animais Coterapeutas: Cavalo.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Técnicas de entrevistas, observação do comportamento, questionários, escalas de qualidade de vida, de funcionalidade e para grupos específicos.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Os resultados mais evidentes da equoterapia no âmbito psicológico envolveram a diminuição da ansiedade e os ganhos em relacionamento social.	
Resultados: Benefícios físicos, como equilíbrio, amplitude de movimento e qualidade de marcha. Os benefícios da equoterapia nas relações sociais e no sentimento de segurança foram evidenciados no material coletado; alguns estudos não são claros quanto à eficácia do método terapêutico da equoterapia.	

APÊNDICE T – Protocolo de pesquisa do artigo de Silva, Lima e Salles (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Vínculo Afetivo de Crianças Autistas na Equoterapia: uma contribuição de Winnicott.	
Autor: Aline Soares Mazzeu da Silva; Fabiane Petean Soares de Lima; Rodrigo Jorge Salles.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Boletim Academia Paulista de Psicologia.
Instituição: Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo – SP.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Revisão de literatura.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Compreender como a prática da equoterapia pode influenciar no estabelecimento dos vínculos afetivos da criança com autismo, adotando como referencial teórico a teoria de Winnicott.	
Palavras-Chaves: Transtorno do Espectro Autista; Infância; Objetos Transicionais; Psicanálise; Terapia Assistida por animais.	
Sujeitos da Pesquisa: Crianças.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Adestramento: Não se aplica.	Bem-estar: Não.
Público Pesquisado: Crianças com autismo.	
Método: O percurso metodológico, adotado para abordar este tema, envolverá a descrição do autismo, na visão da psiquiatria, para no item seguinte descrever a prática da equoterapia, e neste tópico serão citadas informações introdutórias sobre o que consiste esta terapêutica.	
Animais Coterapeutas: Cavalos.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Utilizar o cavalo como facilitador, visando educar, habilitar e reabilitar indivíduos com disfunções socioemocionais.	
Possíveis Riscos: Não apresentados.	
Possíveis Benefícios: Influências da equoterapia no estabelecimento dos vínculos afetivos da criança com autismo, adotando como referencial teórico a teoria de Winnicott.	
Resultados: Aquisição de confiança, facilitando as habilidades para lidar com rupturas do vínculo, como a troca do cavalo, tendo adquirido a capacidade de cuidar por ter conquistado confiança no ambiente que mantém seu cuidado e existência, isto é, sobrevive à sua forma de ser e de se isso implica resultados positivos.	

APÊNDICE U – Protocolo de pesquisa do artigo de Hediger, Meisser e Zinsstag (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: A one health research framework for Animal-Assisted Interventions.	
Autor: Karin Hediger; Andrea Meisser; Jakob Zinsstag.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: International Journal of Environmental Research and Public Health.
Instituição: Department of Psychology, University of Basel.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Demonstrar os benefícios das IAAS na saúde dos humanos.	
Palavras-Chave: Animal-Assisted Interventions; Animal-Assisted Therapy; Animal welfare; Human-animal relationship; One health.	
Sujeitos da Pesquisa: Pesquisas que apontem bem-estar na relação terapêutica entre animais humanos e não humanos.	
Área da Pesquisa: Psicologia e Saúde Pública.	
Tipos de Intervenção: Não especificado	Bem-estar: Sim
Método: Revisão de literatura.	
Animais Coterapeutas: Qualquer animal utilizado para IAA.	Porte: Sem restrições.
Atividades Desenvolvidas: Não se aplica.	
Possíveis Riscos: Por um lado, os benefícios e riscos da AAI na participação de humanos e animais precisam ser identificado. A aplicação em nome do animal implica que a pesquisa identifique condições que permitir o máximo possível de enriquecimento e bem-estar e minimizar os riscos de angústia e saúde. Isso deve ser avaliado em diferentes espécies, mas também deve levar em conta a personalidade de cada animal.	
Possíveis Benefícios: As intervenções assistidas por animais substituem diferentes intervenções que incorporam animais humanos equipes em serviços humanos formais. Numerosos estudos documentam a influência significativa da relação homem-animal na bem-estar e saúde humanos. Embora os resultados às vezes sejam contraditórios, há evidência crescente de que a interação com os animais pode melhorar a saúde humana e que a AAI é uma tratamento eficaz para distúrbios mentais, comportamentais e neurológicos em diferentes populações. A AAI leva a um bem-estar físico, social e emocional aprimorado, possivelmente modulado através de redes cerebrais comuns envolvidas em recompensa, emoção.	
Resultados: Necessidade de mais estudos abordando a a saúde e o bem-estar dos animais participantes. Pesquisas futuras sobre animais devem se concentrar na redução do estresse, bem como no aprimoramento de indicadores positivos de bem-estar para identificar condições que possam trazer benefícios aos animais que participam da IAA. Pesquisas futuras devem combinar diferentes métodos para investigar a relação entre comportamento físicos usam abordagens sistêmicas e multidimensionais que incluem fatores e o contexto social. Além disso, estudos que investigam as consequências a longo prazo da IAA no a qualidade de vida dos animais participantes é garantida.	

APÊNDICE V – Protocolo de pesquisa do artigo de Yakimicki (2018)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Animal-Assisted Intervention and Dementia: A Systematic Review.	
Autor: Michelle L. Yakimicki; Nancy E. Edwards; Elizabeth Richards; Alan M. Beck.	
Ano: 2018.	Fonte Editorial: Clinical Nursing Research.
Instituição: Purdue University, West Lafayette, IN, USA.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Discutir a relação entre intervenções assistidas por animais (IAA) e sintomas comportamentais e psicológicos da demência.	
Palavras-Chaves: Dementia; Animal-Assisted Therapy; Systematic review.	
Sujeitos da Pesquisa: Foram selecionados treze estudos onde os participantes eram todos pacientes idosos com demência de estágios variados.	
Área da Pesquisa: Enfermagem.	
Tipos de Intervenção: Não se aplica.	Bem-estar: Não.
Método: Revisão sistemática de literatura.	
Animais Coterapeutas: Não identificado.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Atividades envolvendo o animal como coterapeuta.	
Possíveis Riscos: Qualquer possível risco na implementação das IAAS é desconsiderado diante dos inúmeros benefícios da implementação de alguma forma de a interação animal em pacientes com demência.	
Possíveis Benefícios: Diminuir o BPSD aumenta a qualidade dos pacientes com demência da vida.	
Resultados: Existe consenso geral quanto à sua eficácia na melhoria do funcionamento social. Sugeriram que um cão pode ativar uma forma básica de socialização em seres humanos que ainda está ao alcance daqueles afetados por todos os níveis de demência. Embora a maioria dos estudos apresentem o cão com um dos principais animais de intervenção, o aumento do nível de comportamentos de socialização foi observado em todos os estudos, independentemente das espécies utilizadas.	

APÊNDICE W – Protocolo de pesquisa do artigo de Swall *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Dog handlers' experiences of therapy dogs' impact on life near death for persons with dementia.	
Autor: Anna Swall; Asa Craftman; Ake Grundberg; Eleonor Wiklund; Nina Väliaho; Carina Lundh Hagelin.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: International Journal of Palliative Nursing.
Instituição: Faculdade de Saúde Faculdade de Ciências da Saúde Estudos Sociais, Universidade de Dalarna, Suécia.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa descritiva.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Descrever o impacto de cães de terapia em pessoas com demência.	
Palavras-Chave: Terapia assistida por animais; Demência; Cuidados paliativos; Cão de terapia.	
Sujeitos da Pesquisa: 11 treinadores de cães com experiência de cão terapia para pacientes com demência.	
Área da Pesquisa: Enfermagem.	
Tipos de Intervenção: TAA.	
Método: Os dados foram coletados por meio de entrevistas com manipuladores de diversas profissões e locais de trabalho que receberam o mesmo treinamento na escola de cães de terapia.	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Não se aplica
Atividades desenvolvidas: Os participantes foram convidados a conversar sobre situações em que eles visitaram pessoas com demência com seu cão de terapia.	
Possíveis Riscos: Não apresenta.	
Possíveis Benefícios: O uso de cães de terapia pode ser benéfico para muitas instituições de saúde. O físico do cão e a proximidade parece ter um efeito calmante, e as pessoas com demência pareciam mais saudáveis quando estavam na presença do cão, experimentando algum alívio do fim da vida de sintomas e ansiedade associados.	
Resultados: As interações com cães apresentaram um impacto positivo em pessoas com demência e aliviou os sintomas associados à fim da vida de acordo com os treinadores de cães.	

APÊNDICE X – Protocolo de pesquisa do artigo de Perez *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Easing anxiety in preparation for pediatric magnetic resonance imaging: a pilot study using animal-assisted therapy.	
Autor: Manuela Perez; Claire Cuscaden; Joanne F. Somers; Nicole Simms; Sabia Shaheed; Leah A. Kehoe; Stephanie A. Holowka; Albert A. Aziza; Manohar M. Shroff; Mary-Louise C. Greer.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Pediatric Radiology.
Instituição: Department of Medical Imaging, University of Toronto, Toronto, ON, Canada.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: -	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Avaliar a eficácia de uma intervenção não farmacológica para reduzir a ansiedade em pacientes pediátricos que se preparam para ressonância magnética.	
Palavras-Chaves: Animal-Assisted Therapy; Magnetic resonance imaging; Pediatric; Sedation alternatives.	
Sujeitos da Pesquisa: 21 crianças que se preparam para realizar o exame de ressonância.	
Área da Pesquisa: Pediatria.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Um estudo piloto, prospectivo de intervenção em animais foi realizado em pacientes que concordaram previamente em interagir com um cachorro.	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Interação entre a criança e o cão.	
Possíveis Riscos: Não.	
Possíveis Benefícios: Aliviar a tensão em crianças que aguardam para fazer ressonância.	
Resultados: A interação com o cão durante a preparação e durante a RM, em conjunto com estratégias existentes, teve um efeito benéfico sobre os pacientes e seu estado emocional; a maioria destes relatou diminuição de níveis de ansiedade nas pesquisas pós-intervenção, independentemente de idade.	

APÊNDICE Y – Protocolo de pesquisa do artigo de Machová *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Effect of Animal-Assisted Therapy on Patients in the Department of Long-Term Care: A Pilot Study.	
Autor: Kristýna Machová; Radka Procházková; Petra Eretová; Ivona Svobodová; Ilja Kotík.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: International Journal of Environmental Research and Public Health.
Instituição: Czech University.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar a influência de um cão terapêutico no estado de saúde de pacientes alojados no departamento de cuidados prolongados de um hospital.	
Palavras-Chaves: Animal-Assisted Therapy; Long-term care; Elderly; Well-being; Dog.	
Sujeitos da Pesquisa: 72 pacientes ambos os sexos hospitalizados em longa permanência.	
Área da Pesquisa: Medicina.	
Tipos de Intervenção: TAA	Bem-estar: Sim.
Método: Experimental e de controle.	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Grande.
Atividades Desenvolvidas: Caminhadas ao ar livre, jogar bola, breves exercícios de obediência.	
Adestramento: Sim.	
Possíveis Riscos: Não oferece.	
Possíveis Benefícios: Melhoria no bem-estar e humor dos pacientes.	
Resultados: Foi observada uma relação estatisticamente significativa entre a taxa de sucesso das pontuações no Likert escala e a forma escolhida de terapia. A interação com os animais resultou em menor pressão sanguínea. É importante ressaltar que os pacientes pareciam ter se beneficiado das visitas do cão através de sinais de melhora no humor geral. As referidas pessoas vinculariam as visitas regulares do cão ao quarto em dias específicos; essas visitas deram algum tipo de significado à sua rotina diária prolongada. Suas reações à presença do cão certamente não eram neutras.	

APÊNDICE Z – Protocolo de pesquisa do artigo de Mutoh *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Effect of hippotherapy on gait symmetry in children with cerebral palsy: a pilot study.	
Autores: Tomoko Mutoh; Tatsushi Mutoh; Hirokazu Tsubone; Makoto Takada; Misato Doumura; Masayo Ihara; Hideo Shimomura; Yasuyuki Taki; Masahiro Ihara.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Clinical and experimental Pharmacology and Physiology.
Instituição: Department of Nuclear Medicine and Radiology, Institute of Development, Aging and Cancer, Tohoku University, Sendai, Japan.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Estudo longitudinal.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: O objetivo foi investigar o efeito da hipoterapia na simetria da marcha em crianças com paralisia (PC).	
Palavras-Chave: Animal-assisted therapy; Hippotherapy; Cerebral palsy; Gait analysis; Trunk symmetry.	
Sujeitos da Pesquisa: 12 crianças com paralisia cerebral.	
Área da Pesquisa: Pediatria.	
Tipos de Intervenção: TAA	Bem-estar: Não.
Método: Quantitativo com análise transversal e longitudinal.	
Animais Coterapeutas: Não especificado.	Porte: Não especificado.
Atividades Desenvolvidas: Caminhada de 5 metros.	
Possíveis Riscos: Não apresentou.	
Possíveis Benefícios: Melhorar a marcha e o equilíbrio em crianças com paralisia cerebral.	
Resultados: Através do estudo ficou comprovado que a hipoterapia tem um efeito benéfico na simetria da marcha em crianças com PC.	

APÊNDICE AA – Protocolo de pesquisa do artigo de Hediger (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Effects of animal-assisted therapy on social behaviour in patients with acquired brain injury: a randomized controlled trial.	
Autor: Karin Hediger; Stefan Thommen; Cora Wagner; Jens Gaab; Margret Hund-Georgiadis.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Scientific Reports.
Instituição: University of Basel, Basel, Switzerland.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Determinar os efeitos do AAT na competência social em pacientes submetidos à neuroreabilitação estacionária.	
Palavras-Chaves: -	
Sujeitos da Pesquisa: 19 pacientes.	
Área da Pesquisa: Saúde pública.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Estudo randomizado.	
Animais Coterapeutas: Não identificado.	Porte: Não identificado.
Atividades Desenvolvidas: Não identificado.	
Possíveis Riscos: Não identificados.	
Possíveis Benefícios: Promoção de melhorias na comunicação social e habilidades de interação na neuro-reabilitação após lesão cerebral adquirida.	
Resultados: As emoções positivas dos pacientes, verbais e não verbais, comunicação, humor, motivação e satisfação com o tratamento aumentaram na presença de um animal. A TAA aumenta aspectos da competência social e leva a maiores emoções e envolvimento de pacientes com lesão cerebral adquirida, refletida em maior envolvimento social, com comportamentos verbais e não verbais, motivação e satisfação durante uma sessão terapêutica.	

APÊNDICE AB – Protocolo de pesquisa do artigo de Wijker *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Effects of Dog Assisted Therapy for Adults with Autism Spectrum Disorder: An Exploratory Randomized Controlled Trial.	
Autor: Carolien Wijker; Ruslan Leontjevas; Annelies Spek; Marie-Jose Enders-Slegers.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Journal of Autism and Developmental Disorders.
Instituição: University of the Netherlands.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: -	
Palavras-Chave: Autism; Adults; Animal Assisted Therapy; Dogs; Stress-related; Problems.	
Sujeitos da Pesquisa: 53 adultos com TEA.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Ensaio clínico randomizado.	Adestramento: Sim.
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Grande e Médio.
Atividades Desenvolvidas: Não especificou.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Reduzir o estresse percebido e os sintomas de agorafobia e melhorar a consciência e a comunicação social em adultos com TEA.	
Resultados: Os resultados implicaram que o AAT reduziu as deficiências capacidade de resposta social avaliada pelos cônjuges dos participantes, familiares próximos ou amigos.	

APÊNDICE AC – Protocolo de pesquisa do artigo de Karefjård e Nordgren (2018)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Effects of dog-assisted intervention on quality of life in nursing home residents with dementia.	
Autor: Ann Karefjård; Lena Nordgren.	
Ano: 2018.	Fonte Editorial: Scandinavian Journal of Occupational Therapy.
Instituição: Scandinavian Journal of Occupational Therapy.	
Tipo de Publicação: Centre for Clinical Research Seormland, Uppsala University, Uppsala.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Investigar os efeitos da intervenção assistida por cães na qualidade de vida em residentes de asilos com demência.	
Palavras-Chave: Animal-Assisted Therapy; Dementia; Occupational therapy; Quality of life.	
Sujeitos da Pesquisa: 59 residentes de asilos.	
Área da Pesquisa: Terapia ocupacional.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Projeto de estudo pré-teste para um grupo e pré-teste	
Adestramento: Sim	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Não especificou.
Atividades Desenvolvidas: brincar com o cachorro, caminhar o cão, cuidando, ou sentado ou deitado no acariciando a cama e conversando com o cachorro.	
Possíveis Riscos: Não apresentou.	
Possíveis Benefícios: Melhoria na qualidade de vida dos idosos institucionalizados em asilos.	
Resultados: Os resultados indicam que as intervenções assistidas por cães podem ter efeitos positivos sobre qualidade de vida em residentes de asilos com demência moderada a grave. Os terapeutas ocupacionais devem considerar assistência com cães intervenções no planejamento de atividades que possam reduzir a carga de doenças e melhorar a qualidade de vida.	

APÊNDICE AD – Protocolo de pesquisa do artigo de Zafra-Tanaka (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Effects of dog-assisted therapy in adults with dementia a systematic review and meta-analysis.	
Autor: Jessica Hanae Zafra-Tanaka; Kevin Pacheco-Barrios; Walter Andree Tellez; Alvaro Taype-Rondan.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: BMC Psychiatry.
Instituição: Multicêntrico.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Realizar revisão sistemática para buscar artigos randomizados controlados e estudos controlados quase-experimental, a fim de avaliar os efeitos da terapia assistida por cães em adultos com demência e avaliar a certeza das evidências dos estudos.	
Palavras-Chave: Animal-Assisted Therapy; Cognitive dysfunction; Dementia; Meta-analysis.	
Sujeitos da Pesquisa: Adultos com demência.	
Área da Pesquisa: Psiquiatria.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Sim.
Método: Metanálise.	Adestramento: Não informado.
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Não Especificado.
Atividades Desenvolvidas: Visitação de cães à idosos com demência.	
Possíveis Riscos: Não foram estudados.	
Possíveis Benefícios: Melhora na qualidade de vida do paciente.	
Resultados: Há pouca evidência científica confiável com baixo viés sobre o efeito das atividades da vida diária, depressão, agitação, qualidade de vida e comprometimento cognitivo.	

APÊNDICE AE – Protocolo de pesquisa do artigo de Menna *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Efficacy of animal-assisted therapy adapted to reality orientation therapy: measurement of salivary cortisol.	
Autor: Lucia Francesca Menna; Antonio Santaniello; Federica Gerardi; Mario Sansone; Annamaria Di Maggio; Annalisa Di Palma; Giuseppe Perruolo; Vittoria D’Esposito; Pietro Formisano.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Sychogeriatrics.
Instituição: Universidade Federico II de Nápoles.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Avaliar se a TAA adaptada ao ROT formal poderia modificar níveis de cortisol salivar em pacientes com doença de Alzheimer.	
Palavras-Chaves: -	
Sujeitos da Pesquisa: 22 pacientes com doença de Alzheimer.	
Área da Pesquisa: Departamento de Medicina Veterinária e Produção Animal.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Estudo clínico de grupos pareados.	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Não se aplica.
Atividades Desenvolvidas: Atividades lúdicas estruturadas pelo zooterapeuta.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Melhora de sintomas depressivos, diminuição do nível de estresse e do comprometimento cognitivo deterioração de pacientes que também podem estar em fases de impasse em terapias não farmacológicas.	
Resultados: Os resultados mostram uma diminuição no nível de cortisol. As pontuações no grupo TAA resultaram significativamente diferentes antes e depois da intervenção (aumento e diminuiu respectivamente); em vez disso, ocorreu o oposto no grupo CTRL. Apesar das limitações do tamanho da amostra, os resultados obtidos sugerem que a terapia com TAA adaptado ao ROT poderia modificar os níveis de cortisol em Pacientes com Doença de Alzheimer.	

APÊNDICE AF – Protocolo de pesquisa do artigo de Jones, Rice e Cotton (2019).

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Incorporating animal-assisted therapy in mental health treatments for adolescents: A systematic review of canine assisted psychotherapy.	
Autores: Melanie G. Jones; D Simon M. Rice; Susan M. Cotton.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: PLOS ONE.
Instituição: Orygen The National Centre of Excellence in Youth Mental Health, Parkville, Victoria, Australia.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Qualitativa.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Identificar as características das intervenções da TAA, seus impactos e suas aceitabilidade, tolerabilidade e viabilidade para adolescentes com transtornos de saúde mental.	
Palavras-Chaves: Não identificado.	
Sujeitos da Pesquisa: 7 estudos com as diversas formas de IAA.	
Área da Pesquisa: Pediatria.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Revisão Sistemática de literatura.	
Animais Coterapeutas: Cão e Cavallo.	Porte: -
Atividades Desenvolvidas: Não se aplica.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: melhora nos impactos positivos em fatores secundários, incluindo aumento comportamentos de engajamento e socialização e reduções de comportamentos perturbadores dentro sessões de tratamento.	
Resultados: Os estudos concluíram que o IAA pode ser benéfica na redução do sofrimento psicológico, incluindo depressão, ansiedade, sintomas de trauma, doença mental ou dependência. Três revisões examinaram variáveis psicossociais, todas concluíram que a AAI pode melhorar o comportamento, a comunicação ou as habilidades sociais, especialmente em Distúrbios do Espectro do Autismo.	

APÊNDICE AG – Protocolo de pesquisa do artigo de Ambrosi *et al* (2018)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: Randomized controlled study on the effectiveness of animal-assisted therapy on depression, anxiety, and illness perception in institutionalized elderly.	
Autor: Caterina Ambrosi; Charles zaiontz; Giuseppe Peragine; Simona Sarchi; Francesca Bona.	
Ano: 2018.	Fonte Editorial: Japanese Psychogeriatric Society.
Instituição: Psychology Unit, IES Abroad c/o Università Cattolica del Sacro Cuore, Milan and Fondazione Santa Chiara Long-Term Geriatric Care, Centro Multiservizi per la Popolazione Anziana, Lodi, Italy.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Verificar a eficácia da terapia assistida por cão sobre depressão e ansiedade em idosos institucionalizados.	
Palavras-Chave: Animal-Assisted Therapy; Depression; Dog; Elderly; Illness perception.	
Sujeitos da Pesquisa: Idosos com sintomas de depressão e ansiedade.	
Área da Pesquisa: Psicologia.	
Tipos de Intervenção: TAA. ... Bem-estar: Não.	
Método: Estudo randomizado controlado.	
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: -
Atividades Desenvolvidas: Interação verbal e social com o cão.	
Possíveis Riscos: Não se aplica.	
Possíveis Benefícios: Aumento da interação social e melhoria nas condições de bem-estar dos pacientes.	
Resultados: A terapia assistida por cão provou ser eficaz na redução de sintomas de depressão em idosos institucionalizados. O aumento da verbal interações com os treinadores ao longo do estudo sugerem que o cão age como facilitador da interação social, provocando respostas emocionais positivas. A terapia assistida por cão mostra resultados promissores na percepção da doença cronograma e controle do tratamento, indicando potencial aprimoramento da senso de empoderamento relacionado ao tratamento.	

APÊNDICE AH – Protocolo de pesquisa do artigo de Hinic *et al* (2019)

IDENTIFICAÇÃO	
Título: The effect of a pet therapy and comparison intervention on anxiety in hospitalized children.	
Autor: Katherine Hinic; Mildred Ortu Kowalski; Kristin Holtzman; Kristi Mobus.	
Ano: 2019.	Fonte Editorial: Journal of Pediatric Nursing.
Instituição: Seton Hall University College of Nursing, Interprofessional Health Sciences Campus.	
Tipo de Publicação: Artigo.	
Tipo de Pesquisa: Quantitativo.	
CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	
Objetivo: Avaliar o efeito de uma breve visita à terapia com animais e uma intervenção comparativa ansiedade em crianças hospitalizadas.	
Palavras-Chave: Animal Assisted Therapy; Pediatric nursing; Anxiety; Complementary therapies.	
Sujeitos da Pesquisa: Crianças hospitalizadas.	
Área da Pesquisa: Enfermagem.	
Tipos de Intervenção: TAA.	Bem-estar: Não.
Método: Experimental.	Adestramento: Sim.
Animais Coterapeutas: Cão.	Porte: Não especificado.
Atividades Desenvolvidas: visita de cães treinados ao leito das crianças hospitalizadas.	
Possíveis Riscos: O estudo demonstrou algumas limitações. Esta foi uma amostra de conveniência e não se sabe como as famílias que escolheram participar do estudo podem ter diferido de crianças e famílias que não participaram.	
Possíveis Benefícios: Diminuição dos níveis de ansiedade das crianças hospitalizadas.	
Resultados: Os resultados do estudo fornecem suporte para uma breve terapia com animais de estimação visita com um cão e treinador treinados como uma ferramenta para diminuir a ansiedade em crianças hospitalizadas. As conclusões deste estudo acrescentam ao corpo de conhecimento relacionado a estratégias não farmacológicas para aumentar o bem-estar em ambas as crianças atendidas no hospital e em suas famílias.	